

O CHAPÉU
DAS FITAS
A VOAR

AGUSTINA BESSA-LUÍS

O CHAPÉU DAS FITAS A VOAR

Seleção e organização
MANUEL VIEIRA DA CRUZ
LUÍS ABEL FERREIRA

GUIMARÃES EDITORES
LISBOA

© Agustina Bessa-Luís
© Guimarães Editores, S.A.
Rua da Misericórdia, 68
1200-273 Lisboa
Impresso em Portugal

SUMÁRIO

<i>Nota editorial</i>	9
DENTES DE RATO	11
Parte I – Dentes de Rato.	13
Parte II – Vento, Areia e Amoras Bravas	55
CONTOS AMARANTINOS.	117
TRÊS HISTÓRIAS MAIS	133
<i>O Soldado Romano</i>	135
<i>O Dourado</i>	145
<i>A Memória de Giz</i>	157
A LEI DO GRUPO	169
FRAGMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS	217
<i>Sobre a origem dos textos</i>	229
<i>Índice</i>	235

NOTA EDITORIAL

*O infinito cabe num dedal de terra;
as mais belas histórias
são articuladas na dimensão da infância,
quando tudo parece imenso e é pequeno.*
Agustina Bessa-Luís

O título do presente volume pertence a Agustina Bessa-Luís, como se pode comprovar pela leitura da passagem em que, ao evocar uma das avós, regista: «Deu-me um chapéu caríssimo, de feltro branco com fitas que, ao voar, me causavam prazer. *O Chapéu das Fitas a Voar* parece um nome para um livro que eu, qualquer dia, escrevo.» Podemos afirmar, com verdade, que Agustina escreveu – foi escrevendo – este livro que nomeou; só não podemos asseverar que tenha determinado com precisão o seu conteúdo. A Alberto Luís e Mónica Baldaque agradecemos os elementos disponibilizados, os importantes esclarecimentos e a confortante confirmação do caminho escolhido.

Reúnem-se neste volume da «Obra Completa» de Agustina Bessa-Luís sete obras antes editadas autonomamente, em diferentes circunstâncias, ao longo de um quarto de século. Todas foram publicadas com ilustrações, e com exceção da sétima apareceram tendo os «mais novos» como destinatários privilegiados.

Dentes de Rato é uma quase-autobiografia em duas partes – a primeira (1987), relativa à infância; a segunda, que recebeu o título *Vento, Areia e Amoras Bravas* (1990), relativa aos tempos de juventude. Autobiografia «quase» porque levemente ficcionada – basta notar que a protagonista se chama Lourença; um irmão será Falco; uma prima transforma-se em «irmã», Marta. Mas já os tios António e Amélia guardam o nome de baptismo; e é precisamente esta última – a figura real que inspirou a Sibila da ficção – quem depois irá narrar dois dos brevíssimos *Contos Amarantinos* (1987).

Seguem-se três livros diferentes, três histórias mais: *A Memória de Giz* (1983), *O Soldado Romano* (2004) e *O Dourado* (2007). Giz é diminutivo de Gisberto, criança que aceita vender um dom prodigioso e se descobre com a identidade apagada. Nas palavras da Autora, trata-se de «uma história sobre a memória e uma fantasia sobre a aprendizagem». As outras duas talvez o sejam também, cada uma a seu modo. Ou este livro todo.

Surge depois a narrativa antes publicada como *O Livro de Agustina* (2002), afinal o texto que mais claramente se assume como de cariz memorialístico. Neste texto – tal como em *Dentes de Rato* – a Autora refere retratos de família, que tinha presentes enquanto escrevia; alguns permanecem inéditos, outros não. Mas a palavra autonomizou-se das imagens fotográficas – pelo que a publicação destas, a fazer-se, deverá ser em álbum, não na «Obra Completa». Entretanto, o leitor será mais livre para reconstituir tais imagens; como livre será para descobrir por si os fios que entre si unem todos os escritos deste volume que tem nas mãos, e reconhecer como se ligam no universo da Autora.

No final, apresentam-se ainda três outros textos: «A minha biografia» (transcrição de fragmento manuscrito, subitamente interrompido e não datado); «Colóquio» (dactiloscrito datado de 1973); e «Para Vila-Meã» (manuscrito de 31 de Dezembro de 2002, destinado a ser lido na terra-natal). Da longa lista que elaborámos, decerto não exaustiva, seleccionámos não outros, mas estes – também porque, aparentemente, os escolhidos permaneciam inéditos. Mas podíamos ter incluído certas páginas que se encontram nas colecções de escritos dispersos *A Alegria do Mundo* (2 vols., 1996 e 1998) ou *Contemplação Carinhosa da Angústia* (2000); ou tantas e tantas outras, por entre a ficção – de obras como *Os Incuráveis* (1956) ou *Memórias Laurentinas* (1996). Ou a Obra toda: «escrever romances é uma maneira sedentária de multiplicar a nossa história».

Como diz ainda Agustina, «Felizes os que chegam a uma idade longa com as recordações dos primeiros anos. Porque nada melhor que a companhia dessas memórias douradas para nos fazer acreditar na imortalidade.»

MVC / LAF

DENTES DE RATO

P A R T E I

D E N T E S D E R A T O

LOURENÇA

Lourença tinha três irmãos. Todos aprendiam a fazer habilidades como cãezinhos, e tocavam guitarra ou dançavam em pontas dos pés. Ela não. Era até um bocado infeliz para aprender, e admirava-se de que lhe quisessem ensinar tantas coisas aborrecidas e que ela tinha de esquecer o mais depressa possível. O que mais gostava de fazer era comer maçãs e deitar-se para dormir. Mas não dormia. Fechava os olhos e acontecia-lhe então uma aventura bonita, e conhecia gente maravilhosa. Eram as pessoas que ela via no cinema ou que ela já tinha encontrado em qualquer parte, mas que não sabia quem eram. Não gostava de ninguém que se pusesse entre ela e a imaginação, como um muro, e a não deixasse ver as coisas de maneira diferente. Não gostava que lhe tocassem e, sobretudo, que a gente grande pesasse com a grande mão em cima da sua cabeça. Apetecia-lhe morder-lhes e fugir depressa. Mas não fazia nada disso. Ficava quieta e olhava para a frente dela, cheia de seriedade. Isto tinha o efeito de causar estranheza, e diziam sempre que ela era uma menina obediente e sossegada. Mas retiravam a mão. Tinham-lhe posto o nome de «Dentes de Rato», porque os dentes dela eram pequenos e finos, e pela mania que ela tinha de morder a fruta que estava na fruteira e deixar lá os dentes marcados.

— Já aqui andou a «Dentes de Rato» — diziam os da casa, escandalizados. Viravam e reviravam as maçãs, e em todas havia duas dentadinhas já secas e onde a pele mirrara. Era uma mania que ninguém podia explicar.

Durante seis semanas, Lourença vivia na praia com os irmãos. Eram três, como eu disse. Artur, o mais velho, que tinha uma vida

misteriosa, como todos os rapazes de doze anos; Falco, que era Francisco, e ainda fazia toda a espécie de asneiras, mesmo a de beber tinta de escrever vermelha porque lhe parecia uma bebida agradável, ou comer sabonete, e coisas assim. E, por fim, o terceiro, uma rapariga, muito mais velha e que se parecia extraordinariamente com uma pessoa adulta. Lourença nem a considerava uma irmã. Passava o tempo a mudar de roupa, a ocupar o telefone com conversas incompreensíveis e a ler livros em voz alta. A isto ela chamava estudar. O nome dela era Marta, mas preocupava-se muito a esse respeito e mentia, dizendo umas vezes que se chamava Helena, outras vezes que era Diana. Sofria enormes desgostos com coisas em que ninguém reparava, e era capaz de chorar durante duas horas porque o pai se rira do seu penteado ou duma palavra difícil que ela dizia, pondo-se muito tesa e com a cabeça de lado, como se estivesse num poleiro. Lourença olhava para ela e achava-a uma senhora. No entender dela, uma senhora era a coisa mais aborrecida que há.

Aos quatro anos, Lourença tirou o retrato com Falco vestido de marinheiro e com a perna cruzada. Ela segurava na mão um cãozinho de pano, um bocado sujo e que o fotógrafo lhe emprestara para a ter distraída. Não teve graça o ter de segurar aquele brinquedo imundo que ela nunca escolheria num bazar. Nessas coisas era muito esquisita. A mãe não a entendia e nunca percebeu nada dos gostos de Lourença.

– As crianças são assim – dizia, como se falasse do Entrudo, em que tudo era um bocado disparatado. O que Lourença mais admirava era o vaivém em que andavam as pessoas. Nunca estavam muito tempo num lugar e mostravam-se agitadas, tinham dores de cabeça se paravam.

– Dói-me a cabeça – dizia a mãe. E punha na testa um pano molhado com vinagre. Também tomava umas pílulas pretas que dizia serem de ferro. Falco provou uma e deitou-a fora.

– É como uma caganita de cabra, mas mais dura – disse ele.
– De ferro não é.

Falco tinha sempre o cabelo espetado e vinha um barbeiro a casa todas as semanas para o aparar. Doutro modo parecia um pêlo-de-aramé. Uma vez o barbeiro também cortou o cabelo de Lourença e, quando acabou, fez com que ela se visse no grande espelho da sala de jantar. Pegou nela ao colo e apontou para o espelho.

– Parece um rapazinho – disse ele.

Isto afligiu tanto Lourença que começou a chorar. Chorava tanto que acudiu toda a gente da casa. Uns riam-se, outros tratavam de a consolar; mas Lourença estava desesperada. Acreditava que estava mudada em rapaz e que perdera os braços, as pernas, a cara de menina. Era um grande desastre, e não se podia conformar. Um rapaz era completamente outra coisa; davam fortes dentadas no pão e andavam sempre esmurrados. Achava-os feios. Por fim, o seu tio António comoveu-se, quando chegou da rua e a viu naquele estado.

– És uma rapariga moderna. Podes fumar e beber conhaque. O cabelo curto fica-te bem.

O tio António tinha o dom de convencê-la. Era um homem novo que aparecia raramente e que tratava os sobrinhos como se fossem sacos de batatas. Puxava-lhes os cabelos e dava-lhes fortes palmadas. Nunca se sabia se ia pegar-lhes pelo cinto e suspendê-los no ar, divertindo-se a vê-los espernear.

– Tens brincadeiras muito pesadas – reprendia a mãe. Lourença viu o lado bom do seu desgosto; Tio António não podia agarrá-la pelos cabelos e puxar por eles até que ela se mostrasse paciente, como se estivesse morta. Não se podia mexer nem gritar; e ele então largava-a. Lourença achava-o um bocado perigoso, mas divertido. Contava coisas do tempo em que viveu em África e das caçadas que lá fizera. Falava dos leões e doutros animais que grunhiam e lutavam debaixo da casa que ele tinha na selva e que estava segura por estacas acima do chão. Tio António era engenheiro e andara no mato a traçar caminhos-de-ferro, vestido como um verdadeiro explorador, com botas altas e um capacete forrado de cortiça para se defender do calor. Tinha agora um carro grande, descapotável, de cor verde, que lançava a toda a velocidade nas estradas. Uma

vez levou Falco e Lourença com ele, e o vento tirou-lhes as boinas, que nunca mais viram. Tio António não era pessoa para parar para apanhar uma boina.

– É um doido, não gosto nada que as crianças andem com ele – disse o pai de Lourença. Quando dizia estas coisas, baixava o jornal que estava a ler e depois levantava-o outra vez diante da cara. Era como se não tivesse dito nada.

Viviam numa casa pequena dentro dum terreno tão amplo que ela parecia a casa dos sete anões numa clareira da floresta. Dentro dela todos tropeçavam, e a mãe fazia o possível para os mandar para fora. Só ficava a cozinheira e nem os gatos lá paravam para comer. Comiam no pátio, mexendo a cauda como se estivessem inquietos e esperassem um ataque dalgum inimigo.

O pai era sensacional uma vez por ano. No Carnaval comprava um saco de serpentinas e tantos *confetti* que eles apareciam na bainha das calças e nas costuras dos vestidos muito tempo depois de terem sido jogados. Havia serpentinas douradas e outras de papel de seda que se desenrolava em cinco fitas de cores diferentes. Também tinham bisnagas com perfume e, às vezes, Marta deixava que Lourença se fantasiasse com as roupas dela. A mãe emprestava-lhe um leque e frisava-lhe o cabelo; e ela parecia uma cigana. Para fazer melhor efeito, Falco pintou-a com tintura de iodo diluída em água, dizendo que era assim que Marta se fazia morena, duas semanas antes de ir para a praia. A mãe, primeiro achou que Lourença tinha apanhado uma doença, e depois bateu-lhe e disse muito alto que ela lhe causava grandes arrelias. Também se queixou de dores de cabeça e mandou-a para o jardim. A Falco ela nunca batia; parecia respeitá-lo como se fosse a aia dele e não ouvia quando alguém o acusava. Artur era grande demais para levar a sério a mãe e ria-se e brincava com ela, se ela lhe ralhava. Isto desarmava-a. Quanto a Marta, ela arranjou um namorado na praia, e a mãe passou a tratá-la com cerimónia. Estava sempre a elogiá-la e a dar-lhe prendas. E algumas vezes punha-se a chorar e dizia que os filhos a abandona-

vam. Lourença tinha medo dessas ocasiões, porque a mãe acabava sempre por gritar com ela e mandá-la sair de casa.

Isto de ter de sair para o jardim era um castigo que a fazia sofrer muito. Não dava a entender que sofria, senão aquilo podia repetir-se mais ainda. Fingia gostar, até. Mas a verdade é que preferia estar dentro de casa e de sentir o cheiro da casa. O cheiro da canela em cima do creme quente; o cheiro da cera no chão e da água em que se misturou o sabonete do banho. O quarto da mãe cheirava a coisas difíceis de entender. Havia um cheiro especial de papel aromático, quando alguém ficava doente; o papel ardia sem deitar chama, e um fumo branco voava como uma fita no ar. Parecia um daqueles génios que vivem em garrafas e que são capazes de fazer coisas maravilhosas. «Se eu pudesse chamar um deles – pensava Lourença –, isso assustava-me. É melhor não o poder fazer.» E perguntou a Falco:

– Se tivesses um génio dentro duma garrafa davas-lhe liberdade?

Falco pensou um pouco.

– Qual génio? És parva – disse ele.

Nunca se entendiam em conversas daquelas. É muito difícil ser-se amigo íntimo dum irmão ou duma irmã. Gosta-se deles, mas não se tratam com a confiança que às vezes um estranho nos merece. Finge-se que tudo é natural para enganar a curiosidade que se tem pelo corpo que está ao nosso alcance e que é belo de ver e de tocar. Falco espreitava as irmãs quando elas estavam no quarto e fazia isso com muita habilidade. Parecia não ver nada quando entrava e, se elas se escondiam ou lhe ralhavam, dizia que tinha batido à porta e perguntado se podia entrar. Lourença não percebia porque Marta era tão descuidada e não se fechava à chave quando estava a tomar banho.

– Pode dar-me uma coisa e morrer.

– Se morreres sempre havíamos de saber. Até porque dentro de água apodrecias mais depressa e o cheiro não deixava que ficasses ali esquecida – disse Falco. Ele gostava de sugerir quadros de terror; sobretudo quando via os irmãos a comer com apetite uma coisa

saborosa. Falava de lagartas esmagadas e contava como se sangravam as lampreias. Também sabia como se aplicavam sanguessugas atrás das orelhas das pessoas e como ficavam inchadas de sangue. O barbeiro Natinhos espremia-as e voltava a usá-las como se fossem seringas. Ninguém suportava ver aquilo senão Falco.

– Não és nada um valente, és um selvagem – disse Marta. Mas via-se que tinha por ele certa predilecção. Gostava de o pentear e de o cobrir de noite, se o via atravessado na cama, a ressonar alto, com os olhos meio abertos. Sonhava sempre com perseguições e quedas de grande altura, e às vezes gritava e acordava toda a gente, em especial Marta, que tinha o sono leve. Falco dormia sozinho num quartinho que a mãe forrara de papel com árvores castanhas. De longe a longe, via-se uma casinha no meio das folhas, e Falco esperava que alguém saísse de lá. Isso acontecia quando ele ficava doente e a lamparina se mantinha acesa no quarto toda a noite. Lourença achava que o tremor da luz no tecto fazia mais medo do que a escuridão completa.

Ela dormia no mesmo quarto com a irmã e tinha a sua maneira de viver só, mesmo com Marta a ocupar todo o espaço. Ela enchia tudo com os seus frascos, roupas de baixo e de cima, cartas, revistas e escovas. Tinha uma cama larga pintada de branco onde ela nunca se deitava sem sacudir as almofadas e levantar os lençóis, com medo das aranhas e das centopeias. A cama de Lourença era mais pequena e ainda tinha marcas das grades; quando fez cinco anos, Lourença disse que não queria mais grades na cama. Riram-se dela, mas o pai concordou e até mandou um carpinteiro aumentar dois palmos à cama, que ficou esquisita. Falco achou que ela parecia uma jangada, mas Lourença, longe de se desgostar, imaginava correr os sete mares em cima dela. Acordava cedo e preparava-se para viajar em cima da cama. Sem dizer uma palavra, mexia-se dum lado para o outro, inventando encontros e cenas com pessoas invisíveis. Marta habituou-se àquilo e não lhe fazia a menor pergunta nem a interrompia. Era como se Lourença e a cama não existissem. Mas ela estava lá, e era uma vez uma piroga a deslizar aos solavan-

cos no rio Amazonas enquanto que enormes peixes-boi passavam por baixo e a punham em risco de ser virada; outras vezes era um transatlântico com tombadilhos onde se podia ver o mar cheio de sol; e os peixes voadores davam saltos de que Lourença se defendia com muita dificuldade. Nesses momentos, Marta, se vinha do quarto de banho com uma toalha enrolada na cabeça, olhava para ela estupefacta. Lourença pensava imediatamente que ela era a princesa Vasti, a primeira mulher do rei Assuero, tão perfumada, altiva e bonita Marta lhe parecia. E a cama transformava-se numa galera com escravos a remar. Até ouvia o bater dos remos na água, e enchia-se de pena porque entre os remadores estava um jovem de grande beleza que fora capturado.

Lourença, aos seis anos, sabia muitas coisas que ninguém suspeitava. Guardava-as para ela, porque as pessoas que nos conhecem de perto não são capazes de nos levar a sério. Artur ria-se da sabedoria de Lourença, a ponto de ela julgar que se tratava de algo de feio. E o próprio pai baixava o jornal para olhar para ela de maneira divertida. Lourença não compreendia como os adultos tratavam a gente pequena daquela maneira: como se fosse só números de circo e mais nada.

Quando Falco chegou à idade de aprender a ler, não foi à escola como os outros meninos. Era um rapazinho débil a quem aconteciam todos os desastres possíveis. Guiomar, uma amiga da mãe, dizia que Falco procurava ser protegido e amado, e por isso sempre se metia em sarilhos. Mas a verdade é que passava o Inverno na cama, com um pouco de febre e a comer batatas fritas. Não gostava de aprender, ainda que fosse muito engenhoso e inventivo. Dona Inês, a professora dele, não o apreciava nem o ajudava muito. Era uma senhora pequenina, com pernas gordinhas muito bem calçadas com meias brilhantes e muito caras. Tinha um sinal na cara que encantava Lourença. Punha-se a olhar para ele esperando vê-lo voar, porque lhe disseram que se chamava «mosca». Ainda que fosse nova demais para receber lições, assistia às aulas de Falco. Em breve lia o jornal sem que ninguém adivinhasse; e estava a par das notícias

e dos folhetins. O primeiro que leu foi *Sem Família*, uma história triste e um bocado tola. A mãe discutia o enredo com grande emoção, e Lourença achava que ela exagerava. Depois publicaram outras coisas mais apaixonantes e por elas Lourença ficou a saber a vida de Lucrecia Borgia e de Rosa Vanossa, a senhora mãe dela que era amiga do Papa. Aprendeu a calar-se a respeito dessas leituras; e quando Dona Inês lhe trazia as *Histórias de Rebolinho*, um menino gordo que se embebedou com medronhos, fingia que achava uma beleza tudo aquilo. Era simplesmente uma maçada e só as crianças atrasadas podiam gostar daquilo.

A mãe procurava fazer de Lourença uma menina maravilhosa; escolhia para ela vestidos com florinhas, soltos como camisas, o que a aborrecia. Sonhava usar modas extraordinárias e saltos altos, o que acontecia quando imaginava as peripécias das suas próprias histórias antes de sair da cama. A famosa cama era como um palco e em que os travesseiros eram personagens tão cheias de carácter como de lã de ovelha. Decerto era porque o colchão tinha dentro também lã de ovelha, que Lourença pensava estar no alto-mar. Baloiçava em cima da cama como se ela saltasse em cima das ondas, e isto sugeria-lhe acontecimentos passados a bordo dum navio. Uma vez tratava-se de histórias românticas, outras eram histórias de crimes. Não era raro um travesseiro ir pela borda fora, e Marta dizia:

– Que estás a fazer, criatura? Apanha isso.

Ela não podia entender o que era um corpo lançado desde o tombadilho quando havia tubarões no rasto do barco. Mas também estava tão entretida a soprar o verniz das unhas, que não pensava a sério em mais nada.

Nesse tempo, porque Marta deixou o colégio onde estava como interna e se recusou a voltar para lá porque não era muito de rezar e fazer contas, o pai mudou a família para uma terra muito especial. Era à beira-mar e tinha uma quantidade de escolas, liceus e colégios, assim como igrejas e capelas por toda a parte. Além disso, havia um cinema e um café-concerto, além dum pequeno casino. Toda a gente ficava servida, e no Verão não era preciso mudar de

lugar para ir a banhos e divertir-se. Todo o ano havia procissões e outras festas, e era uma terra sempre cheia de novidade. Em breve se conhecia toda a gente, o que fazia, e as casas onde essa gente vivia. Lourença entrou para as *primeiras letras*, e houve uma certa confusão com ela. Sabia demais, mas não tinha feito exame nenhum. As professoras olhavam para ela com aborrecimento. Preferiam que ela fosse ignorante e que começasse pelo princípio. Experimentaram deixá-la na primeira classe, mas Lourença lia tão bem e estava tão segura de si que incomodava a professora. Era uma freira bonita e que corava muito quando tinha que mostrar autoridade. Lourença punha-se a olhar para as botinhas pretas que ela usava e que apareciam debaixo da saia, e pensava onde ela teria ido buscá-las. Era coisa que ninguém vendia mais em parte nenhuma.

O caso de Lourença foi discutido e ela teve que ser examinada por cinco professores, incluindo a Mestra-Geral. Esta era uma senhora que vivia dentro dum quiosque, no pátio do colégio, como se vendesse selos e revistas. Via dali tudo o que se passava e, como nos quiosques, tinha lá dentro um frasco de rebuçados que dava como prémio às mais pequenas. Lourença ficava orgulhosa quando recebia algum, apesar de Falco lhe dizer que eram rebuçados muito baratos e melados pela humidade.

Falco ia ao colégio para ter aulas de doutrina cristã. Uma freira tão velha que parecia um pepino em vinagre vinha à sala ensinar-lhe os mandamentos. Com a ponta do avental preto tapava as pernas de Falco, porque ela era do tempo em que os meninos traziam meias altas e calções até aos joelhos. Lourença não se ria; achava que ela tinha razões para ficar tão penalizada ao ver as pernas de Falco. Na verdade, pareciam duas trombinhas de elefante, e essa ideia enjoava Lourença. Mas Falco ia para casa e divertia a mãe a contar aquelas coisas. Lourença não achava assim tão engraçado, porque gostava da velha madre. Consta que ela não tinha um só cabelo na cabeça, e Lourença pensava na maneira de ver se isso era certo. Porém, a touca dela e o véu espetado com alfinetes na touca pareciam bem seguros.

No segundo trimestre mudaram Lourença de classe, e ela ficou esquecida entre vinte meninas mais crescidas e que olhavam para ela com indiferença. Ali, a professora gritava constantemente e vivia preocupada em encontrar erros de ortografia. Marcava-os a lápis vermelho, arreganhando os dentes, como se fizesse sangue com o lápis na pele das alunas. E abanava a cabeça com ar colérico. Exagerava muito as coisas. Por exemplo, gostava de inventar pretextos para aplicar reguadas nas mãos das alunas. Lourença achava aquilo um pequeno desastre, como chover quando era a hora do recreio; tinha que ter paciência. Nada tinha a ver com o bem e o mal. Era só um contratempo.

A terceira classe era a mais indisciplinada e a que sofria mais castigos. Não porque as meninas fossem diferentes das outras, mas o feitio da professora tornava-as descaradas e maliciosas. Tinham prazer em desafiá-la e descobriam que tinham gostos e vontades, assim, porque a desafiavam. Lourença não gostava da mestra, mas aprendeu algumas formas de dissimulação muito habilidosas graças a ela. Era melhor não ter motivos para gostar dela do que ter de amar as professoras mais elegantes e sabedoras. Algumas eram mesmo capazes de tornar uma pessoa triste e infeliz só com distribuir e recusar amor como se fosse pão quente.

A melhor maneira de passar o tempo de aulas era não dar muito na vista. Lourença escondeu que dava pelo nome de Dentes de Rato, para não ter de aceitar isso publicamente. Uma ofensa com imaginação é carinho; mas com troça é mais do que ofensa, porque se serve daquela espécie de amor que há na imaginação para ferir. Claro que Lourença não pensava nas coisas desta maneira; tinha só seis anos e andava ocupada em pequenas explorações, assim como ver qual dos amigos de Falco era maior e reparava nela. Sentava-se num banquinho no jardim e dava à manivela da sua pequena máquina de costura, com um ar de boa operária. Mas não perdia de vista os jogos de Falco com os outros rapazes, quase sempre muito mais crescidos do que ele. Tratavam Lourença com ternura e os olhos deles pareciam velados de lágrimas quando falavam

com ela. Quando viam Marta, que se mostrava na varanda da cozinha como se fosse dar a sua *écharpe* branca a um cavaleiro com lança e escudo, eles coravam e perdiam a alegria de brincar. Marta ria-se deles e não voltava para dentro tão depressa como seria de esperar.

Marta não era uma irmã muito prestável. A mãe recomendava que levasse Dentes de Rato pela mão e não a largasse, quando iam para o colégio. Mas Marta esquecia-se de Lourença dez passos adiante de casa porque encontrava amigas e conversavam como se não se vissem há cem anos. Eram todas um bocado tolas e não se percebia do que falavam, porque nunca acabavam uma conversa. Davam gritinhos e, às vezes, até se empurravam e caíam abaixo do passeio, soltando a pasta dos livros. Marta gostava de levar os livros na mão, e nunca lhes punha capa. Gostava que vissem que era uma aluna adiantada e tomava ares severos quando passava pelas senhoras Caldas. As senhoras Caldas trabalhavam em malhas para fora e sabiam a vida de toda a gente. Eram muito altivas com as raparigas pobres e enchiam-nas de conselhos inúteis.

Dentes de Rato não se importava nada com a pouca atenção da irmã. Com excepção das quartas-feiras, porque nesse dia da semana havia feira da lenha no terreiro em frente ao hospital e elas tinham de passar por lá. Os carros carregados de lenha para os fogões vinham dos arredores e eram puxados por bois amarelos. Tinham chifres tão grandes e estavam tão chegados no campo da feira, que se ouvia sempre um ruído de paus. Lourença tinha muito medo dos bois. Os olhos deles eram parados e não se sabia se eram mansos ou bravos. Às vezes, se não estavam bem presos aos troncos das árvores, que eram plátanos muito antigos, davam corridas e ficavam imóveis como estátuas, mais adiante. Lourença, quando acordava de manhã, e pensava que era quarta-feira, sentia-se infeliz e não tomava com prazer a sua chávena de chocolate. Mas nunca dizia nada. Ninguém ia perceber um medo como aquele, e podiam dar-lhe explicações que não mudavam coisa nenhuma. O que ela queria era que Marta a segurasse com força pela mão; mas nem isso servia, porque os bois não conheciam Marta nem

se importavam com que ela fosse bonita e ajuizada. Os bois eram outra coisa; a boca deles fumegava devagar enquanto mascavam palha, e pareciam fumar de maneira pensativa. Mademoiselle Sara, que tomava conta dos recreios e das aulas de estudo, dizia que eles eram um exemplo de obediência. Mas Mademoiselle Sara dizia muitas parvoíces. Era toda mimos e elogios para as alunas ricas e gostava de as ter como amigas. Às vezes convidavam-na para passar as férias com elas, e Mademoiselle Sara voltava diferente. Ficava mais calada e servia-se à mesa segurando os talheres com as pontas dos dedos. Era tão gorda e grande que não havia futuro para ela. Não se podia imaginar Mademoiselle Sara casada. Artur dizia que ela servia para um *vicking* e que podia beber tanto hidromel quanto quisesse até ficar cansada. Não parecia muito próprio de Mademoiselle Sara querer cansar-se a beber hidromel.

Ela gostava de poesia e estava sempre a encontrar as coisas mais diferentes deste mundo. Achava que um moinho se parecia com um avô. As velas a girar devagar eram como as barbas do avô. Além do mais, esse avô fumava cachimbo e sorria docemente. Enfim, um avô que ninguém tinha. Dentes de Rato não conhecera nenhum dos avós; viu um deles, na cama, já muito velho, e lembrava-se que ele lhe estendeu os braços para a ajudar a subir. Não se lembrava de mais nada. A cama tinha bolinhas de metal amarelo, e ainda estava na casa onde os avós tinham vivido. Mademoiselle Sara com certeza não vira nenhum avô na vida.

Ela apareceu no colégio novo, que estava organizado para receber muitas alunas e precisava de vigilantes por todo o lado. No colégio velho não era assim.

O COLÉGIO VELHO

Primeiro que tudo, ele não se parecia com um colégio. A casa era muito antiga e estava sempre escuro lá dentro. A Mestra-Geral não gostava daquilo. Passava o tempo a falar de «janelas rasgadas» e trazia debaixo do braço rolos de papel que abria em cima das mesas. E voltava a falar de janelas rasgadas. Como Dentes de Rato não perguntava nada (não tinha suficiente confiança nas explicações que podiam dar-lhe), ainda andou muito tempo sem perceber. Por fim, leu em qualquer parte que janelas rasgadas era o mesmo que *olhos rasgados*. Nada tinha que ver com o seu bibe que se rompia nos bolsos à força de os usar, ou o avental da cozinheira, gasto na barriga porque ela se encostava à pia de lavar durante horas inteiras. Era como os olhos de Falco, grandes e abertos, e que a mãe gabava muito. As janelas do colégio novo seriam como os olhos de Falco, mas em maior quantidade.

O colégio velho funcionava como um convento. Tinha freiras velhas, que andavam com passinhos miúdos e não sabiam praticamente nada senão rezar e coser roupa. Algumas bordavam e ensinavam piano. Lourença sentia-se bem junto delas. As pessoas ignorantes sabem mais viver com as crianças do que as outras. Madre Figueiredo sabia quando uma das meninas tinha as calcinhas molhadas, e lavava-as sem ninguém ver para não a envergonhar. Escondia a menina no quarto dela durante uma hora (o que era expressamente proibido) e trazia-a depois já limpa e contente. Se não fosse tão baixinha e de nariz tão vermelho, parecia uma santa, Madre Figueiredo.

Havia grilos na aula de labores e cantavam na obscuridade, dentro das gaiolinhas com grades de arame. Morriam de repente em

cima da folha de alface, e ninguém percebia porquê. A professora de ciências, uma secular, não sabia também coisa que prestasse sobre grilos. Aprendera só a dar lições sobre o pato e o boi, o que era muito pouco. Ela tinha uma barriga que crescia e encolhia constantemente, e as alunas grandes riam-se disso. Mas a Mestra-Geral gritava muito alto, e elas calavam-se. Depois dizia a porteira:

– Nasceu um anjinho à dona Berenice. – E o colégio ficava outra vez um bocado murcho e sem novidades.

A porteira tinha o curso de enfermagem e assustava as mais pequenas quando olhava para elas com atenção. Descobria logo quem tinha sarampo ou quem precisava dum purgante. As mãos duras que ela tinha cravavam-se no braço das *internas* e levava-as para a enfermaria. Era muito poderosa. Só o médico a fazia obedecer, e ela recebia-o sempre com grande respeito. Usava um avental azul e a touca era de pano mais grosseiro, para se diferenciar das mães professoras ou que tinham levado dote com elas.

– Que é um dote? – perguntou Marieta às suas amigas, as grandes. Tinha mais de quinze anos e aprendera a ler a muito custo.

– Dote é dinheiro ou coisa que o valha – respondeu Arnalda, a mais bonita de todas. Ela era órfã e pobre, como nas histórias, e Lourença admirava-a por isso. Era educada por favor, e umas tias que ela tinha mandavam ao colégio doces cobertos com um guardanapo.

– O dote de Arnalda é de caramelos – disse Marieta, um dia. Todas fizeram troça dela, mas se viam chegar a bandeja dos bolos diziam que era «o dote de Arnalda».

Quando morreu um grilo, um pouco antes das férias grandes, enterraram-no no jardim e fizeram um cortejo fúnebre. Cantaram hinos tristes, e o grilo parecia capaz de ressuscitar na caixinha do algodão *perlé*. As mestras mais novas censuraram aquilo, mas Madre Figueiredo só abanava a cabeça e tinha um sorrisinho quase malicioso, e nesse momento ninguém podia pensar que ela era santa.

Dentes de Rato nunca chegou a saber onde se estudava, no Colégio Velho. Mal entrava no pátio, onde estava na sua guarita

a Mestra-Geral, como uma sentinela, só encontrava corredores e portinhas fechadas com um trinco que já não havia. Os banquinhos de costura estavam alinhados contra a parede e era preciso deixá-los tal e qual e apanhar as linhas do chão. Havia sempre duas ou três meninas acanhadas que faziam isso a troco da simpatia das outras. Lourença achava-as medrosas e não gostava de lhes falar. Tinha também pena delas; mas era uma pena que lhe dava vontade de vomitar, como quando comia tremoços.

As *grandes* eram a coisa mais bonita que havia no colégio. Já tinham idade de casar e só por muito favor recebiam Marta no seu bando. Ela tinha só doze anos e esforçava-se por perceber as conversas das outras mais velhas. Eram conversas muito complicadas, os risos delas não deixavam entender nada. Mas Marta fingia seguir tudo com esperteza, e acabava por tirar proveito e entrar no segredo. Dentes de Rato olhava para a irmã com espanto. Ela parecia-lhe outra pessoa, tão corada e com aquele olhar humilde, como se quisesse comer uma banana e não a deixassem. Lourença tinha esta ideia porque gostava muito de bananas e a mãe não permitia que as comesse. «São quentes para os intestinos» – dizia. Dentes de Rato não percebia como podiam chegar quentes às suas tripas coisas como essas.

Um dia chegou em que comeu bananas até se fartar. Foi quando a convidaram para um casamento. Era o irmão de D. Inês, a sua professora das primeiras letras, que se casava. Dentes de Rato só tinha que apresentar as alianças numa bandejinha de prata. Era uma coisa simples de fazer, mas toda a gente estava atrapalhada e dava ordens para todos os lados. Lourença acabou por não saber nada, e outra menina levou as alianças em vez dela. Lourença suspeitou que ela já tinha aquilo na ideia há muito tempo. Era uma menina refilona e espevitada a quem toda a gente achava graça. Contudo, Lourença devia estar mais encantadora com um vestidinho de tafetá branco e um ramo de flores cor-de-cereja no ombro. Quando ela passou disseram as mulheres, em duas filas à entrada da igreja:

– Que lindo anjinho!

Dentes de Rato achou aquilo pouco elogioso, não sabia porquê. Os anjinhos eram meninos mortos, ou então os que saíam da grande barriga de D. Berenice, sabe Deus em que estado.

O CASAMENTO DE MIMOSA

A noiva chamava-se Mimosa, o que fazia com que todos achassem graça nisso.

– É Mimosa porque em pequenina lhe davam muito mimo – disse D. Inês, a rir. Mas Lourença percebeu que ela só queria fazer troça de Mimosa. Era como a fada má mas com óculos que relampejavam ao sol. Desde aí começou a gostar da noiva, ainda que nunca a tivesse visto. No dia do casamento, ainda que acordasse cedo, acabou por só estar pronta já tarde. D. Inês veio buscá-la num carro alto que parecia uma cartola, e com ela vinha a outra menina refilona que estava vestida exactamente igual a Lourença. Só o buquêzinho de flores era um bocado diferente.

– Estão arranjadinhas? – perguntou D. Inês quando o carro começou a andar. Lourença não percebeu o que ela queria dizer; mas a outra menina abanou com a cabeça, muito desembaraçada.

– Quer saber se não queres fazer chichi – disse ela. Lourença não lhe deu resposta. Achava-a muito grosseira. Além disso, Dentes de Rato estava preocupada com um grande número de coisas. Como ia saber quando entregar as alianças? Não iam as suas meias escorregar e parecer umas polainas sujas? Tinha chovido e havia lama nos caminhos. E que caminhos tristes, com folhas a cair dos muros e grandes árvores como guardas perfilados! A casa da noiva pareceu-lhe um castelo, tal como se vê nas gravuras. Tinha um alto torreão e era cinzenta. Dava a impressão de estar desabitada, e Lourença não chegou a saber se havia um ogre lá dentro, como suspeitava. A noiva apareceu à porta, rodeada de gente que a ajudava por todos os lados, como se ela não soubesse andar. Entrou para

um automóvel, e Lourença teve de sentar-se aos seus pés. A menina retila não cabia, e D. Inês levou-a com ela.

Mimosa não fazia outra coisa senão dar puxões ao véu e ao vestido e parecia desesperada. Queixava-se duma porção de pessoas e dizia que o bolo de noiva era uma porcária. Um senhor gordo batia-lhe no braço para a acalmar. Estava tão distraído que até se pôs a fazer preguinhas na gola de Lourença com as unhas duras e amarelas. Lourença sentia cócegas no pescoço e mexeu-se.

– Está quieta, mafarrico – disse Mimosa. Tinha uma cara avermelhada e espinhenta, e de repente tornou-se numa senhora casada, com ares sérios e investigadores. Começou a chover, e o senhor gordo aplaudiu e disse que era sinal de felicidade.

– Os meus sapatos! – disse Mimosa. – Vão ficar uma miséria. Nunca mais servem para nada. – Lourença sentia as biqueiras dos sapatos a magoar-lhe a espinha, e achou bem que eles não servissem mais para aquilo.

Divertiu-se muito na festa, a ver as jovens amigas da noiva vestidas como estrelas de cinema, com flores de seda na cinta e colares de pérolas. Pareciam-lhe todas muito bonitas. D. Inês tinha tanto pó-de-arroz na cara que o sinalzinho quase não se via. Ouvia os discursos e limpava os olhos tão tristemente que Lourença tinha vergonha de não sentir nada. Talvez se pensasse nalguma coisa dramática chorasse também um bocadinho. Podia lembrar-se dos desastres da «pequena Joaninha», uma menina bondosa que morreu por engolir alfinetes; mas coisas dessas não serviam para a fazer chorar.

Então trouxeram um cacho de bananas para a frente dela. D. Inês serviu-a de uma banana e voltou a prestar atenção aos discursos. Eram cada vez mais tristes e ela cada vez chorava mais. Uma das damas de honor desmaiou e levaram-na nos braços para fora da sala. Lourença comeu outra banana. Toda a gente trocava brindes e se mostrava arrependida por ter chorado. Lourença comia mais bananas e tinha já um monte de cascas no seu prato. Não sabia como livrar-se delas e parecia-lhe que iam descobrir quantas bananas

comera e dizer à sua mãe. Deitou duas cascas para o chão, mas ainda ficaram muitas no prato.

– Santo Deus! Esta menina vai ficar doente! – disse D. Inês. E juntou as mãos como se fosse rezar. – Quantas bananas comeu, Lourença? Quantas foram?

Lourença achou que ela estava a mostrar-se tão preocupada como se fosse uma criada. As pessoas que mandavam não faziam aquele barulho. Nesse momento, o senhor gordo que amachucara a sua gola de tule levantou-se para falar. Pôs a mão no coração, e um rapaz disse que ele segurava a carteira. Mimosa já não estava na sala e não ouviu o sermão do senhor gordo; Lourença começou a sentir sono e achava que aquele era talvez um ogre com a barriga cheia de carne assada. Tinha modos de farejar no ar o cheiro dos meninos e, decerto, quando ela estivera sentada aos seus pés, ele quis saber se o pescoço dela era tenro.

– Tenho que levar esta criança a casa – disse D. Inês. A noite caía e ouvia-se música. Os pares juntavam-se para dançar e as mesas estavam a ser arrumadas. Com os restos de comida e as nódoas de vinho, aquilo dava um impressão de coisa ordinária.

– É uma maçada... Deixa-a dormir e leva-se mais tarde, quando as pessoas forem embora – disse alguém.

– Não. Prometi entregá-la cedo. – D. Inês estava atarefada com aquela obrigação de vestir o casaco a Lourença e arranjar quem pegasse nela ao colo. Um irmão dela prestou-se a isso, não sem perguntar de maneira sonsa:

– A outra, a Marta, não a convidaste?

– É muito tola e não ia aceitar.

– É pena. É bem bonitinha. – O rapaz pegou em Lourença como num saco e deitou-a ao ombro. Ela percebeu o cheiro da roupa nova e de bisnaga de Carnaval. Dormia e não dormia. Sentiu o perfume das flores que caíam em cachos pela varanda e viu, com desgosto, as luzes através das janelas que iam ficando à distância. A festa era uma coisa que estava perdida para sempre; não podia ficar nem ver toda essa gente que ria e dançava. A pena encheu o

seu coração e tornou-se tão grande que parecia maior do que todo o corpo. Inchava, e Lourença não podia mais. As coisas assim sem remédio não deviam existir. Quando D. Inês se despediu pondo a mão na sua cabeça, o que acabou de a desesperar, Lourença rompeu em pranto. Ela própria se espantava como podia chorar tanto.

– Mas, Lourença, porque não disse que queria ficar mais tempo? – disse D. Inês. A mãe pediu-lhe que não fizesse caso. E, entre lágrimas vivas e grandes soluços que saíam do peito como quem destapa o ralo duma banheira, Lourença achava-as a ambas hipócritas. Ela calara-se, mas era uma maneira especial de calar-se; via-se logo que ela queria estar ali até o último convidado sair. Mas pedir, isso ela não pedia. Percebia que D. Inês estava morta por livrar-se dela, e aquilo ofendia-a.

Quando ela se foi embora, Lourença, no grande quarto de dormir da mãe, chorou ainda algum tempo de maneira que parecia não poder parar nunca. Depois consolou-se com um prato de arroz requentado, como se fosse uma pobre e não comesse há muito tempo. A mãe disse, maravilhada:

– Mas como é isto? Não deram de comer a esta criança?

Dentes de Rato, porém, comera bem, sem falar das bananas todas que engoliu e das nozes de chocolate. Era o cheiro da casa que lhe abria o apetite; aquele cheiro familiar de coisas conhecidas e guardadas na memória do coração. O arroz arrancado do tacho com um forte garfo e que saía em placas tostadas sabia-lhe como o melhor manjar do mundo. Lourença dizia:

– Nunca vou querer ser rica. Penso que um dia sou muito rica, chego a um hotel, como se chegasse a um castelo cheio de coisas boas, com criados vestidos de seda que aparecem para me servir. E eu digo: «Quero arroz tostado, aquele arroz que fica no fundo do tacho e que é preciso muita força para o fazer sair.» Todos se olham, sem compreender. Há perdizes e peixes de ouro e violetas doces. Mas não há arroz tostado. Então, de que vale ser muito rica?

– Palmera – disse Falco. – Já viram esta pingona?

Isso foi já nas vésperas de mudarem de casa, e não sabiam ainda que ela seria vendida e não voltavam mais. Foi vendida tão de repente que ninguém teve tempo de levar as coisas de que gostava e que estavam espalhadas ou não se sabia bem se iam fazer falta. Falco deixou no lago o seu barco de pesca, onde cabia um cão de tamanho médio e onde chegou a meter Lourença uma vez:

– Segura-te, Dentes de Rato, que eu não te largo – prometeu ele. Mas o barco virou-se e Lourença tomou um banho. Foi um trabalho para esconder aquilo da mãe. Artur trouxe de casa roupa seca, mas como não percebia nada de vestidos de meninas apareceu como um fato de Inverno. Era um vestido de veludo preto com papagaios de feltro aplicados na saia e que começava a ficar curto a Lourença. Além disso era um vestido luxuoso e, num dia de Junho, quente como sei lá o quê, ela parecia fantasiada. Falco ria-se tanto que teve de agarrar-se a uma árvore para não cair.

– Vou pedir a Marta que venha cá – disse Artur, aborrecido.

– Marta não; vais estragar tudo. – Marta era tão senhora como a mãe e fazia um barulho enorme por qualquer coisa.

– Então arranjem-se. – Artur foi-se embora, muito digno e arrependido por se meter com gente tão pequena. Por fim o próprio Falco resolveu as coisas e levou Lourença às escondidas para casa. Fez com que subisse de gatas a escada de caracol e meteu-a no quarto de banho, onde lhe deu ordem para se lavar bem. Mas Dentes de Rato não sabia tirar o lodo do cabelo e não ficou nada apresentável. A mãe não reparou, ocupada como andava a meter coisas em caixas e a empalhar as chávenas melhores. Tinha fama de saber fazer mudanças como ninguém, e tinha orgulho nisso. Mas Marta, essa reparava em tudo.

– Mamã, olhe a Lourença... – disse, à mesa. E tapou a boca com o guardanapo para se rir à vontade. Via-se que estava encantada com aquele pretexto para acusar alguém.

– Que tem? – disse a mãe. Partia a carne em fatias e queixava-se da má qualidade dela e do homem do talho que a não sabia

servir. — Não conhece a rabada. Não a diferença do jarrete, é um incompetente.

Para a mãe, o mundo dividia-se em diversos graus de incompetência: «Custa-me admitir, mas todos são uns incompetentes.» Tinha umas mãos bonitas e um anel com uma pedra azul-escura num dedo. Era agradável ver sempre essa pedra no dedo da mãe.

Falco olhava as moscas que se acasalavam no ar com grande zumbido, em risco de partirem as asas. Não se atrevia a olhar para Lourença que, de facto, parecia bastante esquisita. Artur salvou a situação; fez um gesto ameaçador a Marta, e ela calou-se. Ela respeitava os homens, e depois dos quinze anos podia-se ter a certeza de ser obedecido e servido por ela. Falco dizia que a irmã tinha raça de perdigueiro. Atirava um pau para longe e dizia:

— Boca... vai buscar... — Marta ficava fula.

Não chegaram a ter saudades da casa, nem do jardim, nem de nada. Tinham vivido lá pouco tempo. A vida de ricos era triste. Lourença achava que os muros altos e as tílias gigantes do parque a vigiavam todo o dia. Quando os pobres tocavam a sineta do portão, ela corria para os ver. Pareciam-lhe muito mais fascinantes do que a gente da casa, bem vestida e, não sabia porquê, ameaçadora. Era gente sempre desconcertante e a ponto de se acusar constantemente. Mais tarde, Lourença lembrou-se de algumas coisas bonitas. O altazinho que a mãe fazia em Maio, coberto de flores brancas, era uma dessas coisas bonitas. Cheirava como um doce quente, com açúcar por cima.

O casamento foi a última ocasião de ver D. Inês. Ela saiu para sempre da vida de Lourença, com o sinalzinho na cara e os óculos de aros de ouro. Outra história começava, e sentia-se isso na alteração que todos mostravam, como se embarcassem, deixando na margem o cão-de-guarda chamado *Congo*, o que Lourença achou injusto.

O PAI

O pai era uma pessoa amável e que se levantava tarde. Parecia uma visita, e a mãe tratava-o com muito respeito. Lavava-lhe os pés e preparava-lhe comida especial. Ele nunca falava alto. Tinha até uma voz rouca, que se ouvia mal. Tinha o direito de encher a banheira até à borda e de demorar no banho uma manhã inteira. Nunca estava para jantar e saía sempre às cinco da tarde, vestido como outros faziam para ir à missa. Às vezes trazia presentes fabulosos; mas nunca se lembrava do dia dos anos de ninguém. Eram as criadas que cobriam de flores as cadeirinhas altas de Lourença e de Falco, quando eram mais pequenos; elas davam-lhes prendas que traziam do mercado, junto com as compras. O pai e a mãe não reparavam naquilo. De repente aparecia uma bicicleta em casa, ou uma bola de cores; mas parecia que ninguém as trazia, e não dava gosto encontrar essas coisas. Lourença partia as bonecas sem saber como. Não duravam nada nas mãos dela, e era o mesmo com os outros brinquedos.

– És um espírito de destruição – dizia a mãe. Dentes de Rato não percebia o que ela queria dizer. Também não percebia como as bonecas lhe caíam tão facilmente das mãos. Segurava-as com todo o cuidado, apertava-as mesmo contra o peito, e elas caíam da maneira mais desastrosa. Serafina, que fora ama da mãe, escondia os cacos durante algum tempo e calava-se. Mas as coisas sempre acabavam por ser descobertas.

– Não há crime perfeito – dizia Falco.

– Porquê? – Lourença queria saber porquê.

– Porque não há. – Falco, como era costume, passava o Inverno na cama e estava entretido a folhear o seu álbum de selos. Era outro presente do pai, mas Falco não se interessava nada com aquilo. Preferia jogar as cartas e fazia batota quando podia. Lia revistas policiais e deixava que Lourença as lesse, mas só quando já ele próprio as tinha lido até à última linha, o que demorava muito tempo. Como sabia o desfecho, não era possível que ficasse calado e descobria tudo. Dentes de Rato tapava os ouvidos; gostava de adivinhar as coisas, e não havia nada que mais a aborrecesse do que lhe revelassem os segredos que ela mesma devia perceber. Ninguém ensina tão bem como a necessidade; aquilo que se aprende antes de tempo não se aprende verdadeiramente, só se acumula na cabeça. Mas o coração não toma parte.

O pai era uma pessoa diferente doutra qualquer. Sentava-se à cabeceira da mesa e, quando não estava, ninguém podia ocupar-lhe o lugar. Lourença olhava para o sítio vazio e, de repente, a comida não passava e os olhos cresciam por dentro com a chegada das lágrimas. Depois acalmava. Não gostava de chorar; achava uma perda de tempo, porque as coisas não se arranjavam com o choro. Marta chorava por tudo e por nada, e conseguia que as pessoas se interessassem por aquilo que ela queria. Mas Lourença ficava humilhada só com a ideia de inspirar pena a alguém. Um dia caiu e esfolou os joelhos na areia do jardim; o sangue que corria assustou-a muito e ela gritou. Tio António, que tinha chegado nesse momento, fez troça dela e disse:

– Isso não é nada.

A pele estava rasgada e não parecia fácil compô-la. Já era alguma coisa. Percebeu que a gente grande não era muito inteligente. Não sabia diferenciar o que acontece do que não acontece. Lourença gritava, não porque lhe doía, mas porque ninguém podia compor de repente a sua pele; e isso queria dizer que se tratava dum acontecimento verdadeiro. «Amanhã estás boa» – disseram-lhe. Mas o que era *amanhã* Lourença não queria saber. *Agora* era muito mais importante.

O pai, esse teve um sorriso que parecia doer-lhe na cara. Lourença esqueceu-se do ferimento e do joelho que ela não se atrevia a mexer, e calou-se. Não podia olhar para o pai assim aflito e a tentar parecer distraído. Estava envergonhada e deixou que a curassem sem se importar. Era tudo melhor do que causar pena nos olhos do pai, pena de homem, que é uma coisa que parece que vai durar para sempre.

O pai estava constantemente com ideias de mudar. Comprava uma casa e vendia-a logo. Comprava um automóvel e não podia conservá-lo muito tempo. Gostava de fazer negócios, e a mãe dizia que ele até não se importava de perder neles. A ideia de poder ganhar é que lhe interessava. Uma vez comprou uma quinta, mas nunca ia lá. Era a mãe quem se ocupava com tudo e andava sempre no caminho com Artur, que já guiava um *Ford* velho, todo arranhado de passar em maus caminhos. Artur tinha quinze anos e não podia guiar, mas nunca ninguém lhe disse nada. Também não era perigoso andar naquelas estradas. O mais que podia acontecer era cair num buraco e ficar lá até encontrar maneira de sair. Havia lavradores que até ganhavam a vida a alugar os bois para puxarem os automóveis que caíam naqueles abismos. Eram autênticas armadilhas. Artur aprendeu a dar a volta, abrindo uma cancela e passando pela terra duma viúva gorda que ficava à porta de casa a ver como os cães perseguiram Artur. Ele tinha que abrir a cancela e sentar-se ao volante no tempo que os cães levavam a chegar ao pé dele. Se escorregasse e caísse, podia ver-se em dificuldades. Lourença, no banco de trás, fingia que não estava lá. Assim tinha a ilusão de que os cães não existiam. Eram grandes, pardos e tinham os olhos vermelhos. Não ladravam; só rosnavam baixo, como se fervessem. Era impressionante.

Mas quando se entrava no portão da quinta esquecia-se tudo. A grande ramada deitava uma sombra quente, e os cachos de uva americana cheiravam a morangos-bravos. Lá estava a casa, como uma igreja em ruínas. As salas podiam guardar uma carruagem com cavalos e tudo; nos corredores havia alçapões e, quando se abriam,

viam-se em baixo as cabeças das vacas. Os cornos delas batiam todo o tempo no sobrado, e aquilo, no meio da noite, fazia medo. Mas Lourença habituou-se. Passou lá as férias de Setembro com Falco e o primo Dinis que andava no Colégio Militar. Nunca largava a farda e mostrava-se por toda a parte como um príncipe antigo. Não entrava nas brincadeiras e ninguém sabia se lhe agradava alguma coisa neste mundo. As filhas da caseira espreitavam para ver e riam-se como se estivessem sufocadas com um bocado de pão-de-ló.

A mãe deixava-os ficar e voltava para casa depois de distribuir tantas ordens ao mesmo tempo que era impossível perceber o que queria. Depois chamava a toda a gente «incompetente», e aquilo deixava-a satisfeita.

– Custa-me muito, mas tenho que admitir: são uns incompetentes.

Também dizia, quando estava zangada, que as pessoas andavam no mundo por ver andar os outros. Isto parecia muito estranho, mas era melhor não querer entender. Arranjavam-se sempre complicações.

Havia dois criados na casa de Cavaleiros, que era o nome da quinta. Eram casados e chamavam-se Emília e David. Trabalhavam e cantavam todo o tempo e ocupavam-se pouco de Lourença. Mas ela seguia-os, assim como o cão *Brilhante*, que era um modelo de fidelidade. Também ele parecia gostar de cantar e dançar. Fazia piruetas e dava corridas como se fosse perseguir uma lebre.

– *Brilhante*, põe-te aqui num instante – dizia Emília. Era tão alta que Lourença mal lhe chegava à cintura; e o marido era tão pequeno que nunca lhe falava de perto, para ele não cansar o pescoço a olhar para cima. Eram ambos muito boas pessoas, e Lourença não podia passar sem os ver por perto. Emília descia pelos alçapões para tirar o leite às vacas, e elas mugiam como se a estivessem a cumprimentar. Punha nomes até aos ratos e às formigas. Não tratava Lourença como se ela fosse uma boneca. Deixava-a andar à roda dela e parecia cobri-la com a alegria que tinha no

coração e nas mãos, e até nos cabelos frisados como se fossem feitos de lã.

Falco passava o tempo a inventar coisas aventureiras e às vezes saía-se mal. Punha armadilhas aos pássaros, mas não caía lá nenhum; Dinis, da janela, olhava para ele com desdém e atirava aos pardais com a espingarda de chumbos que era de Falco. Nunca acertava, e dizia que a arma não prestava. Falco queria experimentar a caçadeira de David, mas ele escondia-a onde não pudesse ser encontrada.

Havia em frente da casa um edifício a que chamavam o celeiro e que tinha por baixo as adegas. Mas, se eram adegas, eram diferentes das outras, porque tinham portas de grades e mais pareciam prisões. Emília dizia que era ali onde os Condes de Cavaleiros prendiam as pessoas.

– Que pessoas? – perguntava Lourença.

– Ladrões ou gente como essa. Mas isso era no tempo dos Afonsinhos. Agora não se prende cá ninguém.

Enganava-se.

OS CONDES DE CAVALEIROS

A caseira tinha um filho pequeno chamado Artaxerxes. O nome arrevezado punha-o doido, e tornou-se, além disso, muito mau. Todos se espantavam de ele se chamar assim; e tudo era culpa dum padrinho rico que sabia muito de História antiga.

– Xerxes – dizia a mãe –, vai apanhar erva para os coelhos. – Ou então gritava do fundo do campo: – Xerxes... Xerxes, anda cá nino...

Nino queria dizer menino. E *perro* queria dizer zangado. A mãe de Xerxes, a senhora Teodora, estava quase sempre perra. Também tinha duas filhas, bonitas como só visto. O cabelos brilhavam ao sol, ainda que tivessem em cima uma boa camada de cinza da lareira. Emília achava-as vaidosas e namoradeiras, mas Lourença pensava que elas tinham mais razão para isso do que Marta. E Marta não largava o espelho todo o santo dia. Isto do *santo dia* foi coisa que Lourença nunca percebeu. Quando a mãe se aborrecia com uma criada, dizia: «Não faz nada todo o santo dia.» E tomava um ar mortificado.

Um dia Lourença viu Xerxes muito desesperado, a fazer gestos feios para assustar as raparigas que vindimavam, e disse-lhe:

– A mim chamam-me Dentes de Rato.

Ele empurrou-a com toda a força e até *Brilhante* se indignou e se pôs a ladrar. Xerxes ria-se e mostrou o punho fechado:

– Dentes de Rato? Levas um murro. Chega-te cá e levas um murro.

Lourença sentiu-se tão infeliz que nem parecia triste nem nada. Olhou para Xerxes e pôs os olhos no céu, como as santas prontas ao martírio, e disse assim:

– Perdoa-lhe, Senhor, que não sabe o que faz...

Isto teve um efeito esquisito em Xerxes. Fingiu que estava ali por estar e assobiou ao cão para o levar com ele. Até lhe fez festas no focinho. Daí por diante nunca mais olhou para Lourença direito, e ela achou que nunca mais eram amigos ou inimigos na vida. Era uma coisa que doía, mas era assim.

Xerxes passou a ser tão ligado a Falco que não o largava. Deixava as touras no campo até à noite e fugia para seguir Falco por toda a parte. Falco aprendeu com ele palavras muito feias, e dizia-as como se nada fosse. Emília ralhava-lhe e ele fazia de conta.

– Os fidalgos não devem falar assim – dizia. Ali, *fidalgo* era um homem que usava gravata e, no melhor dos casos, doutor. Mas Falco não se importava. Tinha descoberto uma coisa nova para arreliar toda a gente que o não deixava em paz; as palavras feias faziam-no parecer valente e preparado para tudo. Não queria ser um *fidalgo*, mas antes parecer-se com Xerxes, que ele achava destemido como ninguém. Descobriam sempre maneiras de correr novos perigos, e Xerxes contava proezas extraordinárias. Também contava histórias de fantasmas, para impressionar Falco. Dizia que os Condes de Cavaleiros eram dois irmãos: um tocava guitarra na varanda, encostado às colunas de pedra, e trazia uma faixa branca a tiracolo e uma pluma na boina; o outro caçava a lebre, a cavalo, nos campos de milho que se viam lá em baixo. Também caçava ursos na cerca, que era uma floresta pequena. Para isso precisava de licença do rei.

– Porquê? – disse Falco.

– Ora! Que canudo!, não percebes nada. Os ursos eram chamados para soldados quando havia guerra. Era proibido matá-los antes.

– Sendo assim... – disse Falco. De noite pensava nos condes e tinha muito medo. Os cornos das vacas batiam no sobrado e ele encolhia-se na cama, tão cansado de esperar aparições que já não se importava com nada. No quarto enorme entrava a lua como se ali dormisse.

Era já no fim de Setembro, ou mais, e não se lembravam de mais nada para fazer. Tinham gasto as ideias com *experiências*, como eles diziam, e faltava carbureto da dispensa, porque eles o usavam para fabricar bombas. Gostavam de ver explosões e causar estragos e participar nos perigos. Quando Emília queria carregar os gasómetros com que se alumiam, não encontrava as pedras de carbureto e ficava muito intrigada.

– Estavam aqui ontem. Isto é coisa do mafarrico. – Ou então: – Isto é coisa do satânico.

O *satânico* era um homenzinho pequeno que crescia e mingava e que aparecia às crianças quando andavam longe de casa. Todas acreditavam nele e diziam que o tinham visto.

Começou a chover, e Marta veio visitá-los e trouxe-lhes roupas quentes. Passou a tarde sentada na borda do tanque, a balançar as pernas, muito aborrecida, enquanto Artur dava voltas ao velho *Ford*, que não pegava. Usava a manivela para o pôr a andar, ele tossia como gente e não se mexia. Marta disse:

– Não vou ficar aqui um minuto mais. Preferia ter vindo a pé!

– Volta então a pé, se quiseres – disse Artur. Raramente respondia mal, e Lourença pensou que ele devia estar muito arreliado. Tinha saudades de casa, mas mostrou-se corajosa para não aborrecer mais o irmão. «Tomara que ele saia daqui depressa, nem que o automóvel pare logo fora do portão. Não aguento mais e não quero pedir para me levarem» – pensou. Achou que todos deviam perceber que morria de pena e que queria ir-se embora. Marta estava em grande conversa com o primo e não reparava em nada. Lourença desejou que uma cobra lhe entrasse pelo decote, ou um sapo. Mas foram os morcegos que vieram, ao cair da noite, e fizeram com que Marta gritasse. Teve muito medo de que eles se agarrassem aos cabelos, e abraçou-se a Serafina com força. Serafina tinha as malas prontas e partiu também. A casa de Cavaleiros pareceu de repente sem ninguém lá dentro. Até Emília tinha desaparecido.

Os últimos dias foram muito acidentados com coisas boas e más. Os últimos dias de férias são sempre assim. Aparecem imensas coisas

para fazer e que, sem se saber porquê, se tinham esquecido. Além disso, o tempo torna-se mais doce e convida aos grandes passeios, e até as pessoas da casa são mais pacientes e dispostas a fazer vontades. Enfim, torna-se tudo mais difícil para a despedida.

A vaca *Rosinha*, que era turina, quer dizer, preta e branca, teve uma cria. Lourença foi ver o bezerro, que fumegava como se o tivessem tirado dum caldo quente; achou-o uma beleza, e *Rosinha* mugia baixinho, de contentamento.

– Não se é uma vaca preta com manchas brancas, ou branca com manchas pretas – disse David. Era próprio dele fazer daqueles enigmas, e contava outros ainda mais complicados para resolver. Era malicioso, e Emília estava sempre preocupada com o que ele ia dizer diante das crianças, o que aborrecia Lourença. As ideias de David eram do mais engraçado deste mundo. Só ele alegrava uma festa com a sua viola e cantigas ao desafio. Lourença pensava se ele não se pareceria ao conde trovador da faixa branca, lá na varanda do lado. Dizia-se «a varanda do lado» porque a casa dos condes estava dividida em duas, e a varanda, com as dez colunas de pedra, pertencia à vizinha, Teresa Martins, ou «Teresa das Questões»; chamavam-lhe assim porque andava sempre nos tribunais e não parava em casa para nada. Usava uma faixa atada à cinta e tinha olhos azuis sempre cheios de desprezo. Emília dizia que ela era má mulher; mas Lourença achava que os filhos dela (dez filhos, tantos como as colunas da varanda) a tratavam como se ela fosse uma rainha. E se fosse mesmo uma rainha? Lourença pensava que D. Teresa, a mãe de D. Afonso Henriques, devia ter sido como Teresa das Questões: grande, furiosa, com olhos azuis como dois pires de louça. Em casa havia um pires assim, dum azul esbranquiçado, que Tio António trouxera da Dinamarca. Às vezes Lourença via a Teresa Martins a espreitar da varanda. Comia pão com grandes dentadas, e as arrecadas de ouro estremeciam com a força dela a comer.

A CIVIDADE

O monte da Cividade era um lugar muito antigo. Os romanos tinham lá um quartel que servia para vigiar tudo em volta, e ainda se podiam ver restos das casernas e das habitações deles. Apareciam também púcaros de barro quebrados e até pulseiras de ouro. O monte estava ao lado da quinta de Cavaleiros e era como uma cabeça que saía da terra, com os olhos fechados. Da aldeia de Corvos ele só parecia um monte qualquer, e mais nada.

A aldeia de Corvos ficava em frente da casa de Cavaleiros; era preciso atravessar um campo muito maior do que um estádio de futebol para lá chegar. Era um campo onde dantes os condes faziam justas para se treinarem para a guerra, e Falco dizia que ele fora regado com sangue; por isso é que apareciam espigas vermelhas quando se colhia o milho. Mas dizia isto para assustar Lourença; só que ela já estava habituada.

Na aldeia de Corvos havia muitos cães e todos eram ferozes. Os rapazes atiravam pedradas às portas dos quinteiros, que eram as portas que serviam para passar os carros de bois, e eles ladravam como doidos. Até era pena obrigá-los a desesperar-se daquela maneira. Quem tinha os cães mais valentes era a senhora Maria Costa, uma lavradeira rica. Tinha também três filhas e um filho do mais bonito que podia haver. Lourença não se cansava de olhar para eles quando Emília a levava a casa da senhora Maria Costa. Pareciam feitos de barro colorido e tinham cabelos aos cachos, pretos. Até Marta os achou bonitos. E Marta só gostava de gente esbelta e com ar cansado. A senhora Maria Costa era vaidosa, o que quase parecia impossível com aquelas saias de roda e chinelos nos pés com

solas de madeira. Sentava-se nos banquinhos de pedra junto das janelas e olhava para os campos com prazer e orgulho. Era tudo dela, o que se via dali. Lourença pensava que as mulheres eram quem mandava; os maridos delas quase não apareciam.

Falco combinou com Xerxes subirem ao monte da Cividade. Levavam batatas para assar e bacalhau cru. Pensavam passar lá o dia inteiro a fazer explorações. Lourença teve inveja da liberdade que eles tinham e quis ir também.

– Raparigas são um empecilho. Se ela for eu não vou – disse Xerxes. Empurrou Lourença e ela caiu e até se magoou. Falco não fez nada para a socorrer.

– Vais para outra vez – foi tudo o que ele disse. Afastaram-se, e Lourença sentiu o coração apertado ao ver que desapareciam sem se importarem mais com ela. Levavam no farnel nozes verdes, de que ela gostava muito.

Apareceram só à noite, e era de desesperar não contarem nada do que viram. Falco guardava segredo de tudo; ou então esquecia-se depressa das suas aventuras. Tal e qual Tio António, que dera a volta ao mundo e nunca se lhe arrancava nada do que gozara ou padecera. Pessoas assim não ajudavam os outros a viver.

Passados uns dias aconteceu quase o que a mãe chamava «uma tragédia». Falco apanhou um tiro na cara, e os chumbos miúdos ficaram lá metidos e foi preciso ir curar-se ao hospital. O pai dessa vez veio buscá-lo, já de noite. Lourença estava deitada. Emília fez o possível por esconder-lhe o desastre, mas ela percebeu que havia um movimento desacostumado. Ninguém se importou com ela, e isso magoou-a. Quase lhe apeteceu ter levado um tiro também; não na cara, isso era repugnante e nunca se sabia o resultado. Podia perder o nariz, o que era humilhante. Pensava que Falco perdia o nariz, e aquilo dava-lhe vontade de rir, apesar da pena que sentia por ele. «O ridículo mata», dizia Tio António. Lourença achava que aquilo, sim, ela percebia.

Ficou sozinha na casa de Cavaleiros. Caiu-lhe o primeiro dente e David ensinou-lhe a atirá-lo para o telhado, para que lhe nascesse

outro. Xerxes tinha desaparecido. Emília contou que ele fugira para a Cidade e que só apareceu quando a fome o obrigou. Mas Lourença não o viu. Andava ocupada a ajudar Emília a fazer a marmelada, e descascava marmelos com uma faquinha aguçada que servia também para tirar as pevides. Emília encheu quatro tigelinhas de barro do tamanho dum tinteiro e Lourença ia todos os dias pô-las ao sol a secar. As vespas fizeram-lhes buracos, que até parecia impossível elas comerem tanto em tão poucas horas. Emília tinha o cuidado de cobrir a marmelada com uma cortina velha de *étamine*. E dizia:

– As ladras! As bandidas! – Sacudia-as com o avental, e Lourença pensava que se alguma vespa lhe entrasse na cabeleira crespa nunca mais podia sair.

Começou a chover e o gado agitava-se muito nos eidos, que era o lugar onde se recolhia. Sabiam quando ia trovejar; a aldeia de Corvos ficava escura e a tempestade caía de repente e trazia um pouco de terror, como uma novidade que o coração estima. A caseira passava com as saias pela cabeça, gritando qualquer coisa, e o homem dela estava à porta de casa, com um saco a fazer de capuz. Mas Xerxes não se via em parte nenhuma. Lourença, que tinha ido com Emília ao celeiro, ficou à espera que ela lhe trouxesse um guarda-chuva. Mas Emília demorava-se; tinha sempre que fazer pelo caminho ou não sabia da chave da cozinha, ou encontrava alguém que a desviava e se punha a conversar. Lourença esperou um tempo infinito, e chovia tanto que a água estalava como chicotadas nas pedras. Foi então que ela ouviu barulho e pensou nos condes de Cavaleiros, com armaduras de ferro, a mexer-se lá para o lado das adegas. «Agora até me apetece vê-los» – pensou Dentes de Rato. Quando sentia curiosidade tornava-se muito valente. Ninguém podia imaginar do que era capaz nessas ocasiões. Desceu as escadas para a adega e estava tão escuro que só se viam as teias de aranha brancas a balançar ao vento que entrava pelas frestas. Continuava a ouvir o mesmo barulho, como se alguém batesse no

ferro com outro ferro. O barulho vinha das prisões dos condes, que na verdade não passavam de antigas garrafeiras. Uma voz disse:

– Olha a Dentes de Rato! Arremalada, que fazes aqui?

Lourença não via ninguém, porque os olhos dela não se tinham habituado ainda ao escuro. Mas reconheceu o tom de Xerxes. Ele estava atrás das grades e fazia correr um prego por cima delas, como se fossem as cordas duma harpa.

– Estás aí preso? – disse Lourença, espantada.

– Não. Estou a cantar missa na Cova da Iria.

– Que fizeste? Quem te trouxe para aqui?

– Olha, nina, dei um tiro no teu irmão. Ele é um safardana, mas foi sem querer. Meu pai prendeu-me e disse que fico aqui até ir para a tropa.

– É muito tempo?

Ele não respondeu. Ou fazia contas ou perdera a coragem. Lourença deitou a correr e foi contar a Emília, que se benzeu e falou com o caseiro logo a seguir. Estava muito indignada. David também ajudou um pouco e pediu para Xerxes ser solto. «Nem ao *Brilhante* eu fazia isso. A liberdade é sagrada» – disse ele. O bigode tremia-lhe, de tão comovido que ele estava. Mas só quando o caseiro teve medo de ser despedido é que esteve de acordo em tirar Xerxes da adega. Nesse dia ele fugiu de casa.

– Antes quer encarar o mundo do que a nós todos que lhe queremos bem – suspirou Emília. – Nunca mais cá volta.

Lourença achou que Xerxes tinha um coração duro, mas ninguém se ria dele. Ela desejou que Xerxes tivesse sorte e que arranjas-se trabalho num circo; e fosse célebre, como o menino Lufftman, que todos admiravam por saltar de cavalo em cavalo com grande graça e habilidade. Na praia, pediam-lhe autógrafos, e todos se orgulhavam de ir nadar com ele.

A mãe veio buscar Lourença e ouviu a história de Xerxes com ar carregado. Não disse nada. Via-se que não lhe perdoava. Falco ia ficar para sempre com três pintas no nariz, da pólvora que entrara na pele. Quando olhava para aquilo, às vezes Lourença lembrava-se

de Xerxes e pensava no que lhe teria acontecido. Depois esqueceu-o completamente.

O pai vendeu a quinta, como vendia tudo. Lourença, dessa vez, teve pena. Emília e David ficaram lá a servir os novos patrões, e mais tarde aconteceu com eles uma história muito triste. Para quem gostar de histórias tristes, pode ser que eu um dia conte o que lhes aconteceu.

Quando Lourença voltou para o colégio, estava muito modificada. Já não merecia o nome de Dentes de Rato, porque eles tinham-lhe caído e tinha outros novos, mais redondos e fortes. Falco ficava um bocado amuado quando ela o convidava a apreciar a bonita dentadura que agora tinha.

– Ainda és um insecto – dizia Falco. – Nunca hás-de ser outra coisa. – Mas Lourença não só tinha dentes mais fortes; o coração também estava mais valente e não se preocupava com aquelas injúrias. Até gostava de desafiar Falco, e sabia como havia de o incomodar de variadas maneiras. Marta tinha uma quantidade de namorados a quem ela prometia amor eterno; mas logo a seguir dava ouvidos a outros e divertia-se com o sofrimento deles. Imitava as mulheres más do cinema, mas o pai dizia que ela era uma menina como outra qualquer. Lourença pensava que ser uma menina como outra qualquer não era lá grande coisa.

De repente aborreceu-se de usar bibes ou o uniforme preto que a mãe achava tão distinto. Vestia Lourença à inglesa, o que era muito desengaçado. Começou a ter birras que lhe davam para não comer. A mãe não sabia como lidar com ela. Já não era Dentes de Rato, e a sensatez dela evaporara-se.

– Que fizeram à minha filha? Trocaram a minha Lourença – disse a mãe. Lourença queria um quarto só para ela e parecia odiar toda a gente. Olhava para Marta duma maneira, quando ela se arranjava ao espelho, que a irmã se virava assustada.

– Que é? Nunca me viste?

– Tens um olho maior do que outro – disse Lourença. A irmã ficou tão alarmada que foi medir os olhos com um compasso.

Eram iguais. Mas Lourença repetia sempre: – O esquerdo é maior do que o direito. Não sei é porque te afliges tanto. Um deles é com certeza um olho mágico.

– És um monstro! – gritou Marta. Queixou-se a toda a gente de Lourença e até assentou casamento com o rapaz que melhor soube ouvi-la nessa ocasião. Ele dava-lhe razão em tudo. «Como é parva» – pensou Lourença. «Não tem miolos; parece-lhe que amar é aquela pasmaceira.» Para ela, amar era ir abraçados, à popa dum barco, numa grande tempestade. Ver a morte diante dos olhos e não se separarem.

Só o pai a tratava como dantes, sem muita confiança; mas olhava às vezes para ela como se a vida parasse à volta e só Lourença estivesse viva no mundo. Raramente lhe dava um beijo e, se o fazia, era com respeito e alguma severidade. Não era um pai camarada, como se usava ser; Lourença pensava que um pai desses não lhe convinha. Não enganavam ninguém, e notava-se logo que eram tão velhos como os outros. Ela preferia que o pai fosse assim, uma pessoa um bocado doutro tempo e que falava de coisas completamente desinteressantes – do preço do vinho e da crise da lavoura. Tinha segredos com a mãe, mas isso fazia parte do direito de serem os pais e não quaisquer outras pessoas.

Lourença fez nove anos. Era uma idade em que ninguém reparava. Quando Marta fez quinze, Serafina disse que era um número bonito. E quando Artur completou dezoito, o pai deu-lhe uma cigarreira de prata e deu-lhe também licença para fumar; Artur fumava desde os dez anos, mas pareceu ficar muito contente. Quem repara em quem faz nove anos? Serafina disse-lhe:

– Se fizesses doze, dava-te a minha gargantilha com o coração de ouro – e não fez mais do que presentear-lhe com um lenço de cambraia. Ainda assim, foi o melhor de tudo. Era um dia como os outros e não pôde faltar às aulas. Marta disse, sabendo que lhe desagradava:

– Esta pancrécia faz hoje anos.

E Falco tocou alegremente a buzina do velho *Ford*, que soava duma maneira ridícula. Quando Tio António chegou, dois dias depois, trouxe-lhe um relógio de pulso. Tio António era padrinho de Lourença.

– Toma, pelo dia dos teus anos – disse. Puxou-lhe o cabelo e deu-lhe dois safanões. Com ele, as coisas pareciam não ter mudado. O relógio não funcionava lá muito bem, mas era elegante e de muito bom gosto. Outra coisa não se podia esperar de Tio António.

À noite, estando aberta a janela do quarto, uma pomba veio pousar no peitoril. Começou a dar voltas e a arrulhar. «É o meu presente de anos» – pensou Lourença. «Alguém o mandou, de muito longe...» O coração dela, oprimido e cheio de inconfessáveis tristezas, encontrou de repente consolação. Achou que o mundo inteiro esperava por ela, e os mares todos, com as suas tempestades, podiam ficar calmos porque ela assim queria que fosse.

Porto, 9 de Maio de 1983.

PARTE II

VENTO, AREIA
E AMORAS BRAVAS

Era o dia 17 de Maio, e as rosas-chá do capitão Machado estavam abertas e já se desfolhavam. Lourença olhou da janela do quarto e achou que não havia razão para vestir muita roupa. Estava calor, e do mar, ao fundo da avenida, vinha uma brisa esperta, com ar de dança. Mexia nos fios eléctricos e fazia balouçar os pardais-rabotos que lá estavam. Lourença, se já não parecia contente com o vestido destinado para esse dia, mais contrariada ficou. Era um vestido de comunhão, de *voile* de lã, com lacinhos de alto a baixo, e a mãe garantia que era de bom gosto. Lourença estava na dúvida. Sentia comichão nos braços, apetecia-lhe rasgar alguma coisa nas costuras. A velha Serafina disse que era o demónio a tentá-la.

– *No seas pelma, criatura* – disse-lhe. Era uma espanhola de feitiço furioso, mas doce como um cordeiro para as crianças da casa. Para as outras, não. A avó de Lourença viera de Espanha, Lourença não sabia como ela pudera chegar, porque nunca andava. Via-a sempre sentada no salão do Douro, a ler um jornal ou a fazer um trabalho de costura. Vivia numa quinta. Ouvia-se a água a cair nos tanques, de dia e de noite. A ramada punha no pátio uma sombra triste. Serafina não era popular, e os rapazes da escola atiravam pedras à porta só para a ouvir falar naquela língua arrevesada.

– *Os voy a machacar!* – e saía com o facão de picar a carne. Metia medo. Lourença achava que ela exagerava. Mas todos exageravam, até ela, Lourença; como no dia da primeira comunhão em que não lhe apetecia enfiar o vestido. Sentia-se bem só com a combinação de cambraia, na verdade mais própria para um dia como

aquele. Pensou que, se saísse assim à rua, ninguém ia achar estranho. O véu cobria-lhe os braços e ficava muito decente.

– Deves ter só pensamentos elevados e não tolices assim – disse Marta. Mas via-se que falava por falar. Olhava os braços redondos e bonitos em que tinha muito orgulho.

– São braços como os das huris – dizia. Alguém lhe metera aquilo na cabeça. Com certeza fora o estudante Cordeiro, que gostava dela. Era um rapaz sem futuro, pelo menos no sentido que Marta dava ao futuro: uma data de gravatas e um curso. Quando era pequena, Marta não podia ver uma farda que não perguntasse logo: «Que curso é o de bombeiro? E o de escuteiro, que curso é?» Preocupava-se muito com isso de distinções e maneiras. O estudante Cordeiro tinha boas maneiras ou sabia imitar muito bem. Falco dava a opinião dele sobre isso, ainda que ninguém lha pedisse. Mas se fosse estar à espera de que lhe pedissem a opinião, nascia-lhe a barba antes disso. No dizer de Serafina, a esperança é o pão dos coitados.

– Se lhe puseres diante uma laranja num prato, com faca e garfo, vês logo se ele tem boas maneiras. Não há muita gente que saiba descascar uma laranja.

– O pai sabe – disse Lourença.

– Cala-te, Dentes de Rato. Não és cá chamada.

– O pai... – ia continuar Lourença. Mas Falco já estava a dizer outra coisa, e ela perdeu a vontade de falar. Sentia-se esquisita. Às vezes chorava às escondidas, tudo lhe dava muita pena. Um passarinho morto ou a história de Santa Inês coberta com os longos cabelos. Tinha uma estampa de Santa Inês, nua, mas muito abrigada nos belos cabelos que ela tinha. Lourença pensou que não era má ideia deixar crescer os dela. Mas a mãe não se mostrou nada de acordo. Ela era ainda do tempo em que as mulheres não cortavam o cabelo e não se queria lembrar.

No dia 17 de Maio, Lourença estava pronta para sair, armada como um andor, os grandes sapatos brancos a aparecer debaixo da saia comprida. Falco tinha um laço de seda no braço e perdera

muito da graça que ele tinha. Estava aborrecido, mas esforçava-se por tomar um ar solene. Lourença, que tinha o hábito de comungar às primeiras sextas-feiras de cada mês, não parecia comovida. Estava morta de calor e só queria voltar depressa para casa e despir o vestido.

A igreja pareceu-lhe escura e triste, não tinha ar de festa nem colgaduras vermelhas. E o reitor, corcunda e com olhos de águia, disse coisas piedosas que não iam bem com o aspecto dele. Fazia um bocado de medo. Quando ele a mandou pedir perdão aos pais pelas ofensas que ela tinha feito, não quis acreditar no que ouvia. Valeu-lhe o olhar divertido e terno do pai; senão não sabia como sair-se de tudo aquilo. Marta disse que ela parecia parva; que era um dia óptimo na vida duma pessoa e que devia ter chorado um pouco.

– Isso és tu que tens lágrimas de crocodilo prontas a toda a hora – disse Falco.

Pegaram-se, como de costume, e foi preciso impor respeito porque prometiam «sacudir o pó» um ao outro.

Lourença começava a familiarizar-se com o vestido e foi para a avenida com ele, mostrando-se a quem passava. Uma das pessoas que passou foi o Padre Folard, um dos directores espirituais do colégio. Estava quase sempre no estrangeiro e só raramente aparecia. Lourença foi cumprimentá-lo, vaidosa do seu grande dia. Padre Folard olhou para ela com admiração. Era um olhar estranho, como se ela fosse uma mulher e ele um homem. Nunca na vida Lourença encontrou mais quem olhasse para ela assim; era como uma lâmina a cortar um papel de seda, sem deixar vestígios de ele ter sido cortado. «Sou uma rapariga crescida» – pensou, impressionada. Falco chegou ao pé dela, já sem o laço de seda no braço e pronto a desaparecer de casa e a gozar o feriado. Lourença achou-o uma criança, embora tivesse mais dois anos do que ela.

Era assim que as coisas aconteciam, as coisas mais importantes. Não se dava por nada e tudo mudava. Estava um pouco descontente, no fim de tudo. Tudo estava na mesma, mas ela não. Marta,

que a quis atropelar no corredor, sentiu-se embaraçada porque Lourença se afastou para lhe dar passagem.

– Daqui em diante, basta de brincadeiras – disse. De repente, apeteceu-lhe chorar, chorar como uma vide cortada, chorar duma maneira bonita, sem ter que assoar-se e ficar com olhos de coelho branco. Era um desconsolo enorme e não havia no mundo quem a pudesse consolar. O pai e a mãe já não eram capazes disso; acabava ali o poder deles, e isso era terrível de pensar.

Nessa noite, aproveitando haver bolos e nozes de chocolate com fatura, Marta convidou umas amigas. Foi um abuso, porque a festa não era dela; mas Marta era assim. No meio das convidadas, apareceram dois rapazes, os namorados de Marta. Tinha sempre dois à disposição e gostava de os ver sofrer por ela. O estudante Cordeiro deitava-lhe uns olhos de mártir; era tudo o que ele sabia fazer. Lourença tinha uma pena dele, desejava mandá-lo embora e dar-lhe dinheiro para o comboio. Para Vila-Flor ou Carrazeda, ele morava por um sítio desses. Tinha um casaco branco, antigo como tudo. Era tão ridículo que Lourença se pôs a tremer e saiu da sala.

Não se pense que o estudante Cordeiro lhe agradecia aqueles sentimentos. Pelo contrário. Chamava-lhe matrona e ria-se dela. Vingava-se assim de ser tão pobre e desengraçado; e de Marta o magoar.

Lourença estava a tornar-se corpulenta demais, e a mãe queria que ela fizesse ginástica. Havia no colégio duas horas de ginástica por semana e um capitão do quartel ia ensinar as alunas a marchar. Mademoiselle Rosa Maria obrigava-a a subir às paralelas e Lourença recusava-se.

– Não queres ser ágil e ligeira? – dizia Mademoiselle Rosa Maria, que era muito *snob*. Só gostava das ricas da Covilhã, quase todas gordas. Um dia Lourença decidiu-se e respondeu a Mademoiselle Rosa Maria. Quase nunca tomava uma atitude dessas. – Não quero ser ágil e ligeira. Não vejo necessidade disso.

Todas se riram, porque aquilo era muito inesperado e sem explicação. Lourença pensou que era melhor não continuar. Arsène

Lupin tinha que ser ágil e ligeiro, ela não. Também não ia ter que subir ao cesto-da-gávea dum barco, nem colher cocos dum coqueiro. Era coisa que não lhe passava pela ideia. De todos os modos, Mademoiselle Rosa Maria não se incomodou, nem a repreendeu, nem nada. Tinha bom feitio. Às vezes ia passar as férias na Covilhã e tratavam-na como se fosse uma criada de confiança. Ela orgulhava-se de tomar o pequeno-almoço à beira da piscina. Falava francês perfeitamente. Pelo menos é o que parecia. Quando viu a mãe de Lourença na praia, ficou muito impressionada. Não imaginara nunca que Lourença tivesse uma mãe assim, como a Frances Dee na *Tragédia Americana*. Lourença havia de lembrar-se sempre da mãe como ela era nesse tempo; com o perfume de Houbigant, um perfume de flores, e os vestidos de *étamine* que Lourença esperava herdar. A mãe às vezes transformava algum vestido para ela, e Lourença usava-o como se fosse uma honra. Já Marta torcia o nariz.

– O que eu uso tem que ser novo, senão não quero – dizia. Tio António achava que ela falava como uma preceptora com um orgulho de pessoa humilhada ou desprezada.

Mas a mãe tivera preceptoras e não eram assim. Eram lutadoras pelos direitos da mulher e muito instruídas. Uma delas ia para os montes e recitava alto poemas heróicos. Dizia assim: «A mente dos insensatos não é inflexível, e não esqueças que as Erínias favorecem os primogénitos.» Julgava-se Íris, a dos pés velozes, mas Tio António, que tinha doze anos, estropiava tudo o que ela dizia: «A amante dos incensados não é frequentável, e não esqueças que as urinas favorecem os vômitos.» Era um doido, a mãe sempre disse que ele era um doido varrido.

No dia 17 de Maio ele veio trazer uma prenda a Lourença. Era um livro para ela escrever os pensamentos e tinha pelo meio uma data de coisas, como versos, ideias de pessoas célebres. Tudo em francês; Tio António era um afrancesado e gabava-se de ter, como Chateaubriand, o gosto das viagens, o gosto da independência, «satisfação de romper com os laços da sociedade».

De facto viajava muito, ainda que tivesse pouco dinheiro. Lourença não podia imaginar padrinho melhor para ela e tudo o que ele fazia parecia-lhe acertado, mesmo que não o compreendesse.

No dia 17 de Maio, à noite, ele trouxe uma mulher com ele, e todos ficaram a saber que se ia casar. Era muito bonita, mas percebia-se logo que não ia ler a *História dos Papas*, nem *Poil de Carotte*, que ele tinha em estantes feitas de caixotes. Não porque não ganhasse dinheiro. Era engenheiro e tinha bons contratos. Mas gastava tudo a jogar e com amigos que o exploravam.

Lourença fez finca-pé em não chamar «tia» à mulher do tio António. Não era por mal, mas não lhe dava jeito. Chamava-lhe Prima Cecília, até que ela se zangou e fez queixa, tomando aquilo como desprezo. Marta ralhou com Lourença.

– São coisas só tuas. Ela é meio tapada, mas tem direito a ser nossa tia. Tem um nome que me faz inveja: Cecília da Purificação. Na terra dela chamavam-lhe «a Pura do Pézinho», porque tem os pés pequenos.

– Lá isso tem. Mas acho que só se chama Cecília. Mentos com todos os dentes.

– Não são como os teus que não param de crescer. Os pés, os dentes, tudo. – Marta fez-se desentendida. Não gostava de admitir que o lugar dela de «beleza da família» ficava comprometido com a chegada de Cecília, a grande. Era muito alta e deveras bonita. Artur corava quando a encontrava. Fugia dela, os rapazes da idade dele não sabem comportar-se com naturalidade. Cecília tinha mais quinze anos do que Artur. Onde se viu uma pessoa tão velha ser interessante?

Nessa altura Lourença apaixonou-se por um actor de cinema. Era um actor já fora de moda, mas ela não se importava. Via-o fazer papéis de galã pobre, e aquilo comovia-a. Um mineiro ou estudante romântico. Cordeiro devia ser como ele, lindo, pálido, com uns olhos pretos onde se reflectia o amor e o orgulho. Então Marta não ia aproveitar-se dele para fazer ciúmes aos outros rapazes. Mas o

estudante Cordeiro era talhado para farmacêutico, a pisar num almofariz dente de javali. Não se podia fazer nada por ele.

Lourença deitava-se cedinho, quando ia de tarde ao cinema. E recordava as melhores cenas, como se acontecessem com ela. Ninguém a incomodava e podia imaginar coisas loucas e tristes, melhores do que a realidade com os pontos de matemática e de geografia.

– Estás a dormir? – Marta entrava e começava a despir-se. Deitava na cara vinagre para tirar as sardas. Elas não saíam e Marta dizia que lhe faltava sangue de toupeira e unto de cobra de água. Dizia aquilo a rir, mas era capaz de usar qualquer mixórdia se acreditasse em ficar mais bela. Lourença, de repente, notava que a irmã era bela.

– Gostava de me chamar Palla. É um nome godo – disse Marta. Isto quebrava todo o encanto. Nunca estava contente com nada e chegava a ser muito embirrenta. Romântica é que não era. Os bolos saíam-lhe sempre bem; fazia sempre as coisas da mesma maneira, o que, para fazer bolos de laranja ou de chocolate, é sucesso garantido.

O dia 17 de Maio acabou. Tio António estava na sala de jantar a beber Porto, e Cecília não parava de o repreender; mostrava-se muito preocupada, achava-o com má cor. Lourença, já deitada, estranhou como ela falava da cor do tio António: como se fosse verde ou encarnado. Era uma cor igual à de toda a gente.

– Também ela não faz senão trapalhadas.

No fundo, as pessoas eram como o Buster Keaton: sérias e metidas em disparates com o ar mais natural do mundo. Não era possível ter confiança nelas.

Difícil achar que era noite. O crepúsculo parecia um véu fino onde as luzes se pegavam. As rosas-chá do capitão Machado cheiravam melhor ainda. Eram dignas de ser plantadas sobre um túmulo e de que o protagonista da «Sevilha dos meus amores» fosse colher uma e a beijasse. Isso sim, é que era para ser contado.

GRANDES MUDANÇAS

Quando a avó do Douro morreu, houve grandes mudanças. Disseram que ela morreu sentada na *butaca* de couro, a ler o jornal, à maneira dela, que era tranquila e grave. Só Artur e Marta foram ao enterro e não falaram de nada. Já tinha morrido o avô Joãoão, e a casa ficou fechada por uns tempos. Tia Margô e a ama vieram passar uma temporada, e não voltaram mais. Foi uma coisa arreliadora, mas teve as suas compensações.

Para começar, Marta pôde ter enfim um quarto só para ela; Tia Margô foi dormir ao pé de Lourença. Era uma pessoa extraordinária. Dizia-se que os ventos de Castela punham as mulheres neurasténicas; se era verdade, Tia Margô deixava a janela aberta desde que nasceu, em Corrales del Vino, perto de Zamora. Lourença não se cansava de a admirar, e o resultado a que chegava era que Tia Margô parecia uma rainha louca. Até o nome era de rainha: Maria Vitorina Margarida Josefina. Fazia coisas desesperantes mas que, depois de reparado, tinham sentido. Tinha muitas manias, e uma delas era a de cortar as mangas aos vestidos. Cortava-as com duas tesouradas e ninguém podia impedi-la. Quando, muitos anos depois, Lourença viu como se vestia a geração nova, achou que Tia Margô era uma precursora, muito avançada de ideias. Ela trouxe à casa o inesperado e a ilusão que ele exprime. Comia sempre coisas diferentes dos outros e tinha um bule de chá sempre ao lado. Marta tomou-a de ponta porque Tia Margô lhe chamou «sinforosa». Não era uma palavra feia, mas Marta melindrava-se muito com coisas assim.

Além de um pouco avariada do juízo, Tia Margô era aleijada dos pés e tinha a espinha deslocada. Todos tinham muita pena dela, a começar pela ama Serafina que lhe fazia todas as vontades.

– É uma infeliz! Em criança era a menina mais bonita e esper-ta que eu já vi. Depois ficou assim porque os anjos também são invejosos – dizia. Serafina era uma mulher valente. Nunca abria o portão à noite sem ter uma faca escondida debaixo do avental. O avô João de Loureiro, que tinha um gênio tramado, respeitava-a muito. O avô João merecia um retrato em ponto grande e ser falado como o primo dele, D. Girão das Donas. Chamaram-lhe assim porque salvou seis meninas das mãos dos mouros; matou-os a todos com o tronco duma figueira.

Estas coisas eram muito ao gosto de Lourença; ouvia histórias tão quieta que parecia congelada. Falco fazia esse reparo: «Parece uma pescada congelada.» Ele não era tão amigo de histórias nem tirava delas proveito.

– O tronco duma figueira? Não tinha outra coisa a jeito?

– Já viste o tronco duma figueira? – disse Lourença, irritada porque o irmão interrompia a melhor das falas. Era uma cabeça de bugalho como só ele. – É como ferro. O pau da figueira é como ferro. Não é, Serafina?

– Deve ser, nunca experimentei. A figueira é uma árvore amaldiçoada. O chorão é uma árvore bendita. Quando o Menino Jesus foi levado pelos Pais para o Egipto, os soldados de Herodes foram atrás dele. A figueira ergueu os ramos para os descobrir; e o chorão abaixou-os para os esconder. «Eu te abençoo, chorão, que nos salvaste» – disse a Virgem Maria. Cresce à beira da água, e a figueira cresce no deserto.

– Eu também cresço à beira da água – disse Lourença. – Será que sou abençoada?

– Pode ser – disse Serafina. Mas Falco ficou desesperado.

– A praia não é a beira da água. A beira da água é um rio.

– Não acho. Porque há-de ser só um rio?

– O mar não tem beira. Tem marés.

Lourença não soube que responder. Falco era muito habilidoso, arranjava sempre maneira de ter razão. Mas Lourença não ficava convencida.

Estava realmente a crescer, mas a mãe, pelo menos, não dava conta. Continuava a querer vesti-la à inglesa, com meias por baixo do joelho e saias de pregas. Lourença ia ao cinema, via as estrelas de Hollywood com roupas apertadas que nem podiam respirar, e achava-se ridícula com os seus fatos colegiais. Um dia leu que uma atriz tinha de se sentar numa cadeira sem fundo, para não reben-tar as costuras.

– Assim também é demais – pensou. Mas não perdeu a ideia de ter um dia um vestido prateado e uma raposa branca a cair-lhe pelas costas.

– Uma raposa branca? Imaginas o que é preciso para caçar uma raposa branca? Ir para o Pólo Norte e enlouquecer como o capitão Hatteras? Não me convides para isso.

– Eu não te convido, parvo. Há melhor maneira de ter uma raposa branca.

– Há. Casar com um milionário – disse Marta, que não pensava noutra coisa. Tinha feito dezoito anos e estava tão bonita que até cor-tava a respiração. A mãe distraía-se a olhar para ela e sorria como se estivesse a sonhar com anjos a subir e a descer pela escada de Jacob. Isto da escada de Jacob era ideia de Lourença. Era muito lida nas Escrituras e encontrava nelas histórias fantásticas, um bocado puxa-das para a idade dela, tinha que confessar. Mas Lourença lia tudo o que encontrava e estava tão esperta que era bom que se não soubesse.

Marta ficou noiva mais uma vez, mas agora era a sério. Ficou noiva do médico do colégio, um rapaz triste como a noite e que achava que ela era mimada demais. Disse que ia educá-la melhor. E Marta riu-se.

– Que cabeçudo! Gosto dele por ser tão cabeçudo.

Era uma maneira de gostar. Mas Lourença pensou que não era a sua maneira. Marta andava tão atarefada com as modistas e as bordadeiras que não tinha tempo para reparar muito no noivo.

– Parece um velho; é vegetariano e tudo – disse a titi. Mas deu a Marta o adereço de brilhantes que tinha, e via-se que estava comovida. Lourença pensou que podia ficar com o quarto de Marta e deixar de ouvir Tia Margô ressonar, o que ela fazia tão suavemente como o motor dum *Bugatti*. Mas ninguém gosta de dormir com um motor ao lado. Falco dizia, quando Lourença ia para a cama, que ela recolhia à garagem.

Outra coisa que Tia Margô fazia era assoar-se com estrondo depois de comer a sopa. Era um hábito de rainha; parece que Maria Pia de Sabóia, que foi a mãe do nosso rei D. Carlos, se assoava assim logo que entrava no camarote real, no teatro. Como uma trombeta; toda a gente ficava informada de que ela estava lá. Não era como Marta, que se gabava de nunca se assoar na vida:

– O meu nariz não é para essas brutalidades.

Quando fez dezanove anos casou-se com o médico Lima e Lemos, de muito boa gente e autor duns pensamentos elevados. «A ciência é a luta sem tréguas, renascente e recrescente» – dizia. Um dia, ao jantar, ouvindo elogiar a beleza de Marta, disse:

– Dezanove anos! Uma idade interessante, pois não é dezoito nem vinte.

Falco riu-se tanto que ficou com uma perna encolhida, agarrado à porta, para não molhar as calças ali mesmo.

– O teu noivo é interessante: nem é burro nem é cavalo. É mula-ruça.

– Proíbo-te – disse Marta. Nunca ninguém soube o que ela proibia.

Parecia impossível o trabalho que dava um casamento. As flores estavam meladas, a maionese destalhou, partiu-se uma jarra de cristal. Marta fez olhos bonitos a todos os rapazes convidados, e Artur teve que a repreender:

– Agora és uma mulher casada.

Mas Lourença pensou que o que Marta tinha de melhor era não parecer casada. Estava cada vez mais estouvada e tinha ataques de fúria quando era contrariada. Logo depois de casar, Tia Ci con-

tou muito em segredo que Marta dera duas bofetadas no marido. Já em solteira, estava na tourada, o que achava uma perda de tempo, e resolveu implicar com o noivo.

– Que gravata horrível! Parece um bocado dum cortinado.

– Que é que sabe uma mulher de gravatas? Nem de vinhos, nem de música, nem de filosofia.

– Ah, sim?

Lourença viu as coisas mal paradas e escorregou da cadeira devagarinho. Sabia muito bem que a irmã ia enlouquecer. Não admitia ser contrariada e muito menos humilhada. Estava toda a família reunida no camarote do estádio que servia de praça de touros na época balnear, e ficaram todos a tremer. Lourença achou que se ouviu até no Sector Sol a bofetada que Marta deu ao noivo. Não sabia porquê, deixou um bocadinho de aprovação do lado dela. Nesse momento ouviu-se um estrondoso «olé», e Lourença ficou na dúvida se não seria destinado a Marta. Espalhou-se o boato de que o casamento fora desmanchado, mas isso não aconteceu. O doutor Lima e Lemos era teimoso e queria educar Marta à maneira dele. Não conseguiu, decerto porque morreu muito novo. Tinha um processo de domar Marta que era fazer sempre o oposto do que ela queria. Isto cansou-o tanto que morreu. Marta disse que nem que ele usasse uma cadeira e um chicote a podia convencer a obedecer-lhe. Então Lourença passou a imaginar a irmã como uma leoa. Ela tinha andar de leão e cabeleira de leão. Os rapazes chamavam-lhe «Leão da Metro», e ela um dia, ao passar por eles, soltou um rugido tremendo. Parece mesmo que os assustou.

Tinha um filho que era tão caprichoso como ela e que aborrecia toda a gente. Chamava-se Leopoldo, o que agradava muito à mãe de Lourença. Ela apreciava o rei da Bélgica, que tinha esse nome, e interessava-se por tudo o que lhe dizia respeito. Lourença embirrava com aquilo.

– Tem um ar romântico – disse a mãe.

– Não tem nada. Quem tem um ar romântico é o pai, que usava cinta quando era novo, e montava a cavalo.

Todos se riram dela e talvez do pai também. Essas coisas são muito difíceis de perceber. Lourença estava a aprender que as coisas melhores do mundo estavam sujeitas a segredo. Já quando comeceira uma data de bananas, quando tinha cinco anos, entendeu que tinha de disfarçar; senão não comia tantas nem a deixavam em paz para o fazer. Agora via que os amigos de Falco iam e vinham e trocavam com ele livros; reuniam-se nos porões da casa, que eram como um submarino por dentro, com muitos canos e volantes de ferro. Era impressionante. Passavam-se lá coisas proibidas, mas Falco dizia que não; ou antes, fingia que não ouvia se ela queria saber.

Falco estava muito diferente, fazia mistério de tudo e já se vestia como um homem. As habilidades que aprendera quando era pequeno, como andar de bicicleta e de patins, tocar flauta e conhecer os selos da Austrália, já não lhe serviam de nada. Fumava, e o pai um dia disse-lhe que podia fumar um bocadinho na frente dele e não na casa de banho. Artur nunca quis fumar, era um rapaz que até parecia um professor. Estudava em Coimbra, mas não usava capa e batina.

– Isso é para os parolos. A praxe é uma tremenda chumbada. – Era um pedante, mas Tia Ci achava-o um portento.

Falco discutia com Artur, mas nunca chegavam a conclusão nenhuma. As grandes mudanças tinham-se dado por dentro das pessoas. Marta já não era a irmã mais velha, mas uma senhora moderna até não poder mais e que tinha uma *fräulein* gordinha para o filho, o que valeu de alguma coisa. Leopoldinho tornou-se muito bem comportado, ainda que vaidoso e desagradecido. Se caía e o levantavam, ele voltava a atirar-se ao chão até que alguém, merecedor de lhe tocar, corria em seu socorro. Era um menino que dava que pensar. Filho do doutor Lima e Lemos só podia ser um génio.

– É muito chato – disse Marta. – Mas toda a gente que é muito inteligente é muito chata.

Lourença disse:

– Por que achas que é muito inteligente?

Marta não estava preparada para responder àquilo e saiu pela porta fora. Ouviu-se arrancar o carro dela, que tinha um feitio tão arrebatado como a própria Marta e rugia e bufava como ela.

Nessa altura Lourença já sentia que a casa perdera muito da graça que tinha dantes. Até almoçar na varanda, com cortinas com flores de cerejeira e passarinhos nos ramos, não lhe agradava tanto. A mãe chorava algumas vezes. Não tinha pena; apetecia-lhe dizer-lhe coisas más e desprezá-la um pouco. Admirava-se de como o pai tinha tanta paciência e nunca se irritava. Tia Ci dizia que ela fazia sofrer a mãe. Mas como? A mãe é que era intratável e ralhava por tudo e por nada. Marta punha-se vermelha, de tão indignada.

– Os homens são uns brutos.

– E tu és uma gansa – disse Lourença.

– Olha o fedelho! É melhor calares-te. Estas conversas não são para ti.

Já nada era para ela naquela casa. Lembrava-se da casinha no parque no lugar a que chamavam «do Brasileiro», e achava que era por homenagem ao pai, que tinha estado muitos anos no Brasil. Gostava de feijoada e de cachaça. Mas, na verdade, o lugar era Braz-Oleiro. Foi uma decepção saber isso. Nesse tempo ela era feliz; ninguém a incomodava; o Toninho, filho da lavadeira, impacientava-a um bocado porque ensinava Falco a pô-la à margem das brincadeiras deles. Falco obedecia-lhe. Agora, ao pensar nisso, apetecia-lhe vingar-se, recordar tudo como tinha sido.

– Andavas atrás do Toninho como um cão.

– Eu? Que Toninho? – Falco já não se lembrava. – Eu tinha cinco anos e tu sete.

– Ora, vai passear.

Outras vezes mandava-a plantar batatas, o que não era grave. Entre as fantasias que a ternura tem e o insulto, há um abismo.

Artur formou-se em Direito e deixou crescer o bigode. Havia tempo em que um estudante em Coimbra era reprovado por usar

bigode ou suíças à inglesa. O avô João contava-lhe como rapara a barba e o cabelo porque o mestre lhe disse que o ia chamar todos os dias até que ele cortasse as barbas. Ficou tão desfigurado que os amigos não o reconheceram no Porto. Lourença disse:

– Hoje isso não acontecia.

– Sei lá! – disse Artur. O pai não ficou contente e achou que Artur podia ir para o estrangeiro e estudar lá, se a liberdade dele dependesse disso. Mas o pai tinha dinheiro bastante. Lourença aprendeu que só os pobres e os ricos são livres; com os remediados é mais difícil; por isso são eles os mais calados. Falco referia-se a eles quando dizia «um Zé de gatas». Um «Zé de gatas» era um homem assustado. Mas toda a gente anda assustada neste mundo. Só que alguns fingem ou não o dizem. Há um monte de coisas que as pessoas não dizem, e Lourença gostava de saber o que era. Às vezes não tinha importância, mas outras vezes eram coisas lindas ou horríveis. O estudante Cordeiro, quando Marta se casou, desapareceu; morreu logo a seguir, na terra dele, que era para lá do Pocinho. Havia gente muito misteriosa para lá do Pocinho. Gente que escrevia, que tocava violino, que tinha uma farmácia com venenos e ervas medicinais. O estudante Cordeiro tinha um negócio de panos, mas não chegou a ir para o balcão vendê-los. Ficou tão doente que dava dois passos e suava como se fizesse muito calor. Morreu, e Lourença, quando soube, achou que ele nunca disse porque estava assustado.

– Se calhar gostava tanto de Marta que isso deu cabo dele. O amor pode matar uma pessoa?

– O amor, não. A decepção – disse a mãe. Lourença não achou bem perguntar mais nada. Já falar em amor em voz alta parecia perigoso. Falava-se em amizade e coisas desse género. Quando os rapazes diziam «amo-te» a uma rapariga, era muitíssimo excitante e representava um compromisso. A ela nunca lhe tinham dito isso. Os amigos de Marta não lhe prestavam atenção e, se a convidavam para ir beber qualquer coisa ao bar do Casino, mostravam-se contrariados quando ela punha uma cara inocente e dizia:

- A minha irmã vai comigo.
- Que toma ela? Um copo de leite?

Isto doía muito a Lourença, achava que era injusto. Ela gostava dos rapazes, pareciam-lhe tristes mesmo quando se riam a valer. Marta só pensava em fazer-lhes gastar dinheiro. Um dia Lourença seria uma mulher muito bela e havia de convencer os rapazes de que os amava porque não tinham muita sorte, fosse lá quando fosse. Tinham medo de não ter sorte, então era isso.

Em certa altura começou a pensar que era ela quem se opunha à sorte das pessoas. Não fazia nada, mas elas sofriam um desastre qualquer; talvez o estudante Cordeiro morresse por lhe ter chamado «matrona romana». Mas ela não tinha culpa.

Não ter culpa era a melhor coisa do mundo; e os efeitos nos outros, nem era bom pensar.

Nessa Primavera, Tia Margô fez sensação. Cortou as mangas de dois vestidos novos e trocou as jóias antigas dela por outras que pouco valiam. Zangou-se com Tia Ci e disse-lhe coisas muito aborrecidas. Acabaram por voltar a ficar amigas; mas via-se que nunca mais se entenderiam bem. Tia Ci, bonita como era, trazia Tio António sempre preocupado. Vestia-se bem demais e parecia ir entrar num filme, com *chauffeur* e *Hispano-Suiza*. Mas vivia numa casinha quase pobre, para os lados das Caxinas. As Caxinas eram o bairro dos pescadores. Tia Ci não gostava de morar lá. Estava sempre a falar de gente importante; e sabia a vida dos ricos como se fossem imperadores romanos, Tibério e César, por exemplo, e a família deles inteirinha. Lourença também gostava de História, mas a dos vizinhos não lhe importava para nada. Pensava se Tia Ci fosse mais instruída não seria até uma historiadora famosa, que os historiadores são bisbilhoteiros de alto nível.

O Verão estava a começar outra vez, e nesse ano Lourença não tinha exame e as férias começavam mais cedo para ela. Eram umas férias muito compridas, e a mãe não sabia como arrumar Lourença. Não podia mandá-la para a praia porque só armavam a barraca em Agosto. Uma barraca tão grande que até era quase uma vergo-

nha. Ficava isolada, no extremo da praia, em frente aos penedos. Quase ao lado estava a barraca dos Crisóstomos, que era gente muito rica. Via-se logo pelo feitio da barraca, em forma de tenda de emir. Parecia que tinha servido para as cenas do *Lawrence da Arábia* que, evidentemente, se filmaram muito depois, já quando Lourença lera *Os Sete Pilares da Sabedoria*. Não é sábio quem quer, Lawrence da Arábia não era, e Lourença achou que só os amigos dele gostavam do livro. Se tivesse muitos amigos, até valia a pena tê-lo escrito.

As meninas Crisóstomos eram duas, iguais, vestidas de igual, sempre de seda clara com calcinhas iguais. Não falavam com ninguém, tinham bóias no feitio de jacaré e cisne gigante. Via-se que se aborreciam até mais não poder. A mãe delas estava sentada num cadeirão de vime e não se descalçava nem nada. Tinha o ar de ir ralhar com alguém. Nesse tempo, ralhar era o desporto das donas de casa, e era preciso uma certa dose de experiência e presença de espírito. Senão não se era levada a sério.

Como o Verão não estava ainda no auge, Lourença era mandada para a casa da avó do Paço. Esta avó era tão velha que não conhecia já ninguém e dizia as coisas todas trocadas. Lourença tinha medo de ficar só com ela no quarto. Podia dar-lhe para a matar. Falco, que foi com Lourença para o Paço, disse-lhe assim:

– Não tem força nem para segurar numa gata pelo rabo. Podes ficar descansada.

Mas Lourença não ficava descansada e não se separava um minuto da tia Amélia que, essa sim, lhe inspirava confiança.

O Paço era uma quinta. A mãe dizia que ela ficava metida num buraco e não gostava de lá. Mas Lourença gostava.

O PAÇO

Vamos a ver porque Lourença gostava do Paço.

Primeiro, era um lugar fechado por um pinhal, o que fazia lembrar alguma coisa de misterioso mas protector. Ouviam-se os carros-de-bois carregados de mato, que era o tojo cortado para a cama do gado. Os carros chiavam para dar sinal de que vinham em segurança.

O pai nascera na casa do Paço. Não queria dizer nada de nobre, mas sim sítio de passagem. Os antigos davam muitos erros de ortografia e tanto fazia escrever assim como doutra maneira. Eram felizes, os antigos.

No Paço respiravam-se a toda a hora acontecimentos. Lourença manteve pela vida fora essa sensação de novidade, de pretexto de vida e movimento. Acordava com a impressão de ter muitas coisas para fazer. Ia colher os ovos ao poleiro das galinhas, ajudava a fazer o pão e ouvia Tia Amélia fazer contratos com os compradores do vinho. Ela era uma artista nessas coisas. O pai achava-a uma velhaca e queixava-se de ela não fazer as contas direitas quando se tratava de repartir os rendimentos. Mas Tia Amélia era um portento de inteligência, graça e alegria. Até admirava por ter ficado solteira. Ou então estava tão contente com ela própria que não precisava de ninguém que a convencesse.

Na família havia muitos solteiros e cada um fazia o que queria dentro de obrigações que não se podiam lançar para as costas dos outros. Tio Joaquim também não casou. Tinha duas rosetas na cara como se fossem pintadas. Gostava de beber, mas não fazia nunca más figuras. Usava um grande capote no Inverno e parecia

assim um peregrino. Quem não soubesse como era um peregrino, bastava-lhe ver Tio Joaquim no Inverno.

Nesse tempo o acesso ao Paço era difícil e o carro ficava no Barral, guardado num beiral. O Barral era onde a avó se criara com as irmãs dela; dizia-se que eram bisnetas do capitão Du Barral, que veio com o general Massena na terceira invasão francesa. As irmãs da avó eram loiras, outras ruivas e com umas caras como a do Anjo de Chartres. Isto tudo era muito impressionante. Nem em cem anos Lourença podia contar tudo o que aprendeu no Paço. As pessoas que lá conheceu eram as mais extraordinárias do mundo, como a D. Carlolina, que vinha consultar Tia Amélia a cavalo numa égua preta que se chamava *Mariana*.

– Não é esquisito ela chamar *Mariana* à égua? – disse Lourença. Tia Maria riu-se; quando ela se ria, o sol vinha espreitar pelo postigo da cozinha. Era a segunda tia do Paço. Bonita e com olhos de chinesa. Tinha um feitio tão calmo como o dum general numa batalha. Foi Falco quem esclareceu o mistério da égua preta.

– Dona Carlolina acha-a tão fiel e segura como a Mariana do *Amor de Perdição*.

– De qualquer modo, é esquisito.

Mas a própria Lourença dera a uma gata o nome de *Ifigénia*.

Só que as nossas esquisitices sempre nos parecem sensatas. Estamos sempre prontos a censurar os outros por motivos perfeitamente naturais se forem os nossos motivos.

Do Barral ao Paço, eram quinhentos metros de caminho; o pó era como leite, as pedras brilhavam e havia dois tanques de água onde as rãs saltavam. As bordas do caminho tinham uma sebe de silvas e, no tempo das amoras, estavam cobertas de cachos que o pó encobria. Eram boas a valer e tão fáceis de colher que até não tinha graça. Por fim, Lourença passava pelas amoras bravas e não se tentava com elas. Mais tarde lembrou-se e disse:

– Quem me dera voltar lá! Amoras como aquelas nunca vi mais nenhuma. Pareciam veludo azul.

– Eram pretas e dizes que pareciam veludo azul. – Falco não podia com aquelas trapalhadas. Gostava só de parafusos e fios, coisas que servissem para fazer trabalhar um motor. O pai decidiu que ele seria engenheiro. Falco tinha quinze anos e não parava em casa. No Paço, saía para a caça com os amigos e voltava só passados três dias. Às vezes trazia um dos amigos, como o Gil da Gama, que era filho dum juiz. Gil era bonito como uma pintura, como um postal de parabéns. Lourença achava ridículo alguém parecer-se a um postal de parabéns; até porque Gil não sabia dizer mais nada do que se diz num postal.

Lourença aprendeu com a tia Amélia imensas coisas úteis, como estancar o sangue duma ferida com uma teia de aranha; só que não havia teias de aranha em casa de Lourença, a mãe teria um ataque de nervos se visse alguma. Ela não gostava do Paço, achava lá tudo muito primitivo e até bastante sujo. A retrete antiga tinha um assento baixinho para as crianças, e Lourença nunca vira nada assim, tão cómodo e agradável. Era preciso ter respeito pelas crianças para mandar fazer aquilo. Melhor do que um urso de peluche, muito melhor. Quando era mais pequena, Lourença sentava-se lá e Tia Amélia fazia-lhe companhia, se era noite escura. Pendurava a candeia na chave da porta e punha-se a falar. Nunca tinha pressa para nada, e uma criança pequena apreciava muito isso. Contava o que acontecia todos os dias e também histórias muito antigas. Contava coisas engraçadas e outras assustadoras. Havia sempre alguém que trazia uma novidade, e todos comentavam e discutiam tudo até se porem de acordo. Quando se punham de acordo, Tia Amélia dizia:

– Seja pelo amor de Deus.

E Tia Maria tirava a roca da cinta, disposta a não fazer mais nada, e rematava tudo à sua maneira:

– Os pobres!

Não se sabia a quem ela se referia, mas Lourença percebia que era a toda a gente do mundo.

A mãe de Lourença não gostava que ela fosse para o Paço. Parecia-lhe que ficava privada do amor dos filhos, mas não era nada disso. Outras vezes dizia que Lourença aprendia lá «coisas desnecessárias». Tia Amélia dizia palavras feias com grande à-vontade; e dizia «a pata que o há-de pôr», o que não se entendia muito bem, mas quase. Nada parecido com o vizinho Augusto, um homem gordíssimo e que falava tão mal que era divertido ouvi-lo. Já com ser gordíssimo era cómico, quanto mais ele dizer tantos palavrões tão seguidos.

– Vamos, diga-lhe alguma coisa – pedia Lourença, quando o via do lado de lá da sebe. Puxava pelo avental da tia Amélia, e ela fazia-se rogada. Por fim, dizia:

– Olá Augusto, muito bons dias! – Nunca se tratava dum dia só, mas duma data deles. Era um cumprimento largo e generoso.

Augusto desatava a língua e dizia aquelas asneiras grandíssimas. Não era capaz de parar. Trocava tudo, vivia muito ofendido com os inventos do século que só serviam para gastar dinheiro – a rádio e a electricidade.

– Eu não quero essas coisas cá em casa nem nunca hei-de pôr o rabo à janela como outros que sei.

Lourença ria-se muito e perdia toda a compostura. Mas Augusto nem dava conta, entretido que estava a vociferar. Gritava tão alto que o monte defronte devolvia o eco; era dum efeito extraordinário. Quando a mãe de Lourença ia ao Paço, essas coisas não se podiam fazer, nem sequer falar delas. Ficava tão chocada que pouco faltava para chorar.

– É uma gente completamente selvagem – aquele «completamente» sublinhava melhor quanto ela estava aborrecida.

Artur dizia que viviam em plena época de Gil Vicente, o que já era vontade de agradar. Mas Lourença gostava do Paço e de tudo o que lá havia: pessoas, garfos de ferro, potes da lareira onde nadavam carolos de milho. Quando tomava um banho, era certo ter na banheira alguns carolos de milho a boiar.

O quarto de banho tinha duas janelas e duas portas, o que o tornava quase um lugar público. O pai mandara-o fazer quando voltara do Brasil; era um quarto de banho muito elegante, com um friso de azulejos com túlipas cor-de-rosa e uma banheira redonda. As varas das videiras batiam nas janelas e Lourença apanhava grandes sustos. Via-se dali a quinta toda, a eira grande e o caminho que ia dar aos pombais por cima dum tanque quase do tamanho duma piscina olímpica. Mais tarde Lourença reparou melhor; não era assim tão grande, mas os patos nadavam lá como campeões.

O abade era uma pessoa formidável. Não tinha medo do Inferno ou, pelo menos, não o demonstrava. Tia Amélia cortava-lhe na casaca mas mandava-lhe presentes de lombo de porco e outras coisas. Ele era contra os conventos e as freiras.

– A vocação da mulher é ter filhos – dizia, com voz grossa e ralhadora. E acrescentava: – Ou tratar dos negócios da casa. – Lembrou-se que no Paço não tinha havido muitos casamentos; podia-se dizer até que era uma espécie de convento. Lourença gostava assim. Quando já não era criança e estava casada, lembrou-se do Paço como um lugar à parte, cheio de felicidade. As amoras bravas eram o símbolo dessa felicidade, que não parecia importante porque não era difícil de alcançar. Só depois se percebia como era boa e perfeita e tão perto do coração como do prazer de viver.

Havia na salinha de entrada, que já era obra do pai, dois retratos grandes: o avô, de barbas, parecia um russo do tempo do czar. Era muito valente e também galante. Era preciso ter cuidado com ele e não deixar-se enganar com o ar discreto que ele tinha. A Avó Justina, via-se bem como fora decidida e romântica. Já estava muito velha e não reconhecia os filhos, e ainda se lembrava do avô como uma namorada. Um dos dois tinha que ser muito especial, se é que não ambos.

Apesar de tudo, passados quinze dias no Paço, Lourença tinha saudades de casa. O Paraíso não se fez para as crianças, e ela queria a sua caminha, as almofadas de lã, e saber se a mãe lhe ia comprar vestidos novos e um *maillot* azul. A mãe nunca lhe comprava o

que ela queria. Usavam-se pijamas para a praia, e a mãe dizia que a última moda nunca é para pessoas elegantes. Só a moda do ano passado é que é.

A mãe andava agora muito ocupada com Pol, o filho de Marta. Marta, deu-lhe para casar outra vez, com um senhor velho e de rendimentos; deixara Pol para trás, como uma mala na estação, e foi com o marido. Não estava muito bem esse procedimento, mas Marta era assim, todos se tinham habituado. Lourença sabia já que as coisas têm de ser levadas com calma e que não vale a pena incomodarmo-nos demasiado. A cantiga do David, caseiro de Cava-leiros e bom tangedor de viola, não dava muito certo com a realidade:

*Há duas coisas na vida
que não posso compreender:
um padre ir prò inferno
e um médico morrer.*

Ora, o primeiro marido de Marta era médico, e morreria. E o Padre Frutuoso era muito capaz de ir para o Inferno, se não se acautelasse, o que não estava no feitio dele.

Quando morreu a avó do Paço o pai chorou, o que nunca tinha feito. Lourença ficou um bocado assustada. Tinha vergonha, não sentia nada. Até achava que o pai exagerava. A avó era tão velha e mirrada e não dizia coisa com coisa; e então porque sofriam tanto? Os filhos lembravam-se dela quando era nova e lhes pegava ao colo e lhes tirava o cabelo da testa. Era melhor do que um beijo essa maneira de lhes tirar o cabelo da testa. Dava-lhes pão, só pão e mais nada; e sabia-lhes bem o pão dado pela mãe.

Lourença ficou no Paço mais algum tempo, e Tia Amélia procurou não estar muito triste. Só os olhos dela pareciam mais escuros; limpava às vezes o nariz com as costas da mão, era possível que estivesse quase a chorar. Lourença queria fazer alguma coisa para lhe agradar, mas não sabia o quê. Tia Amélia sorria e procu-

rava que ela não se aborrecesse muito. Não tinha coragem, porém, de chamar o vizinho para o ouvir dizer disparates. Noutra altura, agora não. Lourença entendia: era como ir ao teatro, e quem está de luto não vai ao teatro.

Quando voltou para casa notou que o Pol ocupava o espaço maior da casa. Tinha um quarto só para ele e uma criada que não fazia mais nada senão tratar dele e entretê-lo. Era uma rapariga muito nova que estava toda assustada e não sabia como disfarçar. Arranjou um estribilho que era assim: «Isso é normal...» Partia uma xícara ou Pol engasgava-se com um troço de couve que fora apanhar não se sabia onde, e ela só dizia: «Isso é normal...» Um dia deu-se um crime ali perto, o pai da Miluzinha dos caracóis deu um tiro na mulher, e toda a gente ficou aflita. Clementina disse: «Isso é normal...» – e continuou a fazer saltar Pol nos braços com tanta força que ele vomitou o leite todo e uma banana quase inteira.

A Miluzinha dos caracóis era neta do capitão Machado. Tinha quatro anos quando «se deu a tragédia». Era tão linda e antipática, a dita Miluzinha, que não se importou. Tinha uma mobília para o tamanho dela e bonecas por todos os lados. O pai deu outro tiro nele, como no cinema. Lourença viu que a vida das pessoas se parece às vezes com as fitas, só que se passa mais devagar. De qualquer modo, aquilo tudo era do tipo de coisas de que não se falava à mesa. No Paço era diferente; no Paço falava-se de tudo à mesa e ao serão, e até na missa. As pessoas não podiam ficar caladas; só se calavam quando estavam presentes os culpados ou os parentes deles.

Clementina foi despedida. A mãe de Lourença aproveitara o pano velho duma barraca para lhe fazer aventais, e os rapazes da rua implicavam com Clementina quando a viam fardada às riscas vermelhas. Eram riscas largas, que davam muito na vista. Um dia Clementina encheu o avental de pedras e pôs-se a atirá-las aos rapazes. Feriu mais do que um, a polícia acabou por intervir; Serafina disse que era uma vergonha para a casa. Lourença e Falco

estavam do lado de Clementina, mas não podiam fazer nada. Viram-na ir-se embora com certa indignação.

– Achas bem? – disse Lourença.

– Bem, não acho. Mas não se pode despedir a mãe. Lourença concordou que a justiça era às vezes insustentável. E ficaram por ali.

Falco tinha mudado que eu sei lá o quê. Nadava, jogava ténis e namorava a torto e a direito. Parecia ter perdido o juízo. Lourença não podia contar com ele para nada; estava entregue aos seus próprios recursos. O pior de tudo era que Lourença nunca estava satisfeita; aborrecia-se no colégio e em casa, tomava de ponta toda a gente, tinha a mania da contradição. As amigas já nem lhe pediam a opinião sobre nada. Só não a punham de lado porque Lourença lhes fazia as redacções e era muito boa nisso.

– Tens um jeito...!

– O que vocês são é umas tapadas – dizia Lourença, alegre. Sentia-se forte e invencível. Só havia uma que a vencia: a menina Auxiliadora, um portento em todas as disciplinas e, além do mais, bela como Santa Inês, a dos grandes cabelos. Mas Auxiliadora morreu de tifo e a vila inteira deitou luto por ela.

– Era uma alminha eleita e não era deste mundo – disseram. Lourença pensou que ser eleito era bastante perigoso e reconciliou-se com os seus defeitos, concluindo que não eram muitos. Na confissão repetia sempre as mesmas faltas, achava já pouco bonito da parte dela. Talvez devesse confessar um pecado diferente, como a luxúria.

– Luxúria é a mania do luxo? – perguntou à mãe. A mãe disse que sim. Mas isso tinha sido há muito tempo. Agora não seria capaz de fazer perguntas dessas. Tia Amélia, de manhã cedo, olhava para ela e julgava que ela dormia.

– A menina está acordada? – perguntava Tia Maria.

– Dorme o sono da inocência.

Lourença pensava que ela estava enganada. Já sabia muitas coisas. Lera a *História dos Papas* de fio a pavio e sabia como se comportavam os gatos com as gatas. «Não sou inocente» – pensava,

com orgulho. Mas Tia Amélia nunca ficaria convencida; perder a inocência, para ela, era perder a curiosidade e o gosto de admirar. Nem que fosse só o canto das rolas no beiral da cozinha. Um canto sério e feito para as tardes de sol, ainda frias, na entrada da Primavera.

OS CASINOS

Doutra coisa que Lourença se apercebeu de repente foi de que o pai tinha um casino. Um casino só para ele, mobilado com sabres chineses e móveis chineses; tinha também retratos de mulheres de cabaia e franja, nas paredes. Tia Ci, que passava lá muito tempo, contava essas coisas. A mãe de Lourença ficava muito contrariada.

– A Cecília sabe que são assuntos proibidos nesta casa.

Levantava-se e ia dar ordens às criadas ou cortar ervilhas-de-cheiro. Tinha uma autêntica bouça de ervilhas-de-cheiro; quando floriam eram como um quadro. A mãe era uma puritana.

– Sou uma puritana – dizia.

Não se percebia como casara com o pai, que jogava e não fazia mais nada. Às vezes vinha jantar e punha as mãos abertas em cima da mesa antes de declarar:

– Hoje vou fazer uma estroinice.

A estroinice era deitar-se às dez horas da noite. A mãe ria-se um bocadinho, mas via-se que vivia apoquentada. Ela tinha que dar o exemplo, e dava o exemplo duma puritana. Fosse isso o que fosse, tinha que ver com a mania da perseguição, e Lourença sofria as consequências. Serafina desculpava-a:

– *Tu madre es tu madre.*

– Não é nenhuma novidade. Mas grita demais comigo, e só comigo.

– *Bueno... criatura. Tè pones delante!*

Lourença passou a dar pretextos para sair. Saía para comprar cadernos; para ir pedir trapinhos às modistas, para ir ver um naufrágio ou um casamento. Para se confessar, para ver a procissão,

para não sabia que mais. Era uma terra cheia de ideias e, mesmo no Inverno, sempre se encontrava maneira de estar fora de casa: ou no cinema ou no *Guarda-Sol*, que era o bar da praia que nunca fechava. Estava lá toda a gente conhecida, a elite intelectual e a outra. Senhoras casadas que faziam croché e que não faziam nada. Na Primavera punham vestidos às pintinhas, e Lourença achava-as o cúmulo do bom-gosto. Na realidade, não se sentia bem em parte nenhuma, parecia que alguma coisa a chamava e ela não sabia o quê. Andava distraída, e Falco dizia que ela era aluada. Do lado da mãe havia muita gente aluada, com manias ou até des-trambelhados de todo. Ninguém se admirava quando acontecia qualquer coisa fora do comum. O modelo mais fantástico era o da bisavó Maximina, a mãe do avô João. Julgava-se uma rainha e troçava de toda a gente. Havia frades e até um bispo na família, reis não havia. Mas Maximina andava como se tivesse uma coroa na cabeça, e toda a gente ficava um pouco acanhada diante dela. Quando Maximina dizia «coitadinho», com respeito a alguém, era certo que ia insultá-lo de qualquer maneira. Felizmente Lourença não a conheceu; dizia-se que Marta tinha o mau-génio da bisavó Maximina.

Um dia Marta veio buscar o pequeno Pol. Ainda que tivesse avisado, aquilo caiu muito mal. A mãe desmaiou e chamaram um médico que receitou e se pôs a contemplar o jardim das janelas da sala. Quis saber quanto pagavam os inquilinos todos e se não havia humidade. Achou que andavam demasiados gatos nos quintais.

– Se não fosse a coriza felina, não sei o que seria – disse. Lourença achou-o também aluado. Era um homem quase pobre, e essas pessoas empreendem com tudo e estão sempre prontas a incomodar os outros. Mas esquecem depressa o que dizem. Este médico era alto e triste; Marta ficou muito impressionada, como se visse um fantasma. Pegou em Pol e apertou-o nos braços, como se alguém lho pretendesse tirar.

Pol não queria ir com ela. Tiveram de lhe prometer um rinoceronte e uma bola de câmara-de-ar. Uma bola compreende-se,

mas o rinoceronte não era muito prático. Mas fora Tio António que lhe metera aquilo na cabeça.

– O rinoceronte é um animal neurasténico. Faz as necessidades e volta atrás para as espezinhar.

Pol disse que também gostaria de fazer isso. Tio António era muito entendido em coisas de África. Nascera lá e andava sempre no caminho, cá e lá. Adorava aquilo, se bem que *adorar* é dizer demais.

Por fim Marta, não podendo convencer Pol, atirou-se para o sofá com um ataque de nervos, o que assustou tanto o filho que se deixou vestir sem protestar. Falco piscou-lhe o olho e, não se sabe porquê, aquilo também teve algum efeito. Pol pareceu disposto a enfrentar a realidade. De resto, Marta enchia-o de orgulho, assim nova e muito bem vestida. No fim, Pol deixou-se levar e sentou-se ao lado do *chauffeur*, que era tal e qual um oficial fardado. Só lhe faltavam os galões. Tinha polainas brilhantes e luvas até. Pol ficou de repente um menino rico, com cara de enjoado.

– Adeus, Pol, tem muito juízo – disse Tia Margô, da janela. Estava a comer a torrada do lanche e via-se que tinha apetite. Pol não lhe acenou, nem fez mais caso de ninguém.

– Amor de menino é como água em cestinho – disse Serafina. Mas na terra dela não se dizia assim; dizia-se: «*Amor de niña, agua en cestilla.*» Tinha muita vaidade nestas diferenças.

Até aí Lourença tinha vivido no Largo do Chinês, numa casa com varanda de pedra e que tinha alguns móveis emprestados. Entre eles, estava uma «conversadeira», dois assentos cruzados ou coisa assim. Dá muito trabalho a explicar. Lourença achava aquilo uma maravilha, e Falco ria-se.

– Aposto que há gente que não sabe para que isso é.

– Para nos sentarmos, um de um lado e outro do outro. Vê-se logo.

Falco insistia que não era assim tão fácil. Quando muito, era próprio para tirar retratos. Não se enganava. Os casais gostavam de se sentar numa conversadeira para se fotografarem de maneira

solene. Quando faziam as bodas de prata, que eram vinte e cinco anos de casados.

– Há cada um! – disse Falco. Era um estribilho que ele tinha agora. Lourença pensava que ele era ainda muito criança; e que os amigos dele eram também muito crianças. Preocupava-se em limpar com alvaiade os sapatos de ténis, e eles estavam cada vez mais encardidos. – Preciso doutros – declarou. Conseguia tudo o que queria. Mas para Lourença a mãe mandava fazer pantufas com os retalhos duma capa dos Pirenéus que tinha trazido de Espanha. Só a antiguidade fazia corar. O sapateiro fazia-os e até se divertia com isso.

– Servem a qualquer um. Servem a pés redondos e bicudos – disse.

Lourença ficou muito vexada. O sapateiro morreu de tuberculose, e Lourença pensou que era um alívio; nunca mais ia fazer pantufas para ela.

– Foi fazer tijolos – disse Falco. Serafina disse-lhe que estivesse calado, que essas coisas não se diziam.

– *Muérese el rey y el papa y el que no tiene capa.* – Aquilo era muito profundo, e Lourença não entendeu muito bem. Mas deu-lhe razão.

O Casino Chinês foi transformado em cinema e houve uma data de pessoas que receberam de presente as bonitas damas de cabaia com flores de cerejeira. Tia Ci passou a gozar da companhia dessas senhoras, e tinha-as penduradas num quatinho a que ela chamava «toucador». Era tão escuro que só com a luz acesa se via alguma coisa. Linda como era, Tia Ci podia, no mínimo, ser artista de teatro; mas ficou sempre ao lado do marido, que era estroina e nunca tinha dinheiro para nada.

– Ela não tem temperamento – disse a mãe, como se dissesse uma coisa feia. Desprezava um bocadinho Tia Ci, e Lourença achava que era por isso que era tão amiga dela.

Quando o pai punha os olhos muito fitos, sem olhar exactamente para ninguém, já sabiam o que ele ia dizer:

– Estou atrapalhado de finanças.

Ninguém se atrevia a pedir mais nada; nem um lápis, nem dinheiro para o cinema. Calavam-se e deixavam que o humor do pai passasse como um vento Norte. Dar-lhe a nortada era mesmo ficar assim derrotista e quase mau. Mas, de repente e logo a seguir, ia ao viveiro dos penedos e comprava uma lagosta grande. Deu um carro de *sport* a Artur numa ocasião dessas, e Artur perdeu o ano em Coimbra. Disse ao mestre que fora um ano péssimo e que o pai estava falido e Falco desaparecera de casa. Mas ele não se compadeceu.

A verdade é que todos conheceram uma era de esplendor. Construiu-se o casino novo, depois de muitas ordens e contra-ordens por causa do local. Num sítio deitava-se abaixo a casa do doutor Morais que tinha a mãe velhinha, e isso não podia ser. Depois de muita discussão, o Casino abriu. Estava diante da praia do peixe, e o cheiro era forte e constante. As senhoras, sentadas na esplanada do Casino, recebiam aquele perfume de pescada e habituaram-se depressa. Até diziam que não cheirava a nada.

O Casino, por dentro, era luxuoso e, como disse Tia Ci, «bem dividido». Para se chegar lá era fácil; o vento e a areia batiam nas pernas como um chicote e o cabelo voava que até qualquer pessoa sossegada parecia uma alma penada. A mãe fez um vestido comprido para a inauguração, e Lourença decidiu que, nem que fosse dali a cem anos, havia de ter aquele vestido. Faltavam os sapatos; por fim, chegaram no próprio dia. Nesse momento Tia Margô fez uma cena. Também queria ir. A mãe teve pena dela e desistiu de tudo. Tinha um fraco por Tia Margô e passava-lhe por tudo. O resultado é que ela estava cada vez mais insuportável, só comia canja de asas de galinha e omeletes, e chá a ferver. Tinha um bule só para ela, um talher só para ela. Nunca bebia água, nem vinho, nem leite. Só sopa, também a ferver. Falco dizia que qualquer dia lhe saía uma labareda pela boca fora, como aos dragões. Tia Margô ria-se; às vezes não se zangava, outras vezes punha-se como «um basilisco», como dizia Serafina. Um basilisco era o que há de mais pare-

cido com um dragão. Pelo menos é o que se dizia; mas as opiniões variavam muito.

O Casino novo era uma fonte de desgostos para a mãe. Volta e meia, chorava e fechava-se no quarto. Não queria ter amigas nem dar-se com estranhos. Começava a achar que o pai não se regenerava muito e que ela não era como Santa Mónica com Santo Agostinho. Ou como a rainha Helena e o filho dela, o imperador Constantino. Essas eram mulheres de muita força e triunfavam do mal com a maior das facilidades. A mãe, não. Mas também o pai não era o imperador Constantino e muito menos Santo Agostinho. Havia de ser bonito Santo Agostinho vestido de seda crua e com um lacinho ao pescoço. Lourença não queria imaginar uma coisa dessas. O pai era bem disposto ou sombrio, conforme lhe dava. Quando estava alegre dizia que Lourença era formidável e que em tudo o que se metesse era para «ganhar a camisola amarela». Lourença preferia que não tivessem tanta confiança nela. Não queria ser um exemplo. Os exemplos acabam mal, como se podia ver pela história do jovem Tarcísio. Mas se calhasse ter de ser um exemplo, então paciência.

Era arreliante não ser como as outras crianças que, chegado Agosto, iam para a praia. Lourença já estava na praia; todo o ano lá estava e nada mudava no Verão, excepto não ter de estudar e de comprar cadernos-diários. E encapar os livros, que era coisa que lhe saía sempre mal.

O vento era como uma pessoa viva. Havia dias em que ele aparecia zangado e entrava pelas ruas a soprar, a abanar os toldos, a levantar a areia e a escurecer o sol. O vento era assim. Lourença não gostava dele. Trazia sempre o cabelo despenteado e a areia colada à cara.

Quando ele vinha do Norte, levantava o pano das barracas e fazia rolar os chapéus pela praia fora. Bufava como um touro, mia-va como um gato. Lourença batia-se com o vento, trocava-lhe o caminho, espreitava-o das esquinas, ia sair mais longe para o enganar. Mas o vento era indomável; se comia na praia, o vento enchia

de areia o bolo de arroz; entrava nas costuras e, um ano depois, se a bainha era desfeita, a areia caía no chão com um barulhinho amigável. Como se dissesse: «Cumprimentos do vento, ele espera-te lá fora.» A areia e o vento andavam juntos e davam-se bem. Areia seca e areia molhada; areia com cheiro a peixe e gosto a sal; areia branca, areia de terra, areia de pó. Era demais. Lourença disse:

– Quero um escafandro para sair à rua.

A mãe nem quis entender. Estava a cortar lascas de presunto e deu-lhe duas com pão. Era tão bom que nada se lhe comparava. Lourença pensava que o mar lhe dava aquela aliança com o sal. Mas o vento e a areia estragavam tudo. No Inverno ainda se suportava porque estamos preparados. Lourença, sem autorização da mãe, ia à praia ver os naufrágios. As mulheres gritavam e escavavam a areia com as unhas. Era um rito de desespero; Lourença sentia a garganta fechada, apetecia-lhe gritar com elas.

Quando começavam as marés vivas, a turma ia à praia debaixo de forma para ver o mar bravo. Elas não se importavam nada com o mar, as ondas como castelos, a Avenida dos Banhos debaixo de água. Importavam-se com parecer bonitas e dar na vista aos rapazes. Sobretudo as internas. Lourença achava que elas não eram dignas de ser internas. Era uma vida recolhida, com muitas horas em que ninguém repara o que se faz ou não se faz. Ela poderia ler, escondida no saguão onde estavam os cacifos dos pianos. Via-se o mar das mansardas. Era como um pano azul estendido ao sol; o vento e a areia não chegavam às mansardas.

– Quero ser interna – disse Lourença.

A mãe queixou-se de que Lourença não gostava dela. Não se gosta todos os dias de tudo, nem dos pais, nem dos irmãos. É preciso pôr espaço entre nós e os outros, senão a malícia entra no coração como uma erva que cresce com o amor.

– Interna, tu? – disse Falco. – Já és uma boca-aberta. Pior ficavas.

– Aah! – disse Lourença.

O BASILISCO

Serafina insistia em que Tia Margô se tornava num basilisco quando a contrariavam. Lourença tinha até medo de Tia Margô, sobretudo aos domingos, quando a via levantar-se, depois de tomar o chá na cama. Ia para o quarto de banho e voltava embrulhada numa toalha, e a fumar. Fumegava como se tivesse sido cozida em água a ferver. A pele dela estava vermelha; o que mais gostava Tia Margô era de água muito quente para se lavar. Lourença pensava que isso devia ser uma tara dos basiliscos. Foi consultar o dicionário mas não ficou com uma ideia muito clara. Era um velho dicionário castelhano e em muitos aspectos era divertido. Lourença lia-o como se lesse um livro de histórias e tornou-se muito erudita. Sobre o basilisco e muitas coisas mais. Sobre as cortesãs de Alexandria e de toda a parte; o dicionário tinha um capítulo sobre a matéria e não era pouco explicado. A mãe nem sonhava que ela lesse aquilo.

– Que andas a ler, fagúncia? – perguntou Falco. Mas não havia perigo. Ele nunca parava o bastante para se informar. Quem estava sempre alerta era Serafina. Como já não fazia nada, a não ser remendar os panos de cozinha, dava-lhe para espreitar Lourença. Não queria que brincassem no porão e, se ela e as amigas ficavam caladas, ia ver. As amigas eram poucas, mas extraordinárias. Era Cacilda, conhecida pela «Cardosinha», duma família de barões. Tinha direito a brasão, mas, como estava pobre, tanto se lhe dava. Era mais velha do que Lourença e tratava-a como se fosse uma criança. Pintava-se e oxigenava o cabelo; nos teatros que fantasiavam juntas, Cacilda fazia sempre de *vamp* e era muito competente nesse papel.

Se alguém tinha ar de basilisco era ela. Os avós dela e os avós antes desses avós eram muito famosos no tempo deles. Via-se, pelos nomes. Havia Teobaldos e Valerianos e Gaudêncios. O pai de Cacilda tinha morrido, ela tinha um padrasto que não impressionava ninguém e mal se percebia que existia. Quando Lourença descobriu que basilisco queria dizer em grego «pequeno rei», não faltou quem se mostrasse entusiasmado em ter essa alcunha. Mas Cacilda riu-se e disse que ela não estava para esses disparates. Frequentava o liceu e era má aluna; troçava dos professores, e isto punha o reitor muito preocupado. Ela era um mau elemento.

– Achas que a Cacilda é um mau elemento? – disse Lourença. Falco respondeu que não sabia. Era sinal de que tinha ideias muito próprias a esse respeito. Serafina disse que ela era mais negra por dentro do que por fora.

– Porquê? – disse Lourença.

– Porque tem as sobrancelhas juntas.

Lourença pôs-se a reparar, e Cacilda tinha sobrancelhas finas e pintadas em arco. Decerto rapava-as. Era uma rapariga divertida, maliciosa, sim, mas cheia de graça. Todos pareciam preferir Bertinha, que era discreta, bonita e boa aluna em matemática. Parecia parva, mas dava bem conta dos estudos. Andava sempre bem penteada, tinha ondas no cabelo e não gostava de brincar. Serafina dizia:

– Faz como ela, que é prudente e estuda para se fazer rica, e não só para saber. Sabedoria de pobre, nada vale.

Lourença disse que Serafina era uma velhaca. Talvez a sabedoria do pobre seja assim.

– O basilisco é um lagarto, e diz-se que se se vê ao espelho morre de susto – disse Lourença, instruída como estava sobre o assunto.

– Que probabilidades tem um lagarto de se ver ao espelho? – E Cacilda fez troça. Tinha um ponto comum com Lourença: não gostava de praia nem de tomar banho de mar. – Gosto de que me coccem as costas e de dançar o *slow-fox*.

Lourença achava-a tremenda. Estava a tornar-se corpulenta, e a mãe não entendia que não podia continuar a vesti-la «à inglesa».

Parecia mal com tudo, e só uma vez conseguiu ter bom aspecto. Foi quando houve no Casino um baile de fantasias e ela apareceu à maneira sevillhana.

Tia Margô emprestou-lhe uns sapatos de cetim preto e o vestido era de cretone, cheio de folhos. Serafina contribuiu com a gargantilha de ouro, e estava bem arranjada até não poder mais, pintada e tudo. Tinha ao peito um cravo preso com um alfinete, e o primeiro rapaz que a tirou para dançar espetou-se com ele. Ficou, se não como um basilisco, muito ofendido. Mas era o rapaz mais bonito do grupo, e Lourença ficou admirada e contente por ele a ter escolhido. No outro dia, ele não a reconheceu; achou-a ensossa e quase gorda.

– Quando vão reparar em mim? – pensou Lourença. Nem sequer Falco fazia caso dela; nem o tio António, que só falava em raparigas modernas que conduziam automóvel e sabiam escrever à máquina. Era muito deprimente. Mas não tinha feitio de basilisco; lia e comia maçãs, como sempre fizera. Sonhava com o dia em que poderia vestir os vestidos de *étamine* da mãe e usar os sapatos dela às tirinhas.

Marta vivia muito longe, em Lisboa, nada menos. «Nada menos» era um estribilho de Tia Margô. Marta mandava Pol, como se fosse uma cesta de laranjas e uvas moscatel; ele era um menino orgulhoso e mal-educado, pedia talher de peixe para comer bacalhau à Gomes de Sá. Em casa de Lourença não se usava talher de peixe, mas havia muitos em caixas de papelão. Até tinham um sável gravado. A mãe de Lourença desembulhava um para Pol e ele calava-se.

– Duvido que o bacalhau se coma com talher de peixe – disse Falco. – Só o peixe fresco é que se come com talher de peixe.

– Quem disse? – Pol estava interessado.

– Ninguém, mas entra pelos olhos dentro. O bacalhau é uma múmia. Uma múmia não é carne nem peixe.

– Então como se há-de comer? – disse Lourença. Dava razão a Falco, de alguma maneira. Ela sempre estava disposta a dar razão a Falco. Pol sentiu-se humilhado e repeliu o prato, ao vê-la rir.

– Uma múmia come-se com muito respeito – disse Falco. Era quase como nos velhos tempos, mas aquilo não durava muito. Voltava às suas vadiagens secretas e ninguém lhe punha a vista em cima senão à hora de comer. Porém, mostrava às vezes uns ares da sua graça. Estava na fase dos cúmulos, e dizia:

– Qual é o cúmulo da pobreza? Alugar uma casa de botão. Qual é o cúmulo da riqueza? Demolhar um faraó para comer com batatas.

Também aprendera ditos engenhosos dos rapazes da rua, como, por exemplo: «Levas um pontapé que até morres de fome no ar!» Ou então: «Não vale um coelho rendido», o que aborrecia muito a mãe.

– Estás a tornar-te grosseiro. Desiludes-me. Um cavalheiro...

Se Artur estava em casa, diziam em coro: «O sol não deve ver a barba dum cavalheiro...» E o pai ria-se à socapa.

Marta tinha agora duas meninas. Eram tão iguais, tão iguais, que até não valia a pena ter-se dado ao trabalho. Pareciam duas pérolas, redondas e reluzentes. Pol pregava-lhes sustos para as fazer chorar, mas não adiantava. Eram a paz em pessoa e devoravam tudo o que encontravam.

Gostavam de mamar nas fitas do avental de Serafina, que as adormecia ao colo, uma de cada lado, a cantar romances de mouros. Se não fossem os livros que Lourença tinha à disposição, até era capaz de a ouvir.

Lourença estava cada vez mais solitária. Ia a uma festa e ficava lá como se não estivesse. Parecia que alguma coisa a chamava, alguma coisa que a atraía. Talvez o basilisco, o pequeno rei, com os olhos fuzilantes que matavam as pessoas. Lourença pensava que ela era capaz de aguentar o olhar do basilisco e não morrer. Tinha uma força enorme que partia do sangue, que corria nas veias e dava a volta por dentro do coração. Sentia-se diferente de todos, mas não davam por isso. Só ela.

Quando o Casino Novo abriu, a terra tornou-se muito con-corrida. Fazia-se *toilette* para ir ao Casino, e as banhistas em idade

de debutantes traziam na bagagem de Verão vestidos verdes com lacinhos. Mas quando Marta vinha veranejar, distinguia-se por usar roupas de praia a qualquer hora do dia. Mostrava as costas bronzeadas e punha sapatos de ténis à noite, o que era muita ousadia. A mãe disse:

– Exageras com essas modas.

– O Casino não é a igreja. Vão ao Casino como se vai à igreja. É chato.

Lourença achava-a tola, mas lá elegante era ela. Passeava na praia de pijama de seda, e as pescadeiras paravam a olhar: – Vai de calças – diziam. Eram mulheres duras e altivas, com um ar de romanas e um feitiço respondão. A Rosa peixeira trazia pescadas grandes «como bois» e corria a mão pela pele delas como se as acariciasse. Lourença aprendeu a conhecer os peixes e a perceber do assunto. O linguado vivia no fundo do mar e movia-se como se ondulasse; as marés vivas traziam-no ao de cima. O camarão aparecia agarrado aos afogados; pelo menos era o que diziam.

– Onde aprendeste isso? – a mãe estava zangada, e Lourença preferiu esconder as suas fontes de informação. Às vezes não se pode revelar tudo o que se sabe. É uma grande verdade. O basilisco anda por perto e mostra-se em todo o seu aparato. As escamas das costas levantam-se e parece que vai voar. De facto, é como um dragão com asas.

A rua mais sedutora era a Rua da Junqueira. Tinha ourives à farta e expunha coisas como os tesouros antigos, umas tombadas, outras de pé. A mãe disse que sempre sonhara com uma jarra de prata para a água. Havia muitas, mas não era como ela queria, grande e pesada como uma bilha. Não se bebia tanta água assim, em casa. Lourença achava um disparate uma jarra dessas. Se fosse uma caravela ou a *Ceia de Cristo*, ainda percebia, se bem que fosse de mau gosto. Na casa do Paço havia um oratório com o Calvário, e Lourença achava triste e indecente. Agora repetia muito essa palavra.

– Se eu gostasse muito de alguém e ele morresse crucificado, não o queria ver assim.

– Não digas heresias – disse Serafina. Na terra dela usava-se tudo quanto lembrasse sofrimento, e a Virgem tinha espadas de prata espetadas no peito e lágrimas a correr-lhe pela cara abaixo. Lágrimas de sangue, ainda por cima.

– É indecente, já disse.

Entrar tarde no cinema era indecente; fazer partidinhas, apertar muito o cinto da bata, mentir por brincadeira, fingir que se vai comprar alguma coisa numa loja e só querendo saber os preços, ir à confissão para escapar a uma aula, tudo era indecente. Serafina já não gostava de Lourença como dantes. De resto, já ninguém gostava tanto dela como dantes. Por outro lado, acontecia que dela nascia uma espécie de magia, alguma coisa má e perturbante. Não sabia o quê. Alguma coisa que fazia com que as pessoas se precipitassem a fazer aquilo que não tinham pensado fazer antes. Casar-se, enriquecer, morrer, comprar uma casa. Era muito estranho. Lourença esforçava-se por não acreditar. Tinha catorze anos, era ainda uma criança; mas Falco já não a tratava como dantes e parecia envergonhar-se de ser visto com ela. Era conhecida pela «irmã de Falco», e os rapazes não se interessavam por ela, porque Lourença, no entender do grupo, era uma «boa rapariga».

Uma boa rapariga era tudo o que há de mais desanimador. Conhecia outra, mas essa era posta à distância por ser demasiado rica. Ia um motorista levá-la ao colégio, quando lá ia. A maior parte das vezes faltava às aulas; era simpática e bem-educada, mas Marta, que foi amiga dela durante um trimestre, dizia que à mesa só se falava em negócios. Gritavam e descompunham-se por causa de dinheiro. Havia um filtro para água, de prata, na sala de jantar, e Marta contava essas coisas como se falasse da herança do rei Salomão. A mãe tirou daí a ideia da jarra; no fundo, era um filtro de prata, em forma de barril, o que ela queria.

Marta também tirou dessa amizade a ideia de ser rica. Depois arrependeu-se um bocado, mas fez o possível por não dar a demonstrar. Era difícil ser tudo ao mesmo tempo: rico e boa pessoa; céle-

bre, feliz e estimado. Eram coisas que se contradiziam e traziam complicações.

Lourença era atraída pela história do rei Salomão, que fora bem sucedido no tempo dele; mas, por fim, também descambou e caiu em pecado. Cair em pecado não parecia muito grave; era sobretudo uma humilhação, e Lourença sempre achou que era insuportável. Não era proibido, porque os santos andavam sempre às voltas com o pecado. O que era é que se perdia o direito de tratar a Deus cara-a-cara e até barafustar com Ele. Isso era humilhante até não poder ser mais, porque se perdia a liberdade.

– A liberdade? – disse Falco. – Inventas cada uma!

Mas ficou impressionado, notava-se. Lourença reparou que o cabelo dele se tinha tornado frisado. Dantes era liso, agora estava às ondas.

A mãe ia-se confessar poucas vezes, e um dia voltou muito arreliada. O confessor perguntou-lhe se ela era a mãe duma moscamorta chamada Lourença. Não gostou, e disse que o padre era muito indiscreto. Isso era; todas sabiam e não faziam caso. Se se for a fazer caso de tudo, então não há tempo para mais nada.

Lourença ia a caminho de ser uma senhora; já tinha brincos de senhora, e tudo. Nesse Verão a mãe comprou-lhe uma capeline com um laço verde, o que não era uma ideia por aí além. O vento arrancava-lha da cabeça mesmo quando parecia que não soprava. Mas até a mãe de Cacilda reparou nela.

– Que bonito chapéu! – disse, gentilmente.

– É bonito e mal empregado. Lourença parece um cogumelo com ele. A mim é que ficava bem.

Cacilda era assim: despachada e franca. Não se lhe levava a mal.

A propósito de chapéus, Falco tinha arranjado um fato andaluz com um chapéu à Mazzantini a condizer. Era para participar numa tourada a brincar; o fato era acanhado, mas o chapéu não. Era até um chapéu lindo, cinzento claro, debruado de fita também clara. Mas à última hora Falco cedeu o chapéu ao Gustavinho,

que tinha um fato muito melhor e se queixava de o chapéu dele ser um desastre. A mãe aborreceu-se com aquilo.

– Porque lhe emprestaste o teu chapéu? Era a única coisa de jeito que tu tinhas.

– Era a única coisa que ele não tinha – disse Falco. – Assim ficou a rigor. Era o melhor toureiro da praça, e as raparigas fartaram-se de o gabar.

As raparigas eram as irmãs Lobinhas, vestidas de flanela vermelha. A mãe delas fizera-lhes vestidos aos folhos de flanela vermelha. Tinha uma peça para panos do pó, e entendeu que servia. Estava um calor de rachar, mas as irmãs Lobinhas eram vivas e bonitas e não se importavam com nada. Lourença admirava-as e queria ir almoçar a casa delas. Uma vez convidaram-na e teve que comer fígado. Era a única coisa de que não gostava; isso, e sopa de nabo. Foi um azar.

O pai era como ela. Vivia a pensar mudar, comprar, vender e até destruir. Há em destruir um prazer que não tem sentido, e por isso é um prazer. As crianças sabem isso. Abrem um brinquedo, dão-lhe outro significado, usam-no como se criassem algo de novo.

Esse último Verão foi de facto o último como férias na praia para Lourença. Havia de voltar mais vezes, mas tudo ia mudar e não teria mais aquele sentimento de tempo inteiro dedicado a ela própria; a praia em manhãs de nevoeiro, os banhistas a entrar na água a tremer e as banheiras a correr com bacias de água para eles lavarem os pés, depois de se vestirem nas barracas. Calçavam meias e sapatos e penteavam-se diante dum espelhinho velho, pendurado num cabide. Às vezes havia mais do que um cliente, e fazia uma impressão enjoativa ver as roupas estranhas, a saia de baixo, de cambráia cor-de-rosa e alças sujas de pó-de-arroz. Lourença levava o *maillot* vestido de casa e secava-o no corpo. As banheiras não a tratavam como a uma banhista, nem lhe falavam. Nos toldos, como gares de caminho-de-ferro, com bancos corridos, sentava-se o veraneante barato. Empregadas de balcão, cabeleireiras, telefonistas, avós com os netos. Lourença não atravessava por dentro dos tol-

dos; não era terreno de gente fina, nem esperavam que ela por lá andasse. Os forasteiros não a conheciam. Viviam em quartos alugados, em pensões que abriam para a rua as salas de jantar; viam-se os guardanapos nos copos, enrolados, ou em forma de leque.

E os pratos voltados para baixo, e às vezes uma floreira com uma zínia vermelha. Lourença gostava de ver. Do fundo dos quintais vinha o cheiro do peixe frito; as raias secas estavam penduradas ao sol. Os pescadores mudavam-se para barracos, arrendavam as casas de Inverno, e punham areia limpa nos travesseiros. Tudo calmo, com ordem e um respeito pelo banhista que entrava com os filhos e o triciclo e já se conhecia do outro ano. Lourença sentia-se segura. Era uma terra como deixou de haver; sem crueldade, a não ser a do mar.

Mas foram-se embora, e a cidade agradou a Lourença e deu-lhe outros caminhos a percorrer. As amoras bravas, o vento e a areia, deixaram de estar na vida dela. Agora eram as ruas cheias de gente e um tempo dividido de maneira mais cautelosa. Havia horários para os eléctricos, zonas para parar e subir para eles.

A cidade era a escola preparatória, Lourença aprendia novas disciplinas, ia ganhar um estilo. A casa tinha um estilo que a maneira de a habitar lhe dava. Escadas largas, sala de jantar a abrir sobre o jardim. Uma palmeira no jardim. Dantes, todos os jardins tinham uma palmeira. Parecia morta, quase não se mexia; as aves não faziam ninho ali. Talvez porque era abrigo das serpentes nas terras tropicais e as aves sabiam. Lourença esteve um dia e meio a esperar para ver pousar na palmeira um simples pardal. Não viu nenhum. Eles não gostavam das palmeiras, mas a cidade estava cheia delas. Grandes e pequenas; muito velhas, com mais de trezentos anos; novas e protegidas com uma capa de palha para crescerem em segurança. Usavam colete como Lourença quando tinha pouca idade e a mãe dizia que o colete lhe endireitava a espinha. Lourença pensava que as palmeiras tinham uma espinha frágil e que precisavam de colete. De todos os modos, tornavam-se esbel-

tas e desafiavam o vento com um ar muito orgulhoso. Ou então sentiam-se presas naqueles jardins, como pavões num galinheiro.

Lourença fez novas amizades. A mais extraordinária era a duma vizinha tão parecida com ela que as tomavam por irmãs. Lourença aborrecia-se quando teimavam naquilo.

– Não vê que são iguais uma à outra? – diziam. – Coisa mais igual não pode haver.

Até o sacristão da igreja de Fradelos se enganou e lhe chamou «Lucinha Cortes». Era muito desagradável.

– Eu pareço-me com a Lúcia Cortes?

Falco disse que ambas tinham uma boca e um nariz. Via-se que não queria comprometer-se a dar melhor parecer.

– Ela é mais alta.

– Tem cara de penico vidrado como tu – disse Falco. Isso era ter cara redonda, para quem quisesse entender. Mas Lourença ficou na dúvida e nem se riu. Fazia por não sair de casa ao mesmo tempo que Lucinha Cortes; não a queria por companhia.

– Não quero andar com ela.

– Que mal te fez? – disse a mãe.

– Nada.

– Nada é peixe – disse Tia Margô. E ria-se, a comer torradas. Tinha um grande quarto que parecia uma sala de baile e estava muito contente com isso. Passava muito tempo por trás dos vidros a olhar para os vizinhos. Punha-lhes nomes de guerra e distraía-se assim. Depois cansou-se e ficou doente dos rins. O médico disse que ela precisava de mudar de ares. Dantes usava-se mudar de ares e dava algum resultado, como as pílulas de ferro e o vinho quinado. Havia no Douro muitas garrafas de vinho quinado para as ocasiões em que se estava anémico. Lourença nunca estava anémica; nem Lucinha Cortes, que era como uma rosa de Alexandria, como diziam as criadas. Diziam isso para incomodar Lourença.

Tia Margô foi para o Douro com Serafina, que fora ama dela e a criara. Serafina gostava tanto de Tia Margô que lhe deu a gar-

gantilha de ouro com bolinhas; isto depois de a ter prometido a Lourença.

– *Bueno*... não me lembrei disso... – Deu-lhe uma saquinha antiga que tinha bordado o nome dela: Serafina Fuentes.

– Que vou fazer com isto? – disse Lourença.

– O que te apetecer. Os presentes úteis são sempre de mau gosto.

OS BARBADINHOS

O porteiro do Casino chamava-se Firmino. Vestido com a farda, era imponente. Tinha galões e um boné tão bem enformado que parecia a estreirar todos os dias. Tirava-o para cumprimentar Lourença, ela achava isso exagerado. Tinha um olho vesgo e azul, quase como a farda, e conhecia tudo e todos.

As três filhas do porteiro eram costureiras e uma delas entrara num concurso de beleza. Não ganhou, mas foi como se ganhasse. Toda a gente dava pareceres a respeito, diziam que merecia o prêmio e que parecia uma princesa. Também há princesas que parecem costureiras, essa era a opinião de Tio António. Disse que ela tinha as pernas tortas.

— Lá estás tu! — disse a mãe. — Nunca achas nada bem e para ti todos têm defeitos.

A mãe dizia aquilo porque era uma puritana, e uma puritana deve combater os maus impulsos. E até os bons. No fundo não se importava nada com Firmina e o prêmio de beleza que ela não ganhou. Firmina importou-se. Ficou muito pálida e não comia. Os pais ainda tinham a quinta de Cavaleiros e disseram para ela ir para lá a ares. Não valeu de nada. Firmina morreu, e depois foi a vez de David e de Emília. Mas para Lourença era como se eles estivessem lá para sempre, com o cão *Brilhante* e a viola pendurada dum prego na cozinha. A mãe disse que Firmina pegara a doença a todos os que comiam com ela, e sentiu responsabilidade nisso porque era uma puritana. Fazia por não pensar, mas um puritano lembra-se sempre, tem uma memória incrível.

O porteiro ficou muito abalado e tornou-se usurário e intriguista. Contava tudo o que ouvia e fazia enredos tremendos. Foi assim que o pai de Lourença se zangou com os sócios e resolveu sair da terra. Não tinha queda para negócios e, para ele, um casino era a casa dele, onde se criara e onde recebia os amigos.

Lourença achou boa ideia mudarem outra vez de casa. Não gostava de estar muito tempo no mesmo lugar, e nisso era como o pai. Estava a ficar farta da Avenida sempre varrida pelo vento, farta das ruínas do Orfeon que estava defronte. Era um edifício que nunca fora acabado, e as pedras lavradas da entrada davam a ideia de como ele fora imaginado para ser belo. Mas há coisas que nunca chegam a ser terminadas; somos nós que as terminamos e lhes pomos um ramo de giesta, como fazem os pedreiros quando chegam ao telhado.

Lourença quase nunca tinha saudades de nada. Mas dos penedos tinha saudades. Eles ficavam a descoberto quando a maré baixava, e Lourença passava lá tardes inteiras. Conhecia-os um por um; e os lagos, cheios de actínias roxas e algas verdes a que chamavam alfices-do-mar. Conhecia as colónias dos mexilhões e as lesmas negras, de água. Os ouriços, as lapas e os polvos que se escondiam nas rochas. Lourença vivia praticamente nos penedos, compondo diálogos e falando com pessoas invisíveis. Ninguém sabia o que podia entretê-la tanto; mas ela saltava dum lado para o outro, descobria autênticas casas mobiladas com bancos e camas verdadeiras. Parecia que alguém tinha lá vivido; ainda se percebia bem a marca da cabeça numa rocha, como se alguém, durante mil anos, lá estivesse deitado. Lourença não levava baldes nem formas para os penedos. Preferia imaginar tudo e, nas banheiras de água quente, estando o sol a pino, ela deitava-se deliciada. Quando aparecia alguém, para tirar retratos, Lourença lançava-lhe um olhar gelado. Ou era ideia dela, ou as pessoas afastavam-se depressa. Os penedos eram o seu reino, cheio de coisas vivas e prontas a transformar-se. Quando a maré subia, ela ia recuando para a praia, devagar e silenciosa, como se fosse deixar o seu elemento verdadeiro: a

rocha que a água escurecia e que estava tão viva como ela, cheia de poros que respiravam.

Lourença conformou-se.

Nesse Outono teve um mau começo, uma unha encravou-se-lhe num pé, e não podia andar. Faltava às aulas e atrasou-se nos estudos; no fundo, estava muito decepcionada com tudo e com ela própria. Não era tão bonita como queria ser, nem via nada de interessante à volta dela. O cinema já não era o que tinha sido, Greta Garbo retirou-se e andava de chapéu desabado e óculos escuros para não ser reconhecida. Tinha trinta e seis anos, era uma velha, mas não tanto assim. Lourença disse:

– Quando eu tiver trinta anos, que coisa horrível!

– Isso não se diz. A mãe tem mais de trinta anos – disse Falco.

– Não tinha pensado nisso.

Lourença só conheceu os Barbadinhos quando foram viver para o Douro definitivamente. *Definitivamente* parecia ser uma palavra ameaçadora. Como *eternamente*.

É preciso explicar que os Barbadinhos não eram ninguém em especial. Na casa do Paço usava-se dizer «o tempo dos Barbadinhos» como se dissessem «antigamente». Quem eram esses «barbadinhos», não se podia descobrir. Miguel e Emília de Cavaleiros diziam «os afonsinos», mas isso entendia-se logo, que eram os reis da primeira dinastia. Talvez «os barbadinhos» fossem a mesma coisa.

De todos os modos, havia no Douro uma quantidade de gente desse tempo. Tinham casas grandíssimas e meio arruinadas; os móveis valiam uma fortuna e os oratórios dourados também. Mas as pessoas viviam sem luxo nenhum, a não ser à mesa. Comiam bem e sabiam cozinhar presuntos em vinho do Porto e coisas assim. O arroz pegado aos tachos de barro, peganhento como cola, era o que Lourença preferia. Só isso. O resto, dispensava muito bem.

As senhoras eram curiosas. Se pudessem, viravam Lourença do avesso para ver o remate das costuras. Tratavam-na como se fosse uma princesa; os Barbadinhos tinham o dom da hospitalidade.

– Eles têm o dom da hospitalidade – disse a mãe. Era verdade. As senhoras andavam pela casa em silêncio, como se fosse um convento ou estivessem prontas para espreitar e ouvir segredos. Sabiam tudo o que se passava e eram um jornal falado. Às vezes zangavam-se e a casa estremecia com os gritos e as bulhas das senhoras. Ficavam como feras, Lourença nunca tinha visto nada assim.

– Não se assuste – disse Francisquinha, que era neta e bisneta de Barbadinhos. – Vamos para o jardim.

O jardim tinha árvores raras: romãzeiras e caneleiras e outras. As torneiras pingavam e nas poças de água nasciam os agriões. Quando floriam os laranjais, o perfume descia dos pomares como um véu de noiva. Era bonito e era triste. Lourença estava a ficar triste. Falco estava interno no colégio. Tornara-se tão mau aluno que não se sabia o que fazer. Só queria caçar e guiar carros. Tinha só habilidade para isso. Gostava muito de Lourença mas não a levava ao cinema nem a parte nenhuma. Ficava embaraçado se os rapazes olhavam para Lourença e apetecia-lhe logo dar-lhes um murro. Quanto mais bonitos eram, mais ele os odiava.

– É um asno – dizia. – Um asno chapado.

Lourença estava a ficar muito solitária e só tinha os Barbadinhos como distração. Ia a casa deles e comia lá arroz-de-forno e creme-queimado. Queriam que ela comesse muito e teimavam como se fosse para a converter à fé cristã. Tinham o dom da hospitalidade, mas às vezes isso era aborrecido.

Quem gostava tanto de arroz como ela era um papagaio verde que estava na copa onde se cruzava toda a gente para dentro e para fora de casa. Morreu comido pelas formigas. Talvez morresse de tristeza ou de frio. Muito depois Lourença andou pelos Brasis, onde o pai andara quando era novo; viu papagaios a voar de árvore para árvore, e eram tão lindos que até dava um arrepio vê-los. As coisas muito lindas assustam um bocadinho, como se não as merecêssemos e seja pecado olhar para elas. É por isso que tudo quanto é feio parece que nos dá força. Os Barbadinhos, alguns eram feios e as senhoras tinham pêlos no queixo e nariz grande também com pêlos.

Mal sabiam ler e escrever, mas eram sabedoras de muitas coisas. Francisquinha também não aprendia bem as letras e ria-se, admirada e feliz, da cultura de Lourença.

– Vá lá, fala um bocadinho de francês – pedia. Parecia que estava a pedir que Lourença a divertisse, e Lourença ficava desconfiada. Percebeu que o saber pode ser cómico, assim como a ignorância. Falava francês, e as senhoras riam-se muito; sem malícia, só porque achavam engraçado.

– *Pain* é pão: *lait* é leite. Mas porque é que *fromage* é queijo, se estamos mesmo a ver que é queijo?

Lourença estava perto, muito perto, de lhes dar razão. Achava aquilo uma «inteligência desengonçada», mas inteligência à mesma.

Quando já era grande, havia de se lembrar dos Barbadinhos com gratidão. Eles ajudaram-na a suportar a solidão, deram-lhe companhia e afecto; eram geniosos e mal-encarados para muita gente, mas recebiam sempre bem Lourença; quem entrava em casa como visita ficava protegido por uma lei que não se pensava atraiçoar. O hóspede era sagrado.

– Os Barbadinhos são como os árabes – dizia Falco quando vinha do colégio e punha depressa a espingarda debaixo do braço e saía para caçar. Tinha uma pontaria impressionante.

Lourença punha-se a observar as senhoras dos Barbadinhos, e achava que talvez fossem como os árabes. Mesmo sem lhes doerem os dentes, gostavam de trazer a cara meio tapada com um lenço ou uma mantilha. Andavam sem fazer barulho, apareciam pelos cantos e desapareciam de repente.

– Eu não digo? É o modo da guerrilha – disse Falco. Não era difícil imaginar as Barbadinhas nos bosques de Loureiro, pisando sem ruído a caruma tão alta que uma pessoa se podia enterrar nela e ficar invisível.

As senhoras Barbadinhas sabiam ser ferozes e entrar em guerra. Vociferavam e tratavam-se mal, mas só entre irmãos. Lourença pensava que a escola da guerra começa em casa, com gente como os Barbadinhos. Mas que arroz tão bom, nos tachos de barro preto!

Tinha açafão e cada ramo de salsa esturrada que parecia tirada dum herbário. As travessas com creme-queimado eram grandes como praias onde nadassem as algas pretas. O sabor das comidas dos Barbadinhos caía-lhe do paladar ao coração. Francisquinha quase não sabia ler; ou, se sabia, estava pronta a esquecer-se. Cortava caldo verde com uma velocidade incrível, e o dedo indicador esquerdo dela ficava duma bonita cor de erva.

– Francisquinha – dizia a mãe dela. – Vai brincar, sai da cozinha.

– Que moca! – Era um estribilho. Parecia do tempo do Decepado, ou por aí.

De repente abraça Lourença com entusiasmo e admirava os cabelos dela e a pele tão branca. Era um amor inocente como não podia haver outro no mundo. Lourença achava-o um pouco ridículo. A inocência, meu Deus, que coisa estranha na sua vida cheia de pequenas pretensões e tantos livros! Lia cada vez mais e aprendia latim muito a sério. Um dia escreveu um poema e achou que tinha todo o direito de o fazer. Mas não fez mais nenhum.

O primeiro livro que lhe deu a ideia de contar qualquer coisa a respeito dela mesma foi *O Monte dos Vendavais*. Só que talvez uma mulher feia pudesse ser melhor escritora, porque estava desanimada; e estar desanimada era importante para se ser escritora. Lourença, pelo contrário, estava sempre interessada nela própria e em toda a gente. Era uma espécie de orgulho em ter direito à vida e provar isso.

No Verão, Tia Ci convidou-a a passar uns dias na casa dela, em Leça. Era uma casa meio pobre, mas Tia Ci saía de lá como se fosse para guiar um *Mercedes-Benz*, sempre vestida como só ela sabia, sempre com qualquer coisa a voar e um chapéuzinho de lado, na cabeça.

– Para provar que tem cabeça tem que usar chapéu – dizia Falco. Esteve hospedado em casa de Tio António e andava no colégio, externo. Mas Tio António mandou-o embora. Com bons modos mas, mesmo assim, bastante carrancudo. Desde aí, Falco sempre

achava Tia Ci estupidazinha, ainda que ela não se tivesse metido em nada.

Em Leça fazia vento, mas era bonito e muito romântico. Ant3nio Nobre tinha feito um poema a Leça, e Lourença decorou-o, se bem que o achasse um bocado *snob*. Rimava como se fosse por acaso, mas sabia muito bem o que fazia.

Sem saber como, Lourença achou-se no meio duma confus3o: Tio Ant3nio foi para 3frica, e Tia Ci s3 dizia que queria ir ao cinema. Levava Lourença com ela e comia mil-folhas nas pastelarias. Estava t3o alegre que dava que pensar. Em casa apareciam duendes pequeninos e a gente do mar n3o queria l3 ir. Tia Ci n3o fazia caso. Dava a impress3o de n3o se importar com nada deste mundo; nem do outro, porque n3o tinha medo dos duendes.

– J3 os viu? – disse Lourença.

– J3. Mas n3o fazem mal a ninguem. S3o pessoas pequeninas muito simp3ticas.

– Eu n3o acredito – disse Lourença. Depois pensou que n3o era educado dizer aquilo. Uma pessoa educada deve dizer que acredita sempre nisto ou naquilo.

Voltou para a terra dos Barbadinhos, e o calor ainda n3o tinha passado. O tempo refrescou e veio a chuva.

– 3 bom para engordar as uvas – disse a m3e. Fizera-se lavradora e usava batas de merceeiro, pretas e n3o sei que mais. Era pena. A m3e elegante que ela era, com perfume de Houbigant, tinha desaparecido. Lourença achava que a m3e, puritana ou n3o, bem podia mostrar-se mais capaz de agradar, porque agradar 3 despertar o sorriso nos outros e trazer um letreiro de felicidade na cara. Lourença agradava tanto que at3 se arrependia disso.

– Sou vaidosa? – perguntava a Falco. Ele n3o gostava de conversas profundas. Achava que n3o conduziam a nada.

– 3s parva, isso 3s.

– N3o se pode falar contigo.

– Melhor.

III

Ficavam por aqui. Tia Margô (Vitorina Margarida) ria-se, como se fosse bom vê-los desacertados. Ela estava a ficar com o cabelo branco muito depressa. Ainda tinha guardada a trança, desde que a cortara; era uma trança grossa, e Serafina chorara quando ela a cortou.

– *Mi niña! Te tasquillaron como a una oveja!*

Tia Margô cortou as mangas doutro vestido e não se importou. Lavava tantas vezes as mãos que as tinha sempre com cieiro. Achava distinto ter cieiro por andar sempre com as mãos na água. Os Barbadinhos respeitavam Tia Margô porque respeitavam os loucos em geral. Certo tipo de loucos. Os ricos, principalmente. Perguntavam por Tia Margô como se perguntassem pela rainha do Sabá, e queriam saber o que fazia.

– Come torradas? Come torradas?

Os Barbadinhos achavam maravilhoso Tia Margô comer torradas. Não era bem isso. Sabiam tirar novidades das coisas mais vulgares e nunca achavam a vida enfadonha nem tinham dores de cabeça. Descompunham-se e ralhavam com as criadas, e raramente iam à modista, o que as tornava tão antiquadas que dava gosto vê-las. Quando faziam um vestido novo ainda ficavam pior, mas Lourença não se ria, de tanto que as admirava e lhes devia um amor de vizinhas cheio de invenções prestáveis. Mandavam as primeiras cerejas num prato, coberto com um pano bordado; não eram as rocas de cerejas que se destinavam às crianças, porque Lourença já não era mais criança. Outras vezes mandavam doce da Teixeira, e o sabor a azeite e limão entrava pela sala como um cumprimento. O doce da Teixeira era a coisa melhor que Lourença comera em toda a vida. Nunca percebeu bem porquê.

– Porque é tão bom? Não sei dizer.

Serafina achava-o grosseiro, doce de pobres. Doce delicioso era o dos conventos, destinado a ser presente para fidalgos e bispos de grandes estudos e merecimento. O doce da Teixeira não ia à mesa deles. Serafina assegurava que não, e ela conhecia bem os costumes do mundo clerical. Nascera em Corrales, que ficava perto de

Salamanca, e tinha-se criado com freiras clarissas e outras. Nem o Papa sabia quantas ordens religiosas havia, quanto mais Serafina! Dizia sempre:

– *Pues mira... Un día me marchó y me hago monja.*

– Tu? – Tia Margô ria-se muito com aquilo. – Não te dão vinho, nem café.

Eram coisas de que Serafina gostava. Andava com o copo de medir o arroz debaixo do avental, quando ia à adega, e todos fingiam que não viam.

As meninas quase gémeas de Marta vieram passar as férias das vindimas, e todo o tempo se queixavam por não haver frigorífico e a manteiga estar meio derretida.

– Venham para cá no Inverno se a querem doutra maneira – disse Lourença, furiosa. Não tinha sossego, e agora, que estava a escrever um livro, não se entendia com pessoas assim. As filhas de Marta só falavam de Lisboa e, o mais das vezes, pareciam amuadas e que viviam no desterro. Mas, chegadas a casa delas, punham-se a contar grandezas, e de como a quinta era linda e cheia de tanques de pedra, e não se calavam. Marta orgulhava-se e dizia que era exactamente assim e que tinha saudades de quando era pequena e Serafina lhe queria ensinar a fazer meia.

– Dar os mates é o mais difícil. – Imaginem o que são os *mates*. Eu nunca pude saber.

Estava uma senhora cada vez mais loira, a bonita Marta. As Barbadinhas faziam imensas perguntas. Queriam saber se Marta saía muito e com quem andava. Ela era muito independente. As Barbadinhas chamavam a uma mulher independente «uma heroína». Isto causou uma grande confusão a Lourença, que andava às voltas com uma heroína, no romance que estava a escrever. Mas as Barbadinhas tinham ideias sobre as heroínas que era melhor não aprofundar.

Quando chegou o Outono e o vinho foi envasilhado, tudo ficou mais triste. O cheiro da grainha que secava ao sol parecia uma despedida. Partiam as pessoas conhecidas no comboio das quatro,

e as Barbadinhas iam para a varanda, para acenar com toalhas de rosto e até com um lençol da cama. Era muito excêntrico, mas dava resultado. Da janela do comboio, já a chegar às Caldas do Moledo, via-se aquele adeus que tinha alguma coisa de desesperado e fazia chegar as lágrimas aos olhos. Há coisas pequenas que resumem tudo o que nos afecta na vida. Ainda que o lençol da cama das Barbadinhas, sacudido da varanda, não se pudesse considerar uma coisa pequena.

A varanda era um luxo do tempo do velho Barbadinho. Functionava como um jardim-de-inverno, era toda envidraçada, e Dona Pura, trémula e com um nariz abatado, cultivava lá plantas. Dona Pura era muito religiosa, assim como uma freira de trazer por casa. Era ela que limpava o oratório e punha flores nas jarras. Olhava para a estampa de Santo Heitorzinho duma maneira que Lourença nunca mais esqueceu: como se ele fosse um namorado. Mesmo velhinho, Santo Heitorzinho tinha um ar romântico e doce, sentado numa pedra, nas matas de Loureiro onde ele ia fazer oração. Dizia-se que o degrau do altar onde ele ajoelhava tinha a marca dos joelhos dele, tanto tempo ele rezara lá. Não foi canonizado nem fazia milagres. Mas há santos que são tão humildes que fazer milagres os embarça muito e não sabem onde se meter se isso lhes acontece. Santo Heitorzinho era desses. O povo gostava dele até não poder mais; e até era um povo bastante mau, e barulhento. Batia sempre nos jogadores de fora, quer eles perdessem ou ganhassem. Mas não há como a gente geniosa para saber onde se encontram os santos, e para os apreciar.

Lourença estava uma mulher; uma senhora, como diziam as Barbadinhas. Escrevia um romance a toda a pressa, com uma letra que parecia renda de Bruxelas. A criada Aurora, que tinha só quinze anos, julgava que aquilo era o «pico» duma renda muito complicada. Mas era um livro, também complicado. Lourença escrevia-o com muita decisão, como se estivesse a redigir uma lei. Como Moisés no Monte Sinai, só que com melhores meios, tinta e papel, que, de resto, não deviam faltar a Moisés, vindo ele do Egipto,

terra de grandes invenções. Até a caneta de tinta permanente lá se inventou, ao que se diz. Mas os escritores têm as suas manias; Moisés era um escritor e gostava de gravar na pedra as ideias. Sempre era mais seguro.

Lourença percebeu de repente que era uma escritora. Ficou um bocado surpreendida e, por um tempo, escondeu-se para escrever. Não queria que se rissem dela. Era a única coisa que ela não perdoava, se se rissem disso. Mas ninguém achou graça; até olharam para ela como se finalmente a entendessem e estivesse tudo explicado. Então era isso que Lourença queria: escrever. O pai disse que ela havia de ser uma boa escritora; mas disse isso com um orgulho que é o amor saboreado. Só Marta, quando soube, apresentou as dúvidas que tinha sobre o sucesso da irmã.

– Para escrever coisas bacocas, como as mulheres fazem, é melhor estar quieta.

Disse que, talvez, quando Lourença se casasse, esquecia tudo aquilo.

– A mãe devia fazer com que ela veja mais gente e saia mais. Compre-lhe vestidos novos.

Lourença gostou dos vestidos novos, mas continuou a escrever. Foi uma despesa inútil, a mãe pensou assim. Tia Margô deu-lhe um dos anéis dela com brilhantes. Ficara muito contente, mas não sabia bem porquê.

Aconteceu que Tio António morreu no barco que o trazia de volta de África. Morreu à entrada da barra, e os criados de bordo que lhe fecharam os olhos roubaram-lhe o relógio de ouro e as botas vermelhas de caçador. A mãe de Lourença chorou alto; ouvia-se na calçada ela a chorar. Foi a primeira vez que Lourença a viu tão desgostosa. Um irmão que morre fecha a porta da infância para sempre.

Tentou consolar a mãe, mas tinha vergonha de o fazer. Um sofrimento grande é para ser experimentado, e não se pode nada em contrário. Marta disse:

– Acho que a mãe exagera. Tio António não era assim tão chegado.

Lourença virou-lhe as costas e fechou-se no quarto. As coisas odiosas faziam-na chorar; não as coisas tristes. Mas depois falou com Marta como se nada tivesse acontecido entre elas.

– O teu livro? Ainda pensas ser escritora?

– Não. Já não escrevo.

– Bem... só mostra que tens mais juízo.

Marta partiu, com as malas de pele de crocodilo, e os passos dela resvalavam na calçada, e via-se que estava contrariada por ter vindo. Recusou as tigelas de marmelada que a mãe lhe queria dar, e deixou grandes gorjetas para as criadas. Aurora achou que ela era como uma rainha.

– É como uma rainha e até estive para lhe beijar a mão.

Lourença deitou-se na cama, a pensar como é que pessoas como Marta arrastavam o coração dos outros pela força de serem banais a propósito. Aurora queria uma rainha à medida dela, e Marta servia-lhe. Onde estava a liberdade e a admiração, que era parte da liberdade? Olhava para o tecto e imaginava figuras nas fendas do tecto. Então, um livro foi-lhe entregue, sem que ela o pensasse. As páginas estavam abertas como asas que a recebiam inteira, com tristeza e perdão na sua alma.

As Barbadinhas disseram que ela era uma boa menina; diziam isso quando ela aparecia, e era um coro um pouco estranho, as mulheres da casa repetirem umas às outras esse louvor. Significava uma espécie de bênção, mais tarde Lourença compreendeu assim. E era também um compromisso. Lourença pensou que nunca ia deixá-las ficar mal, apesar de ter de fazer sacrifícios. Lá estavam elas, as Barbadinhas, a acenar com um lençol, quando Lourença foi para o Porto no comboio das quatro. Fingiu que não era nada com ela, o ridículo doía como uma ferida. Mas as lágrimas nublaram-lhe os olhos, as doces lágrimas da separação. O tempo dos Barbadinhos acabava ali.

[Porto, Maio de 1990.]

CONTOS AMARANTINOS

Quando eu tinha a vossa idade, ia muitas vezes passar as férias para casa das minhas tias do Paço. Era uma casa de lavoura que ficava num vale. Minha mãe dizia que o lugar não tinha horizonte, mas a mim parecia-me bem. Não gosto de lugares descobertos donde tudo se avista e nada se inventa.

Minha tia Amélia, a mais nova das duas, contava-me histórias. Nunca achei que tivesse muito jeito para isso; mas sobretudo era muito difícil apanhá-la quieta, porque era uma pessoa atarefada e cheia de afazeres. Mas, à noite, ao pé do lume de eucalipto, ou de alguma cerejeira que o temporal tinha abatido, ela puxava pela ideia e recordava os contos amarantinos. Um deles era o do menino grão-de-milho.

O MENINO GRÃO-DE-MILHO

Havia um casal muito pobre mas que se dava muito bem. Já estavam entrados na idade e não tinham filhos. A mulher dizia:

– Vamos envelhecer e não temos ninguém para tratar de nós. Nem filho nem filha.

O homem dizia:

– Não tenho a quem deixar o meu capote e o meu relógio de prata. É triste morrer sem ninguém que nos feche os olhos.

Mas como a vida era difícil, e ele era serrador e passava os dias nos pinhais, a serrar madeira, esquecia aquela preocupação. Bebia um copinho de vinho e esquecia. A mulher não. Suspirava e estava tão magra que o homem dela dizia:

– A minha mulher anda a estudar para galgo.

Ele tinha bom humor e era o que lhe valia.

Um dia, quando já não esperavam, nasceu-lhes um filho. Era tão pequenino que o berço dele foi uma casca de noz e a primeira camisa que vestiu era feita com um bocadinho de nastro. Chamavam-lhe o menino grão-de-milho. Em vez de dar alegria aos pais, dava-lhes cuidados. Era preciso andar com atenção, não fossem calcá-lo ou deixar que o gato o apanhasse. Podia afogar-se numa gota de água e ser levado pela brisa que soprava no Verão, ao fim da tarde. Perdia-se na erva das valetas e até uma minhoca da terra parecia uma jibóia ao pé dele.

Mas o menino grão-de-milho tinha de bom o ser muito inteligente. Era esperto como o Alho, que era um senhor do Porto muitíssimo fino e habilidoso nos negócios. «Esperto como um Alho» quer dizer isso.

O menino grão-de-milho chegou à idade de ir para a tropa e a mãe pôs-se a chorar.

– Vão-mo levar para o quartel, e depois para a guerra, nós ficamos outra vez sozinhos. É muito triste ter um filho único.

Todos se riam dela porque não era natural que o menino grão-de-milho fosse apurado para a tropa. Nem para dar a voz de alerta ele servia. Mas as mães são assim; nunca se convencem que têm em casa meninos «grãos-de-milho».

Para ver se o livrava da tropa foi ter com o regedor.

– Senhor regedor – disse ela –, quero livrar o meu filho da tropa. Como hei-de fazer?

– Onde está o seu filho? – disse o regedor, que era corado e tinha uma égua branca sempre atada à porta. Ela tirou do bolso o menino grão-de-milho e mostrou-o na palma da mão.

– É este? – disse o regedor. – Então dê ao capitão um açafate de caca de pardal. Isso deve chegar.

A mulher ficou muito ofendida.

– Que regedor tão malcriado! – disse ela. – O pior é que não sei que hei-de fazer para livrar o meu filho da tropa. – Como não fez nada, o menino foi chamado a assentar praça. Havia leis muito rigorosas e não era fácil ficar livre do serviço militar.

O menino grão-de-milho foi um bom soldado e o comandante dizia:

– Se fossem todos assim poupava-se muito com fardas e comida. Para baionetas serviam canivetes e as balas podiam ser feitas com cabeças de alfinetes. O mundo não precisava de guerras maiores.

Era, enfim, um soldado exemplar, o menino grão-de-milho. Quando voltou da tropa, a mãe fez arroz de forno e ele comeu com apetite um bago, e repetiu. Depois pensou em fazer fortuna. Não podia ajudar os pais nos trabalhos do campo, e uma vez perdeu-se num monte de serrim, quando estava a ver o pai a serrar madeira. O menino grão-de-milho tinha que ser inteligente por força, senão morria de fome ou acontecia-lhe qualquer desgraça.

Pensou em ser sacristão, mas não podia com a campainha para tocar na missa. Pensou também ajudar o notário a escrever testamentos, porque tinha uma letra muito bonita; mas um pingo de tinta chegava para lhe tingir o fato de alto a baixo, e a mãe aborrecia-se.

– Se ao menos fosse tinta azul! – dizia ela. – Mas é preta como os tições.

O menino grão-de-milho não desistiu. Um dia saiu de casa e prometeu voltar cedo. Mas apanhou o comboio das quatro, que era um carroção e parava em todos os apeadeiros e até dava tempo para comprar regueifa na gare e trocar dinheiro na loja em frente. O menino grão-de-milho foi para a cidade e hospedou-se na casa duma senhora que tinha um macaco. Ela dizia que não precisava de criados porque o macaco sabia vestir-se sozinho. O menino grão-de-milho esteve lá um ano e pico. Era empregado na biblioteca e limpava o pó aos livros. Subia e descia pelas prateleiras e deixava tudo espanado. Lia muito, mas, como as letras eram sempre grandes demais para ele, ler fazia-lhe mal à vista.

Uma vez entrou na biblioteca um senhor de chapéu e perguntou se havia um livro sobre tesouros.

– Sobre tesouros? Que género de tesouros? De piratas ou de abades? Ou de mouras encantadas?

– Nada disso – disse o homem de chapéu. – Tesouros de família. Tesouros da nação. Homens vivos ou mortos.

O menino grão-de-milho lembrou-se de que a mãe dizia: «O meu filho é um tesouro», e entendeu. Mas como descobrir tesouros desses? Era mais fácil desenterrar um pote de libras do que descobrir um homem bom e de grande coração. Quando o senhor de chapéu se foi embora, ele começou a procurar livros sobre tesouros. Estavam todos lá: havia os tesouros da caverna de Ali-Babá e os da Ilha de Monte Cristo. Havia mesmo apontado o sítio onde os corsários punham os cofres de ferro, quase sempre marcados com uma cruz ou uma caveira. Mas homens chamados tesouros, não havia nada a respeito.

O menino grão-de-milho ficou preocupado. Despediu-se da senhora hospedeira e do macaco e começou a procurar tesouros sem ser nos livros. Encontrou muitas pessoas a quem chamavam tesouros: noivas, tias ricas e criados de colete às riscas. Mas ninguém era um tesouro verdadeiro. Mentiam, roubavam e tinham muitos defeitos. O menino grão-de-milho desesperava-se. Um dia, sentou-se num montinho de areia e pôs-se a pensar: «Talvez tenha de ir mais longe para achar tesouros desses. Talvez à Índia ou ao Brasil!» E pôs-se a caminho.

Começava a compreender o que tinha levado os portugueses tão longe. Procuravam, como ele, tesouros que não eram diamantes, nem café. Por isso nunca pararam; porque não encontravam tesouros verdadeiros.

O menino grão-de-milho, com estes pensamentos, ficou tão entendido nas coisas deste mundo que se tornou conselheiro das Nações e comia à mesa com doutores famosos e pessoas importantes que ninguém conhecia. Viviam atrás de grades, como presos, e eram guardados por polícias, como os criminosos. O menino grão-de-milho escreveu uma carta para casa. «Mãe – dizia ele –, porque me chamava tesouro? Diga-me na volta do correio.» Mas a mãe já tinha morrido e ele ficou sem resposta.

Dedicou toda a vida a essa tarefa, mas tinha a impressão de que não avançava um passo, nem mesmo um passo dum menino «grão-de-milho». O mundo continua à espera dos tesouros que ninguém é capaz de descobrir e que ninguém pode comprar. Mas vai-se vivendo, umas vezes bem, outras vezes mal, ou assim-assim.

Outra história que a tia Amélia contava era a das «duas irmãs Fabianas». Minha tia Maria punha-se a atizar o lume, com ar descontente, e falava:

– Não contes essas coisas. Isso não vale nada.

Para minha tia Maria, que parecia um general, sentada no preguiceiro, com um chapéu de palha na cabeça a que só faltava uma pluma de avestruz para ser tal e qual o *Mambrú que vai para a guerra* (uf, que ladainha!), para minha tia Maria nada valia nada. Mas a tia Amélia era de opinião diferente. E contava a história das duas irmãs Fabianas.

AS DUAS IRMÃS FABIANAS

Eram duas irmãs, de igual tamanho e quase da mesma idade. Mas uma era querida da mãe e outra não. A mais velha aprendera a tecer e a bordar; sabia estrear ovos e cozinhar bacalhau de quarenta e seis maneiras. Fazia as camas à inglesa, servia à mesa à francesa, e dava de comer aos periquitos logo às seis da manhã. Cozia batatas para os porcos e deitava-lhes uma mão de sal. Assim, as fêveras ficavam mais saborosas. A mãe andava atrás dela todo o dia.

– Fabiana, olha o carteiro. Varre a casa, lava a roupa, engoma os fatos. Fabiana, faz o almoço, escolhe o feijão, traz a água, engarrafa o vinho, tempera as azeitonas, doba o linho, fecha as galinhas, recolhe os ovos, pensa o gado, munge as vacas.

Fabiana corria e suave e nunca tinha tempo para mais nada senão trabalhar.

A irmã tinha vida regalada. Frisava o cabelo, pintava as unhas, pregueava a saia, cheirava a alfazema; e comia natas e toucinho do céu. A mãe chamava-lhe menina, e não sabia mais que laços lhe pôr, nem que alegrias lhe dar. Ambas eram bonitas, mas Fabiana andava mal vestida e sempre com um grande avental de quadradi-nhos. A outra usava botas de couro e de cetim (às vezes, quando havia casamentos ou baptizados) e um grosso cordão de ouro.

Não se podiam comparar.

Cresceram e fizeram-se mulherzinhas. Uma em casa, outra no caramanchão. Ambas se casaram; uma de preto, outra de branco, com coroa e grinalda, ramo e dote, tudo isso. Fabiana chorou ao deixar a casa, os periquitos, as vacas malhadas e a cama de solteira. Ainda que tivesse muito trabalho e a mãe andasse sempre a ralhar

e a dar ordens, ela tinha saudades. Foi com o marido para muito longe e escrevia de vez em quando cartas que a mãe não chegava a ler porque estava ocupada a vigiar as criadas e a fazer contas com os caseiros.

A outra filha casou muito rica e também foi viver para outro lugar. Não escrevia porque, depois da escola, nunca mais pegou numa pena, e esqueceu o que aprendera.

Um dia a mãe pensou fazer-lhes uma visita. Tirou da mala o lenço de merino e a saia com fitas em redor e pôs-se a caminho. «Como viverão as minhas filhas?» – cogitava ela. «A minha menina, já sei: vive como uma rainha e tem pelo menos dez pares de meias de renda. É tão delicada que as meias de linho fazem-lhe calos.»

Quanto a Fabiana, não chegara a pensar nada. Não se admirou de a ver limpa e bem penteada; de encontrar a casa dela varrida e a comida feita. As crianças vestidas e com o nariz assoado. O cão com o pêlo cortado e as vacinas tomadas. Não disse está bem, nem mal. Abraçou-a à pressa e saiu a correr. Fabiana chorou ao vê-la e chorou ao deixá-la. Tinha um lenço grande, bem branco e bem vincado ao ferro, para secar as lágrimas.

A mãe estava com pressa para ver a outra filha. Chegou ao solar, que estava em ruínas, e vieram à porta dois rapazes sujos e mal encarados que se riam dela e a ameaçaram de a correr à pedra. A mãe já ficou desconfiada. Andou mais um bocado e entrou num pátio sujo onde os porcos grunhiam, à solta. Levantavam as pedras com o focinho e perseguiram-na como se fossem javalis enfurecidos.

– Credo – disse a mãe. – Ó da casa!

Respondeu-lhe o eco, não havia ninguém por perto. Só se ouvia de vez em quando uma camélia podre a cair no chão, lá no jardim abandonado. Mas a maior surpresa esperava-a na cozinha. Montes de pratos, rodilhas, e ratos que corriam nos armários. A sala ainda era pior: os tapetes estavam colados ao chão, de tão carregados de lama. As aranhas bambolevam-se nas teias como acrobatas no

circo. Era uma coisa nunca vista. A mãe não sabia se avançar ou recuar. – Menina – disse ela –, Menina, onde estás? Venho visitar-te. Uh! Uh!

Então ouviu a vozinha meiga e mimosa da sua menina. Ela estava do outro lado da sala, e a luz da varanda caía-lhe na cabeça. Vamos lá, tinha posto uma touca para não se ver que estava mais tinhosa do que formosa.

– Entre, minha mãe, pode entrar. – E bocejou com estrondo. Até as pombas na varanda levantaram voo. – Venha de pedrinha em pedrinha para não cair na merdinha.

A tia Amélia ria-se com este desfecho, eu ficava meio embatucada. A história das Fabianas nunca foi a minha favorita. Eu apreciava mais contos de horror ou, pelo menos, de magia. Mas isso ela não gostava muito de abordar. Minha tia Amélia era crente em coisas estranhas. Penso que essas pessoas nunca contam boas histórias. Guardam o melhor para elas.

O JOÃO PEQUENO

Havia na casa do Paço também um homem, o tio Joaquim. Chamava-me «carriça» e tinha olhos de riso e bom feitio. Nunca discutia com as irmãs e sabia treinar cães de caça. Ele contou uma noite uma história de ladrões. Era a história do João Pequeno, que foi lugar-tenente do José do Telhado. Era um homem vaidoso e de alma vil, e um dia denunciou o seu capitão que, por pouco, não foi preso pela guarda. José do Telhado passou a seguir por toda a parte João Pequeno, que se tinha afastado dele e chefiava uma quadrilha própria.

João Pequeno escondia-se e tinha medo. Todos os denunciantes são assim: cobardes e assustados depois de fazerem o mal. O mal, neste caso, era descobrir um bandido, mas esse bandido era o seu amigo que o salvara muitas vezes de morrer varado pelas balas quando andavam na guerra da Patuleia.

Uma tarde José do Telhado deu com o João Pequeno no Alto da Lixa e cortou-lhe a língua. Depois desceu pela rua abaixo, sem pressa nenhuma, e dizem que tinha cara triste e pálida. Fora amigo do João Pequeno e era ainda. Mas a vingança é sagrada para os homens de honra, mesmo quando são ladrões de estrada.

O meu tio Joaquim, que eu me lembre, era paciente e corajoso. A paciência é uma forma de coragem e são raros os homens que a têm. Uma noite, vinha ele duma feira no Marco a desoras, e o cavalo espantou-se com um vulto que se levantou diante dele. Meu tio sossegou o cavalo e fê-lo andar para a frente. Depois voltou ao sítio, a pé, para ver o que era aquilo. Deu com um ramo solto que o vento abanava e que tomava a forma de um homem.

– Mas vamos lá aos cavalos explicar as coisas como elas são – rematava o tio Joaquim. Era o mais pachorrento dos tios; a mim parecia-me também o mais valente. A valentia não tem músculos, tem razão. Não adianta ser forte e encorpado, se se tem uma alma de grilo.

O tio Joaquim tinha recebido lições do José do Telhado, que foi professor do jogo do pau. Mais tarde fez-se ladrão, mas respeitava o antigo aluno e trocava de caminho para não terem de se encontrar. Os bons e os maus não andam na mesma rua; o destino separa-os, ainda que o coração os chame.

Mas isto são contos de gente grande, ainda que se contem diante de meninos pequenos. Os mais bonitos que eu ouvi eram para a roda dos maiores, e eu lembro-me como o ar cheirava a café e havia sombras nas paredes que não correspondiam às pessoas. Eu tinha medo de me ir deitar e ficar só no quarto. O medo guarda-nos; é companhia, se somos seus amigos e não seus escravos. Eu tinha medo do João Pequeno; mas também sabia que ele se deixava apanhar por alguém que fosse seu amigo e por nenhum outro.

A cama era dura e os lençóis frios. Mas recebia o calor do corpo e tornava-se uma praia de Agosto. O coração batia alto e o luar parecia outro lençol a corar, suspenso sobre o vale. O luar era o horizonte.

Porto, 22 de Fevereiro de 1987.

TRÊS HISTÓRIAS MAIS

O SOLDADO ROMANO

Escrever para meninos pequenos deve ser parecido com as canções de embalar. Umas coisas que façam sono e os deixem sossegados nas camas deles ou num canto do recreio. Dá mais gosto escrever para gente miúda, mas já mais ajuizada, parecida com pessoas, digamos assim. Como eu era aos onze anos, no tempo em que ia para Cavaleiros com a minha prima Alice e lá passávamos quinze dias em Setembro. No terreiro, atrás da casa, havia uma nogueira tão grande que enchia cem cestos de nozes, no tempo delas. Eu gostava de nozes verdes, de que pouca gente gosta porque não sabe como é.

Cavaleiros era, para a nossa idade e para a nossa imaginação, uma terra fechada noutra época, como se tivesse à volta um muro alto coberto de hera. Dizem que a hera provoca o esquecimento, não sei se é assim, se não é.

É bonito pensar nisto.

Em tempos muito antigos, Cavaleiros pertencia a um condado mais importante do que o Condado Portucalense. Tinha florestas onde ainda havia ursos e onde só os nobres os podiam caçar. Porque já havia poucos, naturalmente. O que ainda era uma amostra desses tempos era a casa. Tinha uma varanda com doze colunas de pedra voltada para os campos, donde se podia ver uma batalha se ainda houvesse batalhas com cavalos e espadas. Do outro lado dos campos ficava a aldeia de Corvos. Chamava-se assim, estão mesmo a ver porque era: bandos de corvos pretos como carvão voavam em volta e pareciam trazer notícias de alguma parte com os gritos que davam. A gritaria dos corvos chama-se crocitar.

Os amigos do meu irmão vinham da Póvoa, em bicicleta, o que era um estirão. Não sei o que os fazia correr tanto, mas os rapazes estão sempre a fazer apostas e a medir forças, e a fazer coisas que não têm jeito nenhum.

– Prepararam-se para a vida – dizia o meu pai, que compreendia essas coisas. Antes assim.

Os rapazes tinham as brincadeiras deles, e nós as nossas. Fazia um calor que era como um caldo a fumeigar, e nós metíamos-nos no tanque, em fato de banho, para admiração dos filhos do caseiro, que olhavam para nós como se fôssemos doidas varridas. Tinham duas irmãs muito bonitas e que aqueciam os garfos de ferro no lume para frisar os cabelos. Não se faz ideia das coisas que elas sabiam para parecer bem. Trincavam hortelã para que a fala delas cheirasse bem, e a verdade é que davam boa impressão. Pareciam fadas, ainda que não soubessem ler e escrever. Tareja e Urraca, princesas de Aragão e Castela, ou por aí, deviam parecer-se com elas.

Os rapazes, meu irmão e os amigos dele, tinham um desprezo por nós que só visto. Tratavam-nos de alto, riam-se de nós e não nos deixavam aproximar deles. Tinham segredos que só partilhavam entre eles e faziam jogos perigosos. Caçavam, gostavam de armas e de relógios, coisas que não me diziam absolutamente nada.

Também se atiravam pelas calçadas, de bicicleta, e acabavam muito esmurrados e com os joelhos em sangue. Isto tornava-os muito orgulhosos e não queriam falar disso se lhes fazíamos perguntas. Um dos amigos do meu irmão, que até tinha o cabelo encaracolado e era bonzinho, bebeu água dum charco e morreu com o tifo.

– É muito injusto uma coisa dessas – disse a minha mãe, que tinha vindo do Douro onde preparava as vindimas. Tinha um chapéu de palha-de-arroz que usava na praia e que o vento levava sempre que podia.

Eu pensava muito a sério vingar-me dos rapazes, que eram uns brutos, ainda que fosse difícil explicar porquê. Meu irmão só nos acompanhava, a mim e à minha prima, se a mãe o obrigasse. Fazia-se rogado e tomava aquilo como um grande sacrifício.

– Que sabes tu de sacrifícios? – disse-lhe eu. – Sacrifício foi o de Abraão: Deus mandou-lhe matar o filho e ele obedeceu e nem fez perguntas.

Eu era muito sabida em História Sagrada. Quando eu falava assim, meu irmão calava-se muito calado. Tinha medo não sabia de quê, e eu gostava de o ver assim.

Ao pé da aldeia de Corvos erguia-se o monte da Cividade. Tinha sido um quartel dos romanos e havia lá ruínas que eram a prova disso. Via-se o mar desde ali e o silêncio, mesmo com dia claro, causava impressão. Nós levávamos batatas para assar e não ficavam bem assadas, mas sabiam-nos bem assim. Com muito sal e meio cruas.

Eu percebia que meu irmão era medricas; passava o tempo a dizer:

– Que foi aquilo? Vocês não ouviram?

– Não. Não ouvi nada – punha-me à escuta, muito séria.

Eu mentia. Havia uns barulhos infinitos, vinham de muito longe. Até se podiam ouvir os romanos a marchar e as couraças deles a ranger. Se fossem feitas de couro, rangiam com o calor. Eu tinha a certeza que era assim.

– Que fazias se viesses um romano?

Ele estava branco como um lençol, e percebi então que eu tinha o poder de assustar as pessoas.

Quando voltámos para casa, minha prima Alice mostrou-se amuada.

A maneira de ela ficar triste era amuar e partir bocadinhos de pão sem os comer. Não havia electricidade e usavam-se gasómetros que davam uma luz muito clara, mas que não iluminava os cantos da sala. Meu irmão olhava para os cantos onde a escuridão era maior, e eu disse-lhe:

– O romano não está ali. Quem está ali é outra pessoa.

Não me esqueço da cara do meu irmão, à luz do gasómetro. Uma cara apavorada. Alicinha levantou-se da mesa e deixou nela um montinho de bocados de pão.

– Vou dormir – disse ela.

– Não queres sobremesa?

Nem me respondeu. Estava verdadeiramente sentida comigo. Não podia ver que eu assustasse o meu irmão, ainda que ele fosse mais velho e se armasse em valente. Era uma boa menina, eu sempre disse isso.

A casa de Cavaleiros não era própria para tranquilizar ninguém. Tinha alçapões tanto nas salas como nos corredores e que comunicavam com as adegas e as cortes do gado. De noite e de dia ouviam-se os chifres dos bois bater no sobrado; como nos habituávamos àquilo, não tínhamos medo. O medo é uma questão de hábito, mas há quem não entenda assim.

A Maria de Cavaleiros, a cozinheira, que trazia um cordão de ouro ao pescoço e arrecadas também de ouro nas orelhas, tratava de nós o melhor que podia. Trabalhava muito para ajudar a mãe e um irmão doente. Eu tinha inveja dela por causa do irmão que ela tinha. Nunca chegara a andar e estava na cama desde que nasceu. Era lindíssimo, com uma barba preta aos anéis e um riso de felicidade que dava que pensar. Eu admirava-me por ele ser feliz quando nunca saíra daquele quarto donde se via a aldeia de Corvos e mais nada. O amor da mãe e da irmã era maior do que o mundo todo.

Eu nunca me aproximava muito dele. Era como se ele estivesse rodeado por anjos e eu não queria estorvar nem fazer com que as asas deles não coubessem. Eu tinha a certeza que eram grandes asas que roçavam o chão quando estavam fechadas. Eu acreditava que os anjos fazem parte da ciência, como os satélites, e, se não explicava melhor as coisas, era porque não me deixavam. Meu irmão ria-se de mim e todos faziam coro com ele. Mas assustava-se. Até quando se ria estava assustado. Entre as alegrias de que só participavam as raparigas, estava o passeio à Senhora das Neves. A capela da Senhora das Neves estava à beira duma floresta que pertencia à quinta de Cavaleiros. Pertencia a Cavaleiros.

Era uma ermida do mais bonito que se imagina e tinha no altar-mor uma imagem antiga, de madeira, que não media mais de

dois palmos. Num baúzinho verde estava um enxoval completo da Senhora das Neves. Era mudada todas as semanas e, tanto eu como Alicinha, não sabíamos que mais admirar – se a riqueza dos vestidos ou as jóias que eram ofertas dos fiéis e que tinham mais de quinhentos anos. Por tudo isso, a Senhora das Neves era muito cobiçada. Assaltavam a capela de vez em quando, mas não encontravam o baúzinho verde que estava bem guardado.

– Além disso, o soldado romano está lá e toma conta dela – disse eu. Como de costume, o meu irmão fez troça. Foi preciso o tio António meter-se no meio de nós.

– Que bulha é esta? – disse ele. – Não se bate nas meninas.

– Ela anda a aborrecer-me com o soldado romano.

– Diz-se centurião. É um homem baixo e tem as pernas tortas de andar a cavalo.

Tio António olhou para mim meio distraído, mas penso que não lhe escapou uma única palavra. Era carinhoso, mas às vezes dava-me boas palmadas, por brincadeira. Deixava-me nódoas negras, mas quem quer ter amigos tem que aturar-lhes as manias. Com o meu irmão ele não se metia. Não se interessava, achava-o como toda a gente.

Apareceu naquele Setembro com um *Buick* verde descapotável, que nem era dele nem nada. Levou-nos com ele, eu, Alicinha e o meu irmão, e fomos para a recta do Mindelo experimentar o carro. O vento levou-me o travessão do cabelo e Alicinha estava quase a chorar.

O meu tio ria-se. Tinha um gosto não sei como de se alegrar com a tristeza dos outros.

O carro teve uma avaria qualquer, era na Apúlia, e nós saltámos mais que depressa para o chão. A tarde caía e na beira-mar lá estavam os romanos, com os cascos na cabeça e as saias curtas.

– Olha os soldados romanos – disse eu. Meu irmão ficou parvo. Nunca acreditara que pudesse haver romanos em qualquer parte, muito menos na praia da Apúlia.

Tio António estava do meu lado e assegurou que o que eu dizia era verdade. Era muito delicado com as raparigas, mas não as levava muito a sério.

As coisas que aconteciam em Cavaleiros só diziam respeito a mim e à minha prima. Inventávamos o que queríamos que nos acontecesse, e a gente falava alto para pessoas que não estavam lá, mas eram reais para nós. Era mais divertido do que as histórias verdadeiras, e todo o dia andávamos acompanhadas de imaginações e fantasias. Fazíamos viagens perigosas, eu descrevia as feras que via nos cantos do pomar, e Alicinha ficava assustada, mas não me abandonava. Acima de tudo queria estar comigo e proteger-me no caso de haver algum azar.

Se trovejava (e as tempestades de Verão eram como uma carga de cavalaria, não sei aonde fui buscar esta ideia da carga de cavalaria), até a cozinheira se benzia muitas vezes. Ia buscar um ramo de oliveira benzido no Dia de Ramos, na Páscoa, e queimava-o na lareira. Afastava os trovões – dizia ela. Eu não acreditava nisso, mas gostava que alguém acreditasse.

Nuvens negras cobriam os verdes campos que brilhavam com a chuva. A chuva que caía a cântaros, fazendo transbordar as caleiras; e enchia as pipas velhas onde se fazia o sulfato para as vinhas. Eu já sabia muito da vida da aldeia, como se fazia o pão e se secavam os figos em tabuleiros. E também como se corava o linho e se espadelava, e tudo. Também vi nascer um vitelo e pisar as uvas no lagar. Havia um Santo António na cozinha dos caseiros com duas rosas de papel ao lado. Ele tinha um ar risonho e o fumo parecia não o incomodar. O fumo estendia-se como um lençol, saía pelas frinchas do telhado, cheirava bem, o fumo. Quem não viu estas coisas é meio homem ou meia mulher. Falta-lhe a doce esperança de as tornar a ver, esperança que dura uma vida.

Quando a mãe voltava, eu sentia que a casa tinha precisado dela. Punha ordem em tudo e, embora nos aborrecesse a todos com a disciplina e as ordens que dava da manhã até à noite, gostávamos dela assim. Ralhava alto e fazia uns biscoitos a que chamava

esses e que cheiravam a canela. Não queria cães nem gatos dentro de casa e mandava trabalhar toda a gente, mesmo quando não era preciso.

– A preguiça morreu de sede à beira da água – dizia. Ou então: «És bom para ir buscar a morte», quando alguém demorava a cumprir o que ela mandava. Não gostava de Alicinha e isso custava-me muito. Acho que tinha ciúmes por eu me dar bem com ela. As mães ciumentas são difíceis de aturar e o amor delas tem um veneno como o da viúva-negra, que paralisa o coração.

A viúva-negra é uma aranha que não é tão terrível como se diz. Eu aprendia muito depressa e sabia muitas coisas que ninguém sabia. Sabia o que era um *mastodonte* e um *apterix*. Meu irmão era muito entendido nas cores das bandeiras e nas marcas de automóveis e ganhava-me aos pontos se fosse caso de apostas. Apostava por tudo e por nada.

– Vai chover esta tarde.

– Não chove, não. As ovelhas estão no monte.

– A quanto apostas?

– Não aposto – dizia eu. – Se as ovelhas estivessem na encosta era sinal de chuva.

– Quem te disse? – Ele achava que devia haver um responsável pela sabedoria e que eu não merecia pertencer a esse número. Era um bom irmão mas um bocado casmurro, como acho que são todos os bons irmãos.

A Senhora das Neves desapareceu. Roubaram-na, e isso fez muita impressão a toda a gente. Mesmo os que não iam à missa ao domingo, ou que passavam o tempo a conversar no adro da igreja, ficaram revoltados. Não levaram em conta a Senhora das Neves ter sido roubada de livre vontade. Depois apareceu atrás dum monte de lenha e tinha ao pé dela o Anjo Gabriel vestido de soldado romano.

Não sei porquê, deu-me para chorar e a Alicinha não sabia como me consolar. Chorou também e não percebia nada. Nem das minhas lágrimas, nem das dela. Há momentos na vida em que

tudo parece estranho e tudo se junta no coração para nos afligir. A mãe que saía de casa e depois voltava, os brinquedos estragados ou perdidos, um cão pequeno que morreu de esgana e não merecia ter morrido.

– É por acaso que somos irmãos, tu e eu – disse, um dia. Alicinha pressentiu complicações e saiu da sala. As moscas varejeiras faziam um barulho irritante e os cães ficavam desesperados quando as ouviam. Corriam pela casa como doidos, não entendiam nada e metiam-se debaixo das camas se os deixassem. Um soldado romano faz muito jeito em certas ocasiões. Vem de longe, a pé, com a lança a brilhar por entre as árvores e o ranger da couraça ouve-se em redor. Sentimos que o mundo não existe por acaso quando o soldado romano está presente. Não há outra explicação para que o Anjo Gabriel se pareça com um soldado romano.

As férias de Setembro, que sabem tão bem porque já é o fim das férias, acabaram. Alicinha voltou a pertencer ao reino dela, que era o da Matemática; e eu tive o sarampo e fiquei toda às pintas vermelhas. Li muitos livros de aventuras que meu irmão me emprestava depois de os ter lido. Nunca me deixava ler um livro antes dele e nunca percebi porquê. Esqueci-me do soldado romano e do monte da Cividade onde ele devia ter estado há muito tempo. Um tempo tão antigo que não dava para pensar nele. Eu pensava noutras coisas e nem ouvia meu irmão perguntar:

– Queres apostar?

O DOURADO

As boas companhias nem sempre nos prometem coisas boas. Lembro-me dum avô famoso na família, que teve um amigo em tudo recomendável. Tinha uma bela figura e era valente como poucos. Não uma valentia atrevida e provocadora, mas prudente e capaz de evitar as situações perigosas. Media as dificuldades e só depois resolvia enfrentá-las ou desistir delas, se fosse caso disso.

Esse amigo, a quem chamaremos *O Barcelinhos* (José era o nome próprio dele), era pobre. Ainda que do mesmo ramo da família do meu avô, era desse género de gente que nunca tivera sorte nos negócios, nos casamentos, nem nas heranças. Era sempre excluído de tudo o que fosse ocasião de prosperidade. Enquanto meu avô recebia naturalmente os bens e o nome duma casa que nunca sofrera desgraça alguma, o Barcelinhos, com seis irmãs para casar, possuía alguns terrenos de lavoura que não chegavam para o sustento do ano. Pão de trigo era luxo, e só às vezes era permitido um pão aze-do, de quatro cantos e que não ganhava bolor semanas a fio. Era o pão ázimo que ainda se fabricava num pequeno caminho que dantes era extramuros da cidade. É possível que fosse lugar de judeus, e por isso aquele pão, gostoso e com um sabor áspero, ficasse como memória duma colónia já desaparecida.

No passado dos Barcelinhos havia alfaiates e criados de frades; tudo pessoas modestas, recatadas no seu ofício que era pregar tachas no calçado dos lavradores e fazer socos de madeira. Os criados de frade também não iam muito além com a imaginação. Pingavam de sono, às seis da manhã, quando era dita a primeira missa, e o resto do dia era levado a pregar editais e a acompanhar o Viático aos doen-

tes; substituíam assim o sacristão, homem velho e que adormecia nas cerimónias mais demoradas, com sermão e coro, coisas assim.

Os frades mais instruídos tinham livros em latim e um ou outro mais profano que contava a conquista de Jerusalém e as desventuras de Telémaco.

O Barcelinhos tinha sido destinado à vida religiosa, mas logo depois da idade da razão, que dizem ser os sete anos, ficou claro que ele, quando muito, dava para soldado. Era destemido e gostava de medir forças com os outros rapazes e até com as irmãs, mais velhas do que ele. Ainda serviu como hortelão numa casa rica, mas, à parte o saber tratar dos cães e dos cavalos, não tinha jeito para mais nada. Aos quinze anos era bonito como o sol e ansiava deixar crescer a barba. Tinha nos cabelos umas madeixas loiras e chamavam-lhe por isso *o Dourado*.

Meu avô admirava-o, seguia-o para toda a parte e emprestava-lhe os capotes com gola de raposa, para ele ir brilhar para as feiras e lugares mais misteriosos, abarracados, onde se jogava a vermelhinha. Jogar a vermelhinha era um prenúncio de má-vida. O Dourado tinha dívidas e começou a pedir dinheiro emprestado. Vícios, além desse, se se pode chamar assim, não tinha. Tudo o que ele queria era deixar de ser pobre e poder comprar tudo de que gostava. Às vezes, durante o tempo em que esteve «a servir», aproveitava a casa ficar deserta em tempo de férias ou coisa assim, e ia deitar-se ao comprido na cama dos patrões, gozando a roupa limpa e o cheiro de sabonete de alfavema.

Nascera para grandezas e não a tristeza honrada da casa dos pais. O Dourado não era um «pilha-galinhas», mas também não era nada de fiar. A tia Maria Augusta, que era irmã do meu avô, dizia que o Dourado era igual a outro qualquer, porque jogos, brigas e amores igualam os homens todos.

De amores não se sabia nada dele, mas era verdade que as raparigas o adoravam, fazendo-se valer diante dele, por valentias que não tinham. Tinham, era o mais certo, medo dum rato; mas dum homem, nunca.

Os tempos estavam maus e havia dias que o Dourado comia pão com dentes, como se dizia. Estava farto de ouvir os ralhos do pai, de ir buscar leite aos lavradores e ouvir as más palavras do vendeiro que o envergonhava por não pagar a conta. Meu avô gostava de uma das irmãs do Dourado, da que tinha o cabelo aos cachos e era pálida como a cera. Mas não se ia casar nunca com ela, porque na família do meu avô ninguém se casava com quem queria. Por isso, Maria Augusta ficou solteira, que era senhora do seu nariz e sabia que mais vale boa enamorada do que má casada. Tinha tido amores infelizes dos quais não se lembrava mais, mas que lhe deixaram o coração saudoso para sempre.

O Dourado ficou a dever ao meu avô uma paixão pelos piratas das Antilhas, pelo Barba-Negra, um bruto corajoso que podia ter sido um herói se andasse por outros caminhos. Morreria com vinte e cinco ferimentos, dos quais cinco eram de armas de fogo, rodeado dos seus catorze piratas, tendo quarenta inimigos a combatê-lo. O Dourado sabia até a data da morte do Barba-Negra, 1718, ou por aí. Meu avô tinha a culpa daquela danação em que se meteu o Dourado, porque lhe emprestou um livro sobre o Barba-Negra. E não só Barba-Negra, mas o Bellamy e o Bartholomew Roberts, que foi pirata contra a vontade, a verdade deve ser dita. O livro ainda eu pude vê-lo na estante lá de casa, uma estante de pau pintado de preto com duas colunas dos lados, chamava-se *História Geral dos roubos e assassinios dos mais famosos piratas*, isto em inglês. Foi editado uma centena de vezes e obteve um sucesso que Deus me livre, como dizia Tia Maria Augusta. Era da autoria dum certo capitão Johnson, de quem não se sabia absolutamente nada. Este mistério foi guardado durante muito tempo, até que se atribuiu o livro a Daniel Defoe, o tal do *Robinson Crusoe* e que era um tipo fabuloso como narrador de fantásticas aventuras.

O enigma ficou por esclarecer, mas é um facto que só alguém íntimo da fauna pirata podia conhecer tantos detalhes e horrores que não são propriamente de contar à lareira.

Ele sabia razoavelmente inglês e lia para o Dourado as passagens mais assustadoras do capitão Teach, conhecido como Barba-Negra. Tinha uma barba tão cerrada que lhe cobria a cara até aos olhos. Daí o Dourado querer tanto ver-se já homem de barba copiosa que lhe valesse o nome digno da posteridade. Só que a barba do Barcelinhos era loira como o tabaco de Havana e ele próprio tão belo que se dizia ter servido para modelo da estátua que está no Rossio. Mas não. A estátua que está no Rossio era a de Maximiliano do México que, ao ser morto pelos guerrilheiros, foi levada para Lisboa para representar o rei D. Pedro IV. Se é verdade ou não, vamos lá saber! Mas que é uma história digna de Daniel Defoe, não temos dúvida.

O Dourado assentou praça quando teve idade para isso e foi para a capital incorporar os Lanceiros da Rainha. Quando voltou, não era o mesmo. Tinha crescido um palmo bem medido. E meu avô, que era homem pequeno, sentia-se mal ao pé dele. Além de que o Dourado já não ouvia com o mesmo prazer a história dos piratas das Antilhas. Casou-se com uma prima, mas não tinha ofício, só negócios com ourives e negociantes. Mas isso era um disparate, porque formara uma quadrilha de rapazes atrevidos e que chegaram ao número de quatrocentos. Alguns eram mesmo filhos de lavradores a quem seduzia a aventura e que se viciaram nos assaltos e na partilha dos perigos com o Dourado. Meu avô foi convidado um dia para um casamento e viu-se envolvido num roubo do qual não sabia nada.

O Dourado pediu-lhe desculpa, mas sabia que o meu avô não o ia denunciar. Se o fizesse, ficava igualmente implicado. Este estratagemma foi usado pelo Dourado durante muito tempo e evitou que ele fosse capturado nos dez anos que durou a sua vida de bandido. Nunca se demitiu do trato com os ourives de feira, e isso dava-lhe a confiança da região onde tinha morada e família. Porém, era de estranhar numa vida tão acanhada certos indícios de prosperidade nas roupas e na comida. Tinha sempre convidados e a mesa era farta e servida do melhor.

Nesse casamento a que foi meu avô, tudo correu bem, só que o excesso de alegria provocada pelo vinho fez com que mandassem sair da casa alguns rapazes barulhentos mas que, chegados à rua, pareceram, como por encanto, retomar o juízo e as maneiras mais sensatas do mundo. Dois deles, de cara rapada e coletes de seda, puseram-se ao lado do meu avô. Alguma coisa lhe dizia que não devia fazer perguntas. Além disso, não viu o Dourado em parte nenhuma. Trouxeram cavalos e disseram-lhe para montar.

– Aonde vamos? – arriscou o meu avô.

Não lhe responderam. E o que mais o convenceu do perigo em que estava era que pareciam gente séria, ponderada, lúcida, se é que não têm medo dos adjetivos. Durante o caminho iam-se juntando homens a cavalo. Primeiro um, depois três ou quatro, e, por fim, apareceu uma grande companhia, com armas aperradas. O Dourado estava no meio, e depois destacou-se e meu avô pôde ver que trazia luvas e um lenço de seda amarela atado ao pescoço. Via-se que pretendia fazer efeito. Estava ao lado dele um rapaz a quem chamavam Andorinho e que era o lugar-tenente dele. Era tímido e parecia indeciso. Os grandes homens não gostam de quem lhes pode suceder. Meu avô tinha frio, a noite estava fresca, nos princípios de Outubro. O Dourado não conheceu o meu avô no meio dos seus homens, ou fingiu não o conhecer. Ouviu-lhe a voz áspera e irritada que denunciava qualquer desprazer particular.

Às onze da noite chegaram à casa do Lagoal que ficava numa revolta da estrada mas sem ser isolada. Tinha vizinhos, gente pobre que vivia dos ganhos de jornaleiros e que dormia debaixo dos telhados de palha. Os cães ladraram; depois calaram-se. Não havia mais de trinta homens; isso da quadrilha de quatrocentos era muito exagerado. Ou então o Dourado contava com muitos mais na província, entre espões e cúmplices que lhe facilitavam a escolha das proezas, o dia certo para os assaltos. Nessa noite havia só mulheres em casa e as crianças que estavam à guarda duma francesa e a ama. Tudo gente indefesa e que se punha a rezar entre ais

e suspiros. Não choravam, isso fez-me impressão. Uma jovem, com o cabelo solto, apareceu no cimo da escada.

O Dourado subiu para a meter num quarto, que fechou à chave. Dizia-se que ele defendia sempre as mulheres e que para isso as trancava; nunca nenhuma o denunciou por abusos e maus tratos, mas também, se eram vítimas, calavam-se. Doutro modo, teriam que carregar toda a vida a desonra e, mais ainda, o desprezo dos maridos. Com isto fez-se a lenda do Dourado, protector das damas. Mas como podia ele deter o bruto avanço dos seus homens, embriagados até a infâmia lhes parecer direito da juventude?

Deixava-os à vontade porque a guerra sem crueldade não tem razão. Meu avô estava doente de cólera. Era um homem pequeno mas muito arrojado. Nem dali a mil anos ele esqueceria a afronta de o fazerem ladrão a contra-gosto. Isto aconteceu ao capitão Roberts, que teve umas demandas com os portugueses e que era da raça do Dourado; mais lhe apetecia ser comandante de piratas, do que simples marinheiro ao abrigo da lei. Pela história do capitão Roberts e da notícia do Brasil que há nela, se vê que na legenda publicada em 1724 sobre os mais famosos bucaneiros há muito que se lhe diga de inventado e ignorância pura.

Depois de fecharem as mulheres num quarto (a cozinheira meteu-se no forno do pão e lá esteve até que os ladrões se foram embora), a casa foi roubada com muito vagar e espírito poético. Os rapazes liam alto as cartas de amor com voz melindrosa, o que fazia rir todo o bando. Às tantas deu-lhes um furor de destruição que só visto. Partiam tudo o que encontravam e abriam as almofadas em busca de jóias que não encontravam noutro lugar. Por fim, deram com um cofre de libras e mostraram-se mais cordatos.

O meu avô teve medo que eles ameaçassem as mulheres; a pobre *miss* que estava no quarto do sótão com as crianças chorava perdidamente, e só não a ouviam pela algazarra que cobria a voz dela. Para espanto do meu avô, o Dourado deixava que os homens se entregassem a toda a espécie de delírios de destruição, sem que ele, no entanto, participasse. Abriam os livros e arrancavam-lhes

as folhas para ver se havia dinheiro escondido. Não percebia o meu avô, no que estava metido. Pedia para se ir embora se não fosse recear pelas mulheres, pois não confiava no Dourado, que era mais capitão pelo que consentia, do que pelo que mandava. Acontece sempre assim com quem governa, bem vistas as coisas.

Lá pela madrugada, quando já havia o chiar dos carros de bois que iam para o mato, o Dourado deu ordem de retirada. Levavam um saque tão abundante que não o puderam carregar por inteiro. Ao saírem, abrindo uma porta falsa, caiu-lhes em cima uma profusão de pratas, castiçais e salvas e coisas assim que não levaram. Atiraram-nas pelas janelas e só um dos homens pegou numa taça, disse ele que para dar de presente ao seu cão.

O quarto das mulheres ficou fechado, num silêncio que causava terror. A *miss* desceu por fim e encontrou uma chave que servia e libertou as coitadas. Abraçaram-se todas e começaram a avaliar os estragos, que eram maiores do que o roubo.

Meu avô foi para casa muito incomodado e não disse nada dessa aventura humilhante. Com medo que a família lhe fizesse perguntas embaraçosas, recebeu com boa cara o Dourado e não o denunciou em nada. Quando ele foi preso, passados anos, sentiu uma tristeza que não sabia explicar. Onde estava a bela vida de camaradas até aos quinze anos, quando trocavam faixas e chapéus e iam para as feiras ver jogar o pau, no que o Dourado era mestre? Ele foi condenado ao exílio em África e por lá teve uma série de aventuras estranhas. Ganhava muito dinheiro com negócio de escravos e de marfim, e conseguiu fugir, levando uma vida de abundância ou de miséria, conforme calhava. Creio que morreu de febres, deixou de se falar nele e meu avô também não quis saber nada. A tia Maria Augusta costumava dizer que as mulheres só gostam dos tratantes. «Os outros não prestam», rematava. Era um dito que ficou na história da família.

Os netos do Dourado não se pareciam em nada com ele. Bebiam e não passaram nunca de lavradores remediados. Não gostavam que se falasse no Dourado, e as pessoas respeitavam isso. Cada

um é como é, e entre perdão e castigo leva-se a vida. «Morra o homem e fique fama», dizia-se antigamente. Já não é tanto assim, até porque não há tantos perigos a correr e os piratas estão no fundo do mar com as suas equipagens e as velhas âncoras corroídas.

Havia na nossa casa uma garrafa que continha vinho da Madeira dantes e agora só suja duma borra seca. Provinha dum barco capturado que se dirigia a Providence com uma carregação de mais de cem negros destinados às plantações de açúcar. Era uma história comprida que não vem para o caso. Se digo isto é porque havia em Providence um bar onde estava uma garrafa igual que um português tinha levado. O português chamava-se Dorado, o que me fez lembrar aquele de quem meu avô foi amigo. Amigo até à morte, ainda que não falasse dele senão como se se tratasse duma lenda.

Um dia, estando eu já casado, fui com minha mulher ao lugar das Lombas, onde tínhamos uma propriedade. Entre arvoredos, faias e teixos, pareceu-me, estava uma casa com aspecto pesaroso de tão sozinha.

Era aquela a que meu avô fora levado, metido na turba dos assaltantes do Dourado. Tinha um casal de velhos a tratar dela; limitavam-se a abrir e a fechar as janelas de manhã e à noite. Viam-se as marcas dos retratos nas paredes e havia ainda grandes pregos de cobre que dantes tinham servido para o abraço das cortinas. Fui tomado dum sentimento austero, como se estivesse diante duma tumba.

– Não mora ninguém? – disse eu.

– Não, que a vão demolir para passar uma estrada por cima.

– Ainda é uma grande casa. Tem um pé-direito impressionante.

– Foi assaltada mais de uma vez e os donos acabaram por fazer uma escada secreta que descia do tecto até ao chão. Quer ver como funcionava? – disse o velho que, como todos os velhos solitários e sem rotina do trabalho, se tornam orgulhosos das suas poucas obrigações. Do apainelado do tecto, quando se rodava uma alavanca ao lado da parede, descia uma escada. Ficava a ver-se um alçapão

estreito por onde caberia a custo um corpo. Não sendo de criança, esse corpo teria dificuldades em desaparecer naquela abertura. Mas, no todo, era engenhoso.

– Fez-se isto por causa dos assaltos, para esconder as mulheres e não só as mulheres, o dinheiro também.

Por isso é que o Dourado não encontrara os brilhantes que se dizia haver. Eu pensei que subir a escada seria como seguir os passos do meu avô e juntar alguma informação à história do Dourado e dele. Confesso que tive medo. A escada rangia e alguns degraus ofereciam pouca segurança. Mas quando me vi em cima e pude levantar-me em toda a minha altura (que não é muita, porque me pareço com o meu avô), fiquei atordado. Ouvia-se o arrulhar das pombas que faziam ninho entre as telhas, e uma luz difusa, com raios de pó a flutuar, descia como aqueles raios espirituais que vão directos ao coração dos videntes. Havia cadeiras velhas e um pó grosso misturado com calça. O ruído de vozes vinha de fora como se fosse aumentado por um altifalante. Percebi um leve suspiro cheio de tristeza e abandono.

– Quem está aí? – disse eu. Minha mulher ouviu-me e pediu-me que descesse. Fiz como se não ouvisse. Uma magia, feita de desejos profundos de romper com a sombra da morte, apoderou-se da minha alma. Alguém estava perto de mim; era uma mulher e ela disse distintamente:

– *Save me, save me!*

Era a *miss*, eu tive a certeza disso. O quadro do assalto apresentou-se aos meus olhos atónitos, e nele vi meu avô a rir-se, babando um vinho roxo pelos cantos da boca. Ele participara no assalto como se fosse o próprio Barba Negra e os cabelos abundantes estavam adornados com rubis. Saltava e cabriolava fazendo a alegria dos outros rapazes que tinham vindo com o Dourado, não por força mas de livre vontade. Era uma espécie de rito de passagem, aquele tremendo golpe nos costumes de que eram os garantes para o futuro. Mergulhando no crime como se fosse um baptismo do mal, eles preparavam-se para uma vida exemplar, não ficando

daquela noite senão um vago desconforto na alma da juventude. A *miss*, com os joelhos que sangravam, agarrou debilmente nas minhas mãos. Saltei para a borda do alçapão e descí, em risco de me estatelar em baixo. Minha mulher estava irritada e a boca mesquinha e franzida era a duma velha repugnante. No entanto, eu amava-a. Como podia ver a caricatura dela, em vez do rosto angélico e os olhos surpreendidos?

Enquanto dura uma vida, há tempo para experimentar todos os sentimentos para com as pessoas mais queridas, sem que isso degrade o nosso coração.

Eu não estava seguro de ter visto a *miss* no cimo da escada a pedir-me que a salvasse. Talvez fosse um engenhoso espelho da memória que reflectiu alguma coisa que se passara há muito tempo. Talvez o meu avô tivesse participado no assalto e comportado como um bandoleiro, a ponto de negar auxílio à pobre *miss* apavorada. Talvez gostasse de a ver suplicante e entregue à sua sorte. O mistério do bem e do mal é mais profundo do que o tesouro dos piratas enterrado numa ilha deserta.

Porto, Gólgota, 20 de Fevereiro de 2005.

A MEMÓRIA DE GIZ

Há quem pense que os meninos gostam de histórias disparatadas. Não é bem assim. Histórias maravilhosas nunca são disparatadas. Senão, vamos lá a ver:

Havia um rapaz tão atrevido e mandrião que a mãe dele não parava de lamentar-se pelos desgostos que ele lhe dava. Faltava à escola sempre que podia, e usava uma fiska para matar pardais; também atirava com ela pedradas à égua do regedor, que se punha aos coices, à porta da taberna onde estava presa. O vendeiro saía de lá, com a camisola branca manchada de vinho, e dizia:

– Hei-de caçar-te, malandro!

Mas o regedor, esse não dizia nada. Parecia ficar indiferente. Depois chamava o pai do rapaz e falava com ele, sem levantar a voz. O rapaz era castigado, mas voltava sempre ao mesmo. O padre ameaçava-o com o Inferno, e ele parecia ouvi-lo com atenção. Remeixia com o dedo grande do pé a areia do chão e mantinha-se calado. Na doutrina comportava-se muito mal e punha-se a gritar: «Padre nosso, rilha o osso; rilha-o tu, que eu já não posso!» A menina Esteva, que dava catequese, não sabia o que fazer com ele.

– Giz – dizia Esteva –, não mereces a sorte que tens. Comes três vezes por dia e se andas descalço é porque queres. A tua mãe corre atrás de ti com os sapatos na mão e tu foges-lhe como um desgraçado. Gostava de saber quem te faz mal para seres assim tão mau. Pareces doido.

Giz não respondia e até parecia não ouvir nada. Começavam a pensar que ele era surdo; mas outras vezes Giz dava mostras de ter uma orelha fina como uma rata. Percebia até o ruído que fazem

as lagartixas a entrar e sair dos buracos dos muros. O nome dele era Gisbergo, mas toda a gente o conhecia por Giz. Era um alívio para todos não ter de lhe chamar Gisbergo. A memória de Giz fazia o espanto das pessoas. – Este rapaz – dizia o professor – mede a memória aos canecos, mas isso não lhe aproveita para nada.

A respeito de figura, ele tinha muita sorte, como dizia a menina Esteva. Era bonito, ainda que tivesse uma grande boca e dentes separados. Tinha também muita força e carregava um cesto vindimo cheio até às bordas de uvas pretas, como se fosse já um homem. Giz dizia que as uvas pretas pesam mais do que as uvas brancas. Quem se punha a troçar do que ele dizia apanhava uma chapada logo. Como ninguém da idade dele era capaz de carregar um cesto cheio, fosse de uvas pretas ou brancas, também ninguém podia provar nada. Giz dizia, quando admiravam a força dele, que havia um ajudante invisível que lhe dava uma mão naquilo de carregar os cestos. Mas a verdade é que raramente Giz trabalhava. O mais certo era deixar no chão a mochila de palha onde pousavam os carregos e que se segurava à testa por meio duma tira de estopa ou até de couro. Punha-se a ver passar a fila dos trabalhadores que corriam aos saltos para aliviar o peso. O sumo das uvas pingava nas camisas, e eles pareciam cobertos de sangue escuro. Não podiam falar, de tão cansados que andavam. Um ou outro tinha ainda forças para dizer a Giz:

– Então esse teu ajudante? Vejo que é tão podre e vadio como tu.

– Hoje é dia de São Hilarião, e ele não trabalha no dia de São Hilarião – respondia Giz. Outra vez dizia que era dia de São Gorgônio. Ninguém o obrigava ao trabalho dum homem, por ele ser ainda muito pequeno. Mas sabiam que Giz era capaz de ser muito útil quando queria.

– É tolo quem despreza o trabalho do menino – disse o feitor. Tinha boas palavras para Giz e, como não lhe pagava, tirava sempre lucro do que ele fazia.

Um dia estava Giz deitado debaixo duma oliveira e pôs-se a contar as azeitonas verdes. «Faltam seis» – pensou ele. «Ontem

eram quinhentas e vinte e uma, e hoje há só quinhentas e quinze.» Este assunto pesou um bocado na cabeça de Giz, e ele adormeceu. Então chegou perto dele um homem pequenino, com uma barba que ele passava por detrás das orelhas, para que não o incomodasse. Fez-lhe cócegas nos pés e Giz acordou.

– Não te atrapalhes – disse o homem. A melhor maneira de uma pessoa acordar é fazer-lhe cócegas nos pés. Diz-me cá: que dia é hoje?

Giz pensou um bocado.

– É dia de São Sandálio – respondeu. Estava-se no mês de Setembro e ele, como sempre, tinha acertado.

– Tens uma memória espantosa. Eu esqueço-me de tudo. Nunca sei o que fiz ontem. Isso traz-me complicações.

Giz achou que o homem era bastante tolo, mas não o interrompeu. Também não tinha lá muito que dizer. Com o fino ouvido pôs-se a ver se percebia o canto da carriça que voava rente aos muros para fazer o ninho.

– Lá memória tenho eu. Posso até medir a memória aos canecos.

O homem disse:

– Preciso dum criado como tu.

– Não quero ser criado. Nem me parece que você precise de criados. Quem é pobre não tem vícios. E acho que é muito pobre – disse Giz, à sua maneira descarada.

– Então tu achas que eu sou pobre? É verdade. Não tenho memória nenhuma, e isso é pobreza. Não te enganas. Mas tenho com que pagar-te. Olha aqui – tirou dum saquinho verde moedas de prata que Giz nunca tinha visto, e elas brilhavam como a água quando é agitada. – É dinheiro de valor. Não é como esse papel que por aí anda sujo e amarrotado.

Giz estava impressionado e olhou melhor para o homem. Estava certo de que nunca o tinha visto. Era limpo e tinha as mãos brancas e sem calos. As unhas estavam cortadas com uma tesoura, e não rotas pelo trabalho. O que quer que ele fizesse para ganhar a vida não era muito custoso. Mas ser criado dele não lhe parecia

muito agradável. Havia pobres que tinham criados – lembrava-se agora. O cego Agostinho trazia com ele um moço que o ajudava a subir e a descer dos comboios. O cego Agostinho vendia jornais dentro dos comboios, e todos lhe davam mais do que o preço devido. Giz levantou-se e ficou ao lado do homem. Era mais alto do que ele um bom meio-palmo.

– Tenho a escola ainda por meio ano. Não posso empregar-me antes disso.

O homem riu-se:

– Eu preciso só da tua memória, não é de ti. Alugo a tua memória e ela serve-me durante cinco anos. A vida que levas não me interessa.

– Quer dizer que eu posso dar-lhe a minha memória como se fosse um pão? Ou uma bola, ou um lápis?

– Eu pago-te por ela tudo o que tu quiseres.

– Quem é o senhor? – disse Giz, com mais respeito.

– Sou uma pessoa que lida com o passado. Escrevo as coisas que aconteceram. Mas para isso preciso de memória. Eu sei tudo, eu vi tudo; mas esqueci-me. Um dia acordei de manhã e não me lembrava de nada. Não sabia onde deixara as meias nem onde era a cozinha. Abri o armário dos livros para procurar o pão; e não reconheci a minha irmã Sofia quando ela me deu os bons-dias. Disse-lhe assim: «Suma-se, sua atrevida. Onde arranjou esse penteado como uma vassoura de milho painço?»

– Essa é boa! – disse Giz, embasbacado. – E que quer que eu faça?

– Nada de especial. Só um contrato. Vende-me a memória aos canecos.

– O que é um contrato?

– Um acordo, está bem de ver. Eu escrevo numa folha de couve tenra, com um espinho de limoeiro, as palavras necessárias.

– O quê? – disse Giz, desconfiado.

– Que me alugas a tua memória por cinco anos.

– Que me dá por isso?

– Tudo.

– Tudo, o quê?

– Montes e montanhas. Sorvetes e charangas. Motores e capacetes. Relógios e camisolas.

Giz pensou um bocado e achou o negócio tentador. Cinco anos de memória não lhe parecia nada de maior. Dava tempo àquele anão barbudo de escrever a História que ele tinha conhecido e presenciado. Enquanto que Giz – que tinha para lembrar? A cara da menina Esteva, que era como um sapato amarelo e amassado. Aquela vida aborrecida, o pai sempre mal-humorado e a mãe a queixar-se de tudo; dos gatos e dos patrões, do preço das coisas e da chuva de Novembro. Decidiu-se.

– Pode levar a minha memória, se lhe faz jeito. Mas primeiro quero ver se não me engana.

– Que queres? – disse o velho. Estava tão comovido que tremia todo. Os rolinhos das barbas passados por detrás das orelhas começaram a desfazer-se.

– Dê-me uma pistola.

– *Colt* ou *Browning*, ou *Parabellum*?

– Com coronha prateada – disse Giz.

– Aqui tens – disse o homenzinho. Era uma bonita pistola automática, e Giz pegou-lhe maravilhado. – Acerta sempre, onde tu quiseres, e ainda mais. – Giz mirou uma azeitona no alto da oliveira e caíram todos os frutos. Desde que um objecto fosse alvejado, todos os outros seus semelhantes, por simpatia, eram atingidos também. Era uma reacção nuclear. O velho não era para brincadeiras. Acabou por escrever em papel de linho e com tinta-da-china. Giz pôs por baixo o seu nome todo, não sem alguma contrariedade. Não se lhe dava de entregar a memória; mas assinar Gisbergo, isso arreliaava-o. O velho afastou-se pela vinha adiante, e parecia que não tinha acontecido nada. Mas as coisas começaram a mudar daí em diante. Durante duas manhãs e duas tardes tinham medido muitos canecos de memória e nunca mais acabavam. Por fim, Giz disse: «Burgundivrum, Lotariorum, tric-trac.» Tinha-se-lhe esgotado a memória.

Em primeiro lugar, Giz não reconheceu o lugar onde estava. A igreja, com os sinos cobertos de verdete, não se lembrava dela. Da escola também não, nem de nenhum dos rapazes e raparigas que lá andavam. Os lavradores, com as samarras de gola de lobo, pareceram-lhe coisa nunca vista. E os cães fizeram-lhe medo também. Porque tinham quatro patas firmes no chão, não podia entender. Até a égua do regedor, com a cauda cinzenta a sacudir as moscas da garupa, era um monstro extraordinário. Giz sentiu um frio no coração e começou a correr. Não se lembrava dos pais nem dos irmãos, e não sabia para onde ir. Não sabia falar nem entendia nada do que ouvia.

– Ei, rapaz – disse-lhe um cavador, encostado na sua enxada. – Quem morreu? – Usava-se mandar um moço dar a notícia pelas aldeias quando morria alguém. Mas Giz, naturalmente, não percebeu o que lhe perguntavam. Parecia picado pela tarântula e não estava quieto em lugar nenhum. Por fim, teve fome e parou para pensar; tirou a pistola do cinto e fez pontaria a um balão que estava atado no cimo dum poste, e ele desapareceu com grande estrondo. Procurou-o e não o encontrou em nenhum lado. E era pena, porque lhe parecia coisa boa para comer. Ouviram-se ao mesmo tempo explosões seguidas em toda a parte; todos os balões rebentavam e as pessoas olhavam umas para as outras, preocupadas. Giz viu um porco pendurado à porta de um talho e disse para consigo que aquilo era horrível de ver. Tinha uma coroa de loureiro na cabeça, e dentro da barriga outro ramo de loureiro. Distraído como estava, a pistola disparou-se e acertou na coroa de loureiro, e a orelha de porco voou em bocadinhos. Imediatamente voaram pelos ares mil seiscentas e catorze orelhas, de generais e poetas que tinham coroas de loureiro na cabeça.

Mais adiante Giz caiu, de tão cansado que estava. Uma mulher bateu-lhe no ombro e disse-lhe alguma coisa. Agora sim, Giz passava por surdo, e a mulher olhou para ele com compaixão. Giz viu que ela tinha na mão um queijo e apeteceu-lhe provar desse queijo branco e pintado com pimentão vermelho. Logo a correr teve uma porção de queijos ao seu lado. «Montes e montanhas» – como

dissera o velho. A mulher estava tão espantada que deixou cair das mãos o único queijo que tinha, e ele foi juntar-se a todos os outros. Parecia que todos os queijos do mundo rolavam naquela direção, e o barulho deles ao descer as ruas era como o das rodas de muitos carros, carretas e carruagens. Giz fugiu e os queijos foram atrás dele. Encontrou um rio e atirou-se para o atravessar; os queijos mergulharam e ficaram no fundo do rio. Giz respirou aliviado e estendeu-se na areia para secar a roupa. Estava assustado e continuava com fome. Adormeceu; uns operários que vinham buscar areia para a construção duma casa viram Giz a dormir e deixaram-lhe ao pé um bocado de pão com chouriço e uma pêra. Quando acordou, Giz comeu e percebeu que só podia viver de esmolas que ele não pedisse. Tudo o que desejasse transformava-se em quantidades imensas que o perseguiam e o podiam sepultar. Mas era muito difícil conseguir alguma coisa sem pedir a ninguém. Às vezes estava quase morto de fome e todos passavam à beira de Giz sem entender nada do sofrimento dele. Quando se tratava de casamentos e grandes festas nesse género, ofereciam-lhe comida e insistiam para que ele ficasse saciado. Mas depois tudo voltava ao mesmo. A fome e mais nada. No Inverno não tinha onde se abrigar e até um canto dentro dum galinheiro lhe parecia confortável. O calor das penas soltas era o mais doce do mundo. Mas Giz tinha que levantar-se antes das aves da capoeira, senão a lavradeira podia gritar a ladrão e as consequências eram decerto muito más.

Um dia viu, encostada à parede do cemitério, uma bicicleta. Tinha o selim bordado e guiadores brilhantes como a prata. Ape-teceu-lhe saltar para ela e correr pela estrada fresca e esburacada. Imediatamente todas as bicicletas dos arredores se juntaram e puseram-se a segui-lo. Parecia uma maré cheia de máquinas tremelican-do por cima das pedras. Giz refugiou-se no cimo de uma árvore e elas ficaram em baixo a guardá-lo, como se fossem cães em volta duma raposa. Giz chorava tão alto que os pássaros o acompanhavam com os seus pios. Depois, teve uma ideia: saltou de ramo em ramo até alcançar o plano inclinado da montanha; as bicicletas

foram atrás dele, mas, ganhando uma velocidade cada vez maior, precipitaram-se do alto dum barranco. Giz mal teve tempo para se abaixar dentro duma cova. As bicicletas passaram-lhe por cima e caíram de grande altura. Algumas até pareciam voar no ar azul, como peixes voadores ou coisa assim.

Estava mais que provado que Giz não podia desejar nada sem ficar ameaçado pela abundância das coisas. Aprendeu a esperar o seu bocado de pão e o seu pedaço de cobertor, que os soldados em manobras repartiam com ele.

Passaram cinco anos ou perto disso. Giz era agora um moço forte e bem-vindo em todos os lugares. Nunca pedia salário e não tinha ambições; assim aprendeu a controlar o medo. Toda a gente o achava louco, mas não dispensavam o seu trabalho.

– Não sabe ler nem escrever e não se lembra onde nasceu – disse o regedor. Mas a égua dele reconheceu Giz e deu um salto de lado, como se esperasse receber uma fígada na garupa. Giz tinha andado muito e tinha voltado à aldeia onde vivera com os pais e os irmãos. Não se lembrava de nada, mas o cheiro da casa era-lhe familiar. O cheiro do pão cozido de fresco, com a côdea ainda pegada ao carvão quente. O cheiro do casaco do pai, molhado pela chuva; cheiro de caldo entornado e de empenas de telhado. Ficou parado na estrada, sem saber para onde ir. A voz da mãe, zangada como sempre, caiu-lhe no coração, e Giz, de repente, lembrou-se de tudo. Tinha vergonha de ter vendido a memória e de, por causa disso, ter passado tanta miséria. Achava que tinha sido enganado. Mas acabou por se rir e desejou, nesse último minuto em que tinha o poder de conseguir todas as coisas, desejou que o velho pudesse aproveitar bem tudo aquilo. Nesse momento, o historiador morreu de repente, ao decorar a data de 1140 da era de César em que Echa Martins, rei de Lamego, se sentou à fresca debaixo duma ramada de uvas meloas. Era o pormenor que lhe faltava na sua *História Completa do Lendário Português*.

Giz recuperou a memória em 29 de Fevereiro, ano bissexto; lembrou-se logo que o dia de São Matias caía em 25, quando nos

outros anos 25 era dia de São Cesário. Matias era, pois, um santo muito prejudicado. Quando um santo é assim tratado, que fará um simples rapaz sem virtudes especiais?

– Onde andaste, gandula? – disse o pai.

Ou fosse porque tivesse sofrido muito, ou porque o mundo lhe parecia novo e animador, Giz sorriu e olhou com prazer para as ferugentas tesouras de vindimar que a mãe nunca tirava do bolso. Não sei se se tornou melhor rapaz. Não era disso que eu quis falar. Ao certo ninguém pode dizer do que quer falar, porque mais ou menos todos vendemos a memória ao historiador, ou lá quem é o homenzinho de barbas enroladas por detrás das orelhas.

A LEI DO GRUPO

A FAMÍLIA DO PAÇO

O avô Teixeira, com todo o ar dostoevskiano, casou em Março de 1867 com Justina, filha de José Bento de Bessa, do Lugar do Baral. Ele tinha quarenta e um anos quando casou e ela vinte e oito, idade que, para uma noiva, era já um pouco avançada, nesse tempo. Explica-se isso porque Justina ficara enamorada desde os sete anos por José, com vinte anos, quando ele a ajudou a passar um ribeiro em dia de inverno e lhe disse que se casaria com ela, um dia. Esse dia chegou a 3 de Março de 1867. O casamento durou trinta e cinco anos, sem que se apagasse nunca a memória do amor da infância e o espírito duma união em que os elementos tiveram a sua parte mais sensível. É possível que fosse em Março que se viram pela primeira vez. Como em Março nasceram quatro dos seis filhos.

O rapazinho à direita é meu pai, Arthur Teixeira de Bessa, que foi para o Brasil aos doze anos, por efeito da ruína da casa de lavoura e duma questão perdida em tribunal. Amélia, que foi o modelo para a *Sibila*, tinha dezassete anos quando o irmão partiu para o Rio de Janeiro, onde esteve vinte e cinco anos e fez fortuna considerável. Uma parte da Rua do Ouvidor pertencia-lhe. Eram tempos airosos de fantasia para quem se fazia ao mundo. Eu tive que abrandar o espírito de aventura e do sabor do ganho não tirei partido. Porém, gosto do triunfo que, para ser desculpado, se diz que é aprovação de Deus.

Meu avô Teixeira era perdulário, valente, amava as mulheres, o que é mais do que as desejar. Tinha por elas um respeito gracioso e sem adulação. Elas adoravam-no e faziam bem. Que há poucos homens que saibam amar as mulheres e merecê-las.

Não gostava que lhe fizessem lembrar a pequena condição do brasileiro de torna-viagem, que, em geral, se ficava pelo negócio do restaurante típico ou pelo armazém de secos e molhados. O português trabalhava, o brasileiro era funcionário público. Meu pai, levado por um tio que tinha comércio de frutas na Baía, foi colocado no Rio, não sei se numa pastelaria onde o deixaram comer doces até os ter por inimigos para o resto da vida. Creio que me transmitiu o desinteresse pelas coisas doces, que eu prefiro o sal e o vinagre.

Em vias de ser adoptado pelo casal da pastelaria, que não tinha filhos e se agradara da criança bonita e mansa que foi o meu pai, ele fugiu de casa. Nesta fuga estava a vocação da aventura sem espavento e sonhos fantásticos. Entrou no submundo do Rio, vivia na praia com outros da mesma idade a comer o peixe deixado pelos pescadores. Fez-se corredor num *rink* de patinagem. Entrou no jogo com um mulato que, possivelmente, era o banqueiro e o lado facinoroso da sociedade. O jogo era um campo de acesso à fortuna e às relações perigosas. Meu pai falava pouco desse tempo que lhe descobriu a vocação, senão o vício. Amava o jogo, não de azar, mas de lúdica sabedoria. Esse contraste entre a presa e o predador, antiquíssimo arrebatamento dos sentidos. Quem se perde pelo jogo não se perde por mulheres nem por mais nada. Minha avó Justina ficava a pé na cozinha até às três horas da manhã, a fazer paciências com cartas. Era uma mulher apaixonada e orgulhosa que tinha pena das amantes do marido e as socorria quando eram abandonadas. A mulher forte da Bíblia, austera, paciente, que faz do amor um contraveneno das próprias desilusões. Qualquer ficção a diminui e não a retrata.

O AVÔ TEIXEIRA

Pequeno de estatura, valente, de poucas falas, cheio de ironias que são fugas cautelosas, estratégias, emoções veladas. O José do Telhado era mestre do jogo-do-pau antes de se fazer bandoleiro e casou com uma prima dele, sonsa e lamuriosa. Andava a pedir pelas casas depois que o marido foi para a costa de África. Ia ao Paço e minha avó não lhe fechava a porta, mas também não ficava grata pela visita. No Paço pensava-se que a lei se pode transgredir sem a desrespeitar. Contavam-se histórias de assaltos, de crimes, calavam-se coisas da bestialidade humana. «Bem basta o que basta...» A avó Justina fiava a estriga de linho, tinha um casaquinho de veludo preto, que eu ainda lhe conheci, quando lhe tiraram o retrato na soleira da porta. Eu tinha medo dela, já não estava no perfeito juízo. A vigília entre a vida e a morte, com o seu sonambulismo e o murmúrio da velhice, fazia-me pavor e, no entanto, era parte da curiosidade da infância.

Minha avó morreu tinha eu dez anos. Foi muito censurado eu não vestir luto carregado. Era nas férias grandes e não há luto que chegue ao Setembro delicioso dos nossos dez anos.

O TIO DO MATO

Era irmão da minha avó Justina e uma figura tutelar da família. Havia uma ascendência inglesa nessa gente do Barral, e creio que por isso se chamaram Leite, por terem a pele muito branca. Loiros claros até ao ouro vermelho. O tio do Mato (a casa do Mato, junto à estação de Vila Meã, ainda lá está como uma dacha russa) era uma pessoa de princípios, dessas que se fazem autores das doenças neuróticas da gente lá de casa. Viveu na cidade de São Salvador, onde casou, já perdida a juventude e rico, com uma menina de doze anos bonita de morrer, filha dum médico, creio.

Este senhor, Joaquim Bessa de Carvalho, professou os ideais da República e, depois de amassar uma fortuna, fez-se amigo de letrados e intelectuais. Parecia que o mundo se acabava se não houvesse umas criaturas assim. Não chegou a ver a implantação da República porque morreu antes, no Porto, penso que na Rua de Santa Catarina. Às quatro filhas que tinha chamavam-lhes «as rosinhas de Santa Catarina». Um neto veio a casar com a filha de Afonso Costa, facto que decerto alegrou os seus ossos sepultados no Cemitério da Lapa. Era um homem notável, e, quando pela primeira vez fui à Baía, comoveu-me ver a assinatura dele na acta da constituição do Gabinete Português de Leitura. O filho, José Bessa, foi deputado no Parlamento da República e gozou a vida como belo homem que era, galantíssimo. Lembro-me dele. Era um *snob* acabado. O snobismo entrou na família com a cultura, o dinheiro e a histeria das recordações. Meu pai sofria da sua falta de instrução. Sabia descascar uma laranja, com faca e garfo, que era um gosto vê-lo. Tinha a educação dos clubes, onde se aprende a comer

bem o peixe e a conhecer os vinhos. O primo Bessa tinha-o em pouca conta, o que me faz rir um bocadinho.

Meu pai, quando regressou de vez a Portugal, andou pelas termas de Vizela e Entre-os-Rios, a mostrar-se num Mercedes descapotável que tinha pertencido ao infante D. Afonso. O infante D. Afonso era colecionador de automóveis e tinha uma filha natural que depois deu um filho ao já falado primo Bessa. O sangue real entrou na família por um mecanismo ligeiro, que são os que vingam as grandes opiniões.

Como disse, meu pai era um rico emigrante, desses que são um pouco pinga-amor do passado que quase não tiveram. Como a vocação dele era o jogo, entregou-se ao negócio dos casinos e, antes disso, com uns arrebatamentos de bom comportamento, fez outros negócios. Tratava os negócios como jogadas e perdia sempre, o que não o fazia perder o bom humor:

– Este ano perdi duzentos contos. Mas outro qualquer teria perdido mais – dizia, com a ufanía do homem feliz. Sempre se considerou um homem feliz, conhecedor do mundo e feliz, o que é muito raro. Acho que o meu talento o orgulhava, mas impedia um pouco que me amasse mais. Dizia que eu podia ganhar milhões se escrevesse os segredos do mundo do jogo. Não com a publicação, mas porque me pagariam para não publicar o livro. Não insisti para que me contasse nada. No fim de contas, também eu não gosto de jogos viciados.

Meu pai, o brasileiro, com os fatos de seda crua e o chapéu de Panamá que eu vim a transformar para mim! Tinha um feitio de pura ficção porque era gentil, sentimental, cheio de chiste e perigoso. Nunca me convenceu, mas ninguém me convenceu. Excepto Santo António, pelo que imagino. O que se imagina das pessoas é o que nos convence.

O ídolo político do meu pai foi o Afonso Costa; o ídolo com afinidades foi o doutor Sá Carneiro, tio de Francisco Sá Carneiro,

um homem empolgante pela inteligência precursora da aventura. O meu ídolo é a gramática portuguesa, à qual faço constantes heresias. A cada um a sua vénia. Meu pai amava tanto a República que, ao ser implantada em Portugal, mandou serrar as coroas reais das camas da casa do Paço. Conservou sempre um lugar no coração para os libertadores; outro para a pátria de que viveu afastado muito tempo; outro para a mãe, que muito amou, com tal constância que parecia religião. Sobrava o ventrículo esquerdo que, eu acho, ficou sempre vazio, ou o jogo ocupou esse espaço, o mais secreto de todos. Os homens que não têm o coração tão preenchido morrem dele, sem queixas e sem sofrimento. Mas não se pode dizer que viveram.

A GENTE DO DOURO

Meu avô materno, Lourenço Guedes Ferreira, nasceu no Lugar do Loureiro, lugar de santos e de criminosos. O Douro é a província mais capaz de paixões governadas e desgovernadas que há em Portugal. É duro de se viver, o Douro. Duro de fazer a vinha, de saldar contas com o destino, a terra e os homens. Meu avô Lourenço era o morgado duma casa de alguns haveres, e a mãe dele, Maximina, julgava-se fidalga e com direitos de o ser. Era vaidosa, opiniosa e de mau feitio. Mulheres assim são às vezes dadas a um desregramento romântico que não faz história mas faz dor de cabeça a toda a família.

Maximina casou segunda vez, viúva do marido bacharel em direito que morreu «de desgostos», não sei quais, e creio que foi feliz com o novo matrimónio. Ele era primo, professor, e amava os livros. Os primeiros clássicos que eu li vinham da sua estante. Não fez de meu avô um letrado, nem sequer um bom discípulo. Contudo, como se lê no *Wilhelm Meister*, do Goethe, sempre há uma diferença entre o mau e o pior. Se meu avô era mau nas letras, era bom nas imaginações e aptidões para triunfar. Foi mandado para o Porto aprender o ofício de ourives, mas ameaçava matar-se se não fosse de volta a casa, onde só conseguiu aprender música e manhas de rapazola. Pela bandeira da porta da despensa roubava os salpicões e os chouriços, do que a mãe se admirava, tendo a porta fechada e a chave na algibeira. O padre, que era muito da casa e ouvia toda a gente de confissão, contou o que ouvira do pequeno Lourenço. Pelo que foi castigado sem religião nenhuma, servindo, além disso, de troça amigável, a mais ofensiva.

Daí lhe ficou um azar aos padres e aos seus sermões. Recebida a herança a que pela maioria tinha direito, jogou-a na Régua, que era nesse tempo antro de trolagem, como diria Camilo. Ficou pobre em poucas horas e, tendo recebido algumas luzes sobre obras de linhas-férreas e tendo amigos que são bons para tudo quando se tem a inocência esclarecida que acompanha o verdadeiro humor, Lourenço lançou-se no mundo do trabalho. Era duma inteligência invulnerável, quer dizer que não cometia grandes erros. E os pequenos não lhe podiam interessar.

Casou em Santa Comba com uma senhora que lhe deu cinco filhos, e destes só viveu até à idade adulta um rapaz epiléptico e meio louco que se pode ver com uma flor na botoeira e cordão de ouro no colete. Ao lado está Zília, a irmã, que morreu depois de fazer a primeira comunhão, como ela queria.

A minha mãe está ao centro e tem o cabelo rapado. Isso por ser birrenta e implicativa com as tranças, o que lhe valeu aquela cabeça de magala. A mãe dela, minha avó Lourença Agustina, era uma castelhana grave e sem grandes ternuras, boa educadora sem ser íntima dos filhos nem de ninguém. Lia muito e tinha sempre debaixo do trabalho de costura um livro que lia às escondidas. Chorava às vezes com o que ia lendo.

Meu tio Ant3nio, que está ao lado dela e tem na mão o primeiro rel3gio, era um bom menino de funesto destino. Houve sempre desses bons meninos na família, suspensos de sonhos que nunca realizaram. Meu tio Ant3nio fez-se uma pessoa de cultura, formou-se em Gand em engenharia e era meu padrinho. Lembro-me dele como a única pessoa com tendências psíquicas antag3nicas que eu conheci. Nunca se podia saber o que pensava e todas as opiniões lhe pareciam fragmentárias e inúteis. Nasceu em Luanda, e África era a sua verdadeira pátria. Mas tinha por Paris uma gratidão sensual porque amava o grande mundo e as pessoas cosmopolitas. Era bondoso e cruel ao mesmo tempo, nunca o entendi bem.

Meu avô Lourenço, que se definia a ele próprio como um *che-minot*, um homem dos caminhos-de-ferro, encontrou Agustina

Jurado em Espanha, quando se traçava a linha de Barca-d'Alva. Ela tinha vinte anos e era muito bela, do que nunca se apercebeu. A virtude faz sombra à formosura. Meu avô estava viúvo da senhora de Santa Comba, e, com o segundo casamento, instalou-se em Corrales del Vino, donde a noiva era natural. Fez casa e fez uma fábrica de moagem e outra de licores. Estava rico, considerado, a vida era honrosa e tinha amigos. No entanto, o filho doido incendiou-lhe a fábrica e roubava-o. Voltou para Portugal, desentendi-do consigo próprio e meio arruinado. Voltou às empreitadas de caminho-de-ferro, ganhou de novo dinheiro, educou os filhos com alguma grandeza, o que não contribuiu para os fazer grandiosos. Lamentava-se de que eles o decepcionavam: uns doidos, outros fracos de carácter, insensatos e sem aspirações. Deixou-me por testamento a quota disponível, tinha eu três anos, como uma ordem. As crianças gostam de obedecer e eu obedeci, como sei e como posso.

A MÃE

Há uma cena num filme de Manoel de Oliveira, o *Vale Abraão*, em que um desconhecido, num restaurante, lhe oferece um prato de figos. Foi assim que meu pai abordou a jovem Laura, que estava vestida de preto, não por luto mas por promessa. Casaram e não tiveram muitos meninos. Fui só eu e meu irmão José Artur. Meu pai julgou que a jovem Laura do hotel de Entre-os-Rios era viúva. Como Byron, não gostava de meninas em flor, provavelmente porque são cheias de surpresas, nem sempre boas surpresas.

Minha mãe teve lições de piano com Óscar da Silva, que era um grande intérprete e um mau professor. Para se resgatar dum emprego sem imaginação, constava que seduzia as alunas, o que lhe acabou com a confiança das famílias. Assim, minha mãe ficou sem mestre e suspendeu as escalas e os solfejos. Bordava muito bem e lia pouco. Sempre vi nas mãos dela (que as tinha bonitas) *A Imitação de Cristo*. Não era particularmente religiosa, mas gostava dos ritos de Maio, das novenas em casa com flores e velas acesas. Amava o meu irmão com uma expectativa que as mães têm ainda hoje pelos filhos varões. Neste retrato de praia, eu estava vestida com um vestidinho de *étamine* cor de morango às pintinhas, e minha mãe de seda crua. Parecia sempre a preceptora e, às vezes, havia quem se enamorasse dela pensando que sim. Era orgulhosa e de mau génio, levava a sério o casamento e tinha uma inclinação pelo rei da Bélgica, o da princesa Astrid. Porque era distinto e com ar de quem renunciava a qualquer coisa. Também pode ser que a aura do tio António e do seu exílio escolar na Bélgica lhe

fizesse uma impressão favorável e aceitasse de boa mente tudo o que de lá viesse.

Amava-me mas sem demonstrações, a educação passava pela disciplina das emoções. Eu pensava que minha mãe não era uma pessoa justa: faltava-lhe a independência que faz a alma imortal. Achou sempre, e meu pai também, que o meu talento era devido a meu irmão e que eu o usurpara, como Jacob a Esaú. Contudo, meu pai mandou dactilografar o meu primeiro romance, e ainda hoje me pergunto o que foi feito dessa senhora Champollion que decidiu o que eu escrevi. Mais tarde, ele pagou a edição de *Os Super-Homens*, não porque acreditasse muito em mim, mas por que não perdia a ocasião de apostar num provável vencedor. Quando *A Sibila* se fez um sucesso de livraria e eu assentei nas letras de direito próprio, ele pareceu um pouco desiludido. Os jogadores não gostam de ganhar.

Como herança genética devo muito à região de Amarante. São lugares de misteriosa convivência, onde tudo se aprende e pouco se condena. Há um sentimento comunitário de perdão e de culpa que se entendem um com o outro. Tudo acontecia como se tivesse sido precedido por um aviso. Eu creio que se liam os profetas na minha terra. Cada um é um profeta na sua casa e ninguém acha isso estranho porque, mais ou menos, todos são profetas. Ninguém se metia a oráculo, era-o e falava como tal e o vizinho respondia-lhe da mesma maneira. Usam a metáfora como um instrumento de trabalho ou de lazer: a enxada ou o pião. Dantes percebia-se isso melhor, hoje já não.

Em gramática, é a gente mais saudosa do erro que eu conheço. Quando acertam acham que se tornaram ridículos porque o homem não vive para acertar, mas para inventar a partir duma regra.

Eu passava com o meu irmão uma parte das férias grandes no Paço. Ser irmã dum único irmão é muito solitário, mas também favorável a imaginações, diálogos interiores, sonhos e descobertas. Desde muito cedo eu descobria as minhas companhias nos livros.

Quando aprendi a ler, no mundo fez-se luz e passei a compreender tudo. Eu tinha quatro anos e uma professora vinha dar a lição ao meu irmão, que era débil e que minha mãe protegia demasiado. Ele era uma criança azarada, penso que provocava situações desastrosas para assim chamar a atenção, o que conseguia. A professora, D. Inês, causou-me uma impressão profunda. Era pequenina e pintava-se muito, tinha sinais no rosto e usava saias curtas com um desembaraço notável. Tinha orgulho em si mesma, o que me enchia de admiração. Era uma mistura de mulher de letras e bailarina de *music-hall*, que eu tinha por fantásticas encarnações no feminino.

Vivíamos nesse tempo na Maia, numa propriedade com parque e um lago que tinha no centro uma ilha e na ilha um pinheiro rasteiro. Circundava o parque uma avenida de tílias, e o jardineiro, com uma vassoura de giesta, varria pausadamente as folhas que caíam. Era o Miguel, homem de ditos e mentiras, como só ele. Era da minha terra, da família dos Cunhas, a gente mais fina e conversante que eu conheci na minha vida.

A D. Inês achava que, se se ocupasse de mim, eu podia ir longe. Tinha uns óculos de aros de ouro que me fascinavam. Eu não lia livros infantis, mas os folhetins do *Jornal de Notícias*. O *Sem Família* e as histórias tenebrosas do Paul Féval. Discutia-as com a minha mãe, que nem por sombras estranhava nem me tomava por sobre-dotada, felizmente. Senti-me sempre igual a toda a gente e que toda a gente tinha esperteza bastante para me interessar.

Devo dizer que nasci na região de Amarante e que sou um produto da região, como o vinho verde, que não embriaga mas alegra. Meu pai, com umas saudades de se converter ao rural depois de muitos anos de vadiagem buliçosa, quando se casou pensou arrumar-se na província. Aborrecia-se de morte, e a casa que comprou em Vila Meã e onde eu nasci vendeu-a logo a seguir. Fomos viver para Gaia e havia defronte um pequeno zoo, não sei se particular. Minha mãe achava que aquilo era uma excentricidade dalgum *brasileiro*, e não nos deixava visitá-lo.

Meu pai entrou no mundo do espectáculo com o Jardim Passos Manuel, um café-concerto com teatro ligeiro, canto, palhaços. E um cinema. Às quintas-feiras levava-me e deixava-me em liberdade. Ia para o escritório dele ver fotografias de actrizes que acompanhavam os filmes. Era um mundo de beleza ao alcance da imaginação, e aí tive companhia de grandes astros, de perfil, a fumar um cigarro turco. O cinema, os livros e a D. Inês deram comigo em escritora. Tudo o que eu podia desfrutar do tempo infantil me parecia vulgar e estranhamente impróprio para mim. Eu amava a vida dos adultos, os seus perigos, mistérios, paixões, desgraças. O erotismo da infelicidade depressa o entendi como se fosse a vocação das pessoas.

Por detrás do Jardim Passos Manuel havia o Clube do Porto, que não era uma associação de futebol, mas uma casa de jogo. Pertencia ao meu pai, evidentemente, e meu tio António ia para lá gastar o ordenado de engenheiro. Jogava mal e, em contrapartida, as mulheres adoravam-no. Percebo porquê: era culto e desprendido de tudo, de dinheiro e de destino. Viajava muito, era estrangeirado e achava Portugal uma terra de tolos que faziam um sobretudo para estar em casa no Inverno. Nunca fez fortuna e tinha um toque de loucura serena que deixava supor qualquer talento desconhecido. Era meu padrinho, o que me parecia um parentesco enigmático. Às vezes sentia-se muito castelhano e achava o negócio de Tordesilhas mal pensado. Morreu quando eu tinha quinze anos, vinha de África e estava tuberculoso. Roubaram-lhe o *Patek Philippe* e não sei que mais, que pouco mais tinha. Deixou uma linda viúva que acabou como dama de companhia e dizia a toda a gente que era minha tia. Ninguém acreditava.

A propriedade de Águas Santas, na Maia, foi vendida e fomos para a Póvoa, onde frequentei o colégio velho das Doroteias. Eu sabia ler na perfeição, mas não sabia mais nada, não tinham ideia da classe em que eu devia ser posta, e por lá andei um pouco mal arrumada, mas feliz com a vida de convento, o jardim onde se faziam os enterros dos grilos que morriam, as freiras que falavam

baixo. Ainda hoje falo baixo como elas. E tenho uma certa fixação pela vida de convento, a oração conversada, a pureza que se enfeita de paixão irreal.

Antes disso íamos para Espinho, que era praia de espanholas. As espanholas meio irreverentes que eram tratadas pelos criados do hotel por «minha senhora». E diziam elas: «*me voy porque estoy harta de ser la señora del camarero*». Minha avó ria-se porque todas diziam que eram de Madrid. Essa aristocracia de bairro que leva a quererem todos ser da capital! Minha bisavó era de Peleas de Abajo, que graça isso tem! Ter graça vale mais do que ter fama.

Aos três anos, em Espinho, eu saí do hotel, sozinha, com um vestido de *voile* azul-claro e um ar de grande aventura. Tenho ainda essa aspiração de caminhar sem rumo, dizem que é um fio de epilepsia. Talvez seja. Talvez a liberdade seja um sintoma epiléptico.

Minha avó, como se vê no retrato, estava já muito doente e morreu no Douro, sentada na sua *butaca*, a ler o jornal. Deu-me um chapéu caríssimo, de feltro branco, com fitas que, ao voar, me causavam prazer. «O chapéu das fitas a voar» parece um nome para um livro que eu, qualquer dia, escrevo. Lembro-me dum amigo meu, que era escritor, e durante anos a fio anunciava um livro, com o título, para que não lho roubassem ou plagiassem, ou assim.

A Póvoa foi a grande terra da minha idade de prata. Meu pai tinha obtido a concessão do Casino, que antes se destinara a Viana do Castelo, e isso determinou a nossa mudança. Primeiro para o Largo do Chinês onde havia um casino no tipo macaense, mobilado com tremendos móveis de mandarins e lanternas e retratos de beldades nas paredes. Muito tempo depois de o Casino Chinês ter desaparecido, ainda se encontravam as belas nas casas burguesas da Rua da Junqueira.

O grande Casino começou a sua história com um baile monumental para o qual minha mãe fez um vestido precioso e comprou

sapatos de cetim. Como minha tia Concha se tomou de desespero e minha mãe, que a amava muito e tinha pena dela (tia Concha era meio desequilibrada e tinha uma escoliose, devido a uma meningite), não foi ao baile.

Minha mãe sacrificava-se facilmente. Tinha um temperamento trágico e inclinação para o teatro. Recitava com alma e chamavam-lhe «a divina Laura» pela força do gesto e da palavra. Mas prevalecia nela um sentimento de respeito pela estrutura familiar e os princípios em que foi criada. Casar com um jogador já era bastante como inovação. Eu acho que toda a vida viveu um papel da *Casa de Boneca*, faltando ao último acto, com o maior dos caprichos. Ingmar Bergman tem figuras de mulher assim, infelizes por espírito romanesco e que se arrependem a pretexto dos filhos e vão para casa bordar a branco e fazer compotas. Eu própria sou um pouco assim. O que me interessa não é o que eu gosto.

A PÓVOA EM TODA A SUA GLÓRIA

Era a Póvoa, nesse tempo, abrigo de alguns escapados da monarquia, gente ilustre e caída nalgum desprovemento de fortuna. Essa medida pelo antigo regime fez da Póvoa uma terra de ideias tidas por veneráveis e sagradas. Mas o que prevalecia era o pescador com o seu génio independente e justo, diferente de qualquer outro clã que houvesse em Portugal. Não tinham leis, tinham costumes. Eu gostei da Póvoa, vivi lá os passos mais prometedores da minha vida, entre o sagrado e o profano. Conheci de cor todos os santos dos altares, todos os banheiros da praia e as modistas aonde íamos, eu e a minha prima Laura, pedir *chitinhas* para os vestidos das bonecas. Sem a minha prima eu seria mais solitária. Era a minha interlocutora, a minha comparsa nos teatros em que repetíamos as fitas de cinema, de espias e mulheres fatais. Ela era aluna brilhante de matemática, eu só me distinguiu nas letras. Comecei a escrever histórias partindo das estampas que recortava para servirem de ilustrações. Tinha um pequeno cofre de ferro onde fechava as figuras de papel com as quais improvisava os dramas a que emprestava voz. Nas aulas de labores juntava-se à minha volta um auditório fiel, e assim começou o meu círculo de admiradores.

A Póvoa era ventosa e solitária no Inverno. Íamos debaixo de forma ver o mar bravo, um pouco fechadas numa precoce neurastenia, alimentando as malícias da puberdade para que, um dia, as mulheres da casa, as mestras, as velhas criadas, dissessem: «Está uma mulher!» Estar uma mulher parecia promissor, mas os dias continuavam iguais, o vento era arrelizador como sempre, a despentear-nos os cabelos. Eu engordei, fiz-me antipática e bonita.

Sendo muito crítica, achava graça às mais loucas e destrambelhadas, más alunas, buscadoras de amores e já prontas para uma vida pouco escrupulosa, levada a rir do mundo e dos seus azares. Apreciava nos rapazes tudo o contrário: a seriedade, a cultura, o orgulho da sua virilidade. Eram protectores e difíceis, eu respeitava-os por isso.

Comecei a pensar na cidade, a querer mudar, a querer conhecer novas caras. Lia cada vez mais, sabia já francês além do espanhol, que era língua materna. Lourença, a ama da primeira filha de minha avó Agustina, ficou em casa para sempre. Só falava espanhol e contava histórias tenebrosas da Inquisição e da guerra dos Carlistas. Amava-me, defendia-me das palmadas de minha mãe que começava a achar-me desnaturada, fria, ingrata e coisas assim. Só nos livros eu encontrava companhia que não me obrigava a ceder. Passara já o tempo de *Texas Jack* e do seu cavalo *Jumper*. Ou de Salgari, ou até de Júlio Verne, que devorei numa edição completa ilustrada com gravuras. Eram histórias misóginas em que as mulheres tinham pouca participação. Pareciam sempre elegantíssimas, com cinta de vespa e cabelos frisados. Não inspiravam sentimentos devastadores como a Greta Garbo ou a Dietrich.

Mudei de leituras e, de repente, passei a coisas mais substanciais, *Madame Bovary*, para começar. O estilo impunha-se, dava-me um arrepio uma bela frase, a literatura francesa era a preferida, com Dumas e Victor Hugo. *O Conde de Monte Cristo* e a série de *José Bálsamo* pareciam-me deslumbrantes. Meu pai tinha trazido do Brasil uma enciclopédia universal onde eu encontrei os melhores textos do mundo. Vicie-me na leitura, minha mãe achava que eu estava a isolar-me demasiado, a perder o contacto com a realidade. Dava-me tarefas caseiras, vestia-me à inglesa com saias de pregas e peúgas pelo joelho. Eu queria que me deixassem em paz com o Cagliostro e a Du Barry, e outros. Gente perversa e fascinadora. Hoffmann também, e as suas fantásticas narrativas. Como se podia escrever assim? Era um milagre, uma criação do mundo.

No colégio lia-se o Velho Testamento com ilustrações de Gustave Doré. Aí fiz-me parte do povo eleito e entrei pelos desertos com passo firme, ao lado de David e Abraão e muito cismada na violação de Tamar e os amores de Sansão com uma cortesã que depois verifiquei ser a Hedy Lamarr, o que explicava tudo. Eu contava alto, na aula, aquelas peripécias, e lá estava o auditório a aplaudir-me. Fiz-me o talento da turma, escrevia redacções para as outras, às vezes tinham melhor nota do que eu. A justiça é uma coisa furtiva como um ladrão na noite.

Nesse tempo, meus pais compraram uma quinta nas cercanias de Vila do Conde, Quinta dos Cavaleiros, que pertencera a um condado de Nun'Álvares. A casa era ainda majestosa, com salões que teriam servido como pavilhões de caça. Era um lugar extraordinário no sopé do Monte da Cividade, onde havia vestígios dum castro romano. As férias de Setembro pareciam-se decerto com os primeiros tempos da nacionalidade, cheios de escuras cercas e campos de milho cortados por passagens de pedra. Diante de Cavaleiros ficava a aldeia de Corvos, reduto do matriarcado com as belas filhas de lavradeiras a frisar os cabelos com um cabo dum garfo de ferro aquecido na lareira. Tudo eram tios e tias, cheirava a uva morangueira que nem um perfume da Arábia se lhe compara. Com minha prima Alice tomava banho nos tanques carregados de lentilha verde. Minha mãe ia ao Douro preparar a vindima e nós ficávamos entregues à Emília de Cavaleiros, caseira de humor festivo e que sabia cantar à desgarrada. Tinha um cão chamado *Brilhante* que fazia piruetas de puro entusiasmo e que a seguia para toda a parte.

– *Brilhante*, põe-te aqui num instante!

E ele corria, louco de felicidade. Nenhum ser humano chega àquele conhecimento da felicidade impregnado dum sentimento arcaico.

Em breve iam desaparecer Cavaleiros, as filhas da senhora Maria Costa, a imagem de Santo António numa mísula na cozinha, os alçapões sobre as cortes do gado que batia com os chifres no sobra-

do. Desapareceu também a Póvoa dos mendigos que rezavam na Igreja da Misericórdia pelas almas que andavam no mar. E as procissões, a Avenida dos Banhos no Verão, o frio das noites de Verão e a sereia dos dias de nevoeiro.

O colégio novo, a Mestra-Geral, outra das grandes mulheres inesquecíveis! Era sólida como uma rocha, bondosa sem brandura, incompatível com a mediocridade. Vejo-as mulheres exemplares, muito diferentes das meninas exemplares da Condessa de Ségur. Tentei ler a Condessa de Ségur e não fui capaz. Pareceu-me tola na sua pretensão de educadora. Talvez não fosse. O que me interessou foi o nome dela: Sophie Rostopchine, filha do ministro do czar em São Petersburgo e governador de Moscovo. Isto levava-me directamente aos romances russos que eu começava a descobrir. Foi a grande época da minha vocação romanesca.

A volta à cidade, a cidade do Porto, estava cheia de promessas. A grande casa da Rua da Boavista, com o seu *fumoir* e uma escada de jacarandá, era desse tipo confidencial que o burguês do Porto aproxima ao bom gosto. Minha mãe, que era elegante por definição, sem precisar de ter aprendido, deu à casa um tom casual, como se estivéssemos prontos a partir no dia seguinte. Caixotes de livros ficaram muito tempo sem abrir e eu aproveitei a ocasião para os ler todos. Diderot e Rabelais. E um sem número de romances ligeiros que eram de meu tio António, de sabor pecaminoso. Eu tinha aprendido que os homens são mais pecadores e as mulheres mais curiosas. Confessava às vezes as minhas leituras ao padre confessor, e ele não lhes dava importância; pelo que deixei de as confessar. Ainda hoje penso se ele me ouvia ou se fazia desatendido ou tinha o coração a descompasso das leis.

Como o colégio não se fiava dos resultados do meu exame, fui proposta como particular e aí entrou para a minha lista de pessoas famosas a D. Maria da Glória, outra das mulheres que tiveram influência na minha vida. Em quatro meses fez de mim uma aluna brilhante e aconselhou-me a tirar um curso. Eu gostava de estudar Direito, mas isto parecia uma ideia excêntrica, sobretudo à

gente do Paço que pesava muito na opinião do meu pai. «Deixa isso para quem precisa» – era o que pensavam da mulher-estudante. Pensavam isto com uma lógica bíblica que sempre prevaleceu no critério da família. A mulher, se era rica, como foi Ruth, a avó de David, não tinha nada que aprender um ofício, que era sempre coisa muito sujeita a humilhações e enganosa. Ruth, antes de se casar com o rico Booz, andou a apanhar o trigo que os ceifeiros deixavam cair. O que ela fez para se casar com o rico Booz não tem nada de edificante, mas parece que as mulheres só tinham que ser fecundas e pouco mais. Minha tia Amélia, que era uma mulher de leis e gostava de tribunais como se gosta de ópera, estava empenhada em que eu não estudasse. Contra ela a D. Glória perdia a cartada. Mais tarde voltou a insistir, mas eu já estava perdida para a escola. Tinha escrito o meu primeiro romance.

Escrevi-o no Douro, em tempo de exílio e de prostração. Não direi depressão, porque não chegou a tanto. Eu tinha quinze anos e a família decidiu voltar à província, atravessando uma crise financeira, a primeira de que tinha conhecimento. Deixámos de ter automóvel e lá foi o tempo dos belos *Buick* verdes, sem falar no *Mercedes* do infante D. Afonso. Ficava para trás a infância, cujo último dia foi marcado pelo exame da primária, tão bem sucedido que meu pai o premiou com «a boneca grande». A *boneca grande* tinha sido a aspiração da minha vida, como a de Cosette; uma espécie de figura totémica que simbolizasse a irmã, a réplica ao ser infantil que começa a interpretar-se. Contudo, ela foi em parte uma decepção para mim, tão grande era e difícil de servir às brincadeiras da criança. Era um judia alemã, tinha a estrela de David gravada na nuca, debaixo da cabeleira castanho-clara. Baptizei-a cristãmente, por ignorância do seu credo. Nas minhas mãos ela esteve a salvo de desastres que não fossem o de cair das minhas mãos. O ser tão majestosa poupou-a ao destino das outras mais vulneráveis. Eu devia ter-lhe chamado Betsabé, se lhe soubesse a origem. Ainda hoje é linda, surpreendida de se ver comigo, mas não contrariada. Agora as bonecas são diferentes, cópias de gente pequena, como as que vi

na Holanda, extraordinárias de feições humanas e o carácter estampado nelas. Havia-as travessas, maldosas, espertas, doces e tristes. Gulosas, caprichosas, e até vingativas. Fiquei a olhar para elas e creio que olhavam para mim, naquela rua pedestre de Haia. Troquei-as pela *Dama da Pérola*, ou a «*Gioconda* do Norte», de Vermeer, que não fui ver, porque não quis, mais nada. A cultura de turismo sempre me pareceu ter um ligeiro tom torcionário.

Ali estava eu, a fazer regime tão brutal que me precipitou na anorexia. Bebia vinagre e quase não me sentava para comer. Continuava a ler tudo o que podia e, de repente, pus-me a escrever um livro. Escrevia numa letra tão intrincada que parecia destinar-se a não ser decifrada por mim nem por ninguém. Era uma espécie de arrogância arrependida.

Hoje vejo que escrevi dois livros e não um, como eu pensava. Foram *Ídolo de Barro* e *Água da Contradição*. Não sei qual deles meu pai mandou dactilografar, mas acho que havia gente espantosa nos seus ofícios, que trabalhava corajosamente, vencendo dificuldades com uma espécie de heroísmo. Foi assim a senhora que copiou o meu livro e da qual guardo uma admiração comovida.

Como rapariga que gostava de conhecer gente e divertir-se (o que me causava sempre uma crise de desilusão), eu estava mal situada. As famílias do Douro relacionavam-se por parentesco ou por fortunas, os lavradores medianos tinham filhas acanhadas que se instruía sobre a vida com as criadas e que tinham um orgulho de sangue até muito superior ao dos grandes ricos, muitas vezes proprietários de fresca data. Enquanto que no Minho havia uma fidalguia rural um pouco promíscua e feliz com a gente pobre, o Douro era arrogante, hierárquico e com alguns fumos da cidade, onde se passava o Inverno, senão o ano quase todo.

Eu tive como salvadora uma vizinha, a Maria Antónia. Gostava de ler e tinha uma cultura de longe mais versátil do que toda a gente que eu conhecia. Expressava-se com graça e elegância e parecia-

-me sofrer do que se chama a falta de ambiente. A família paterna descendia dos Almeida Carvalhais, um dos quais fora o segundo marido da temível bisavó Maximina; e eu reconhecia nela as mesmas qualidades desse Melchior a quem meu avô não deu ouvidos no sentido de se ilustrar, fazendo dos livros a primeira ferramenta de qualquer ofício.

A Maria Antónia foi a minha amiga absoluta, como se é *prima assoluta* num bailado clássico. Ela tinha relações privilegiadas com a condessa Andrée, que era já muito idosa e vivia numa espécie de desterro na casa da nora, uma Ferreirinha. A condessa Andrée, do ramo dos Beaumont, de Pau, vira o filho casar em Portugal com uma herdeira rica e nunca se adaptara nem à gente, nem ao lugar, nem aos costumes. Gostava mais dos seus gatos do que de todas as pessoas desse mundo vinhateiro, ignorante e pedante. Quando era nova escrevera romances e conhecera escritores célebres, como Henry Bataille, e outros. A Maria Antónia trazia-me peças de teatro francês e contava-me as conversas que tinha com a velha condessa Andrée e transmitia-me a sua solidão no fundo duma província hostil pelo que tinha de indiferença pelas artes.

Quando voltei para o Porto, aos dezanove anos, eu trazia uma informação intelectual bastante bizarra. Tinha lido o *Robinson Crusóé* como exercício de francês, o teatro de Labiche e o *Elogio da Loucura*. No Porto deparei com os romances americanos e fiz novas amizades. Duvidosa quanto à minha veia literária, procurei iniciar-me na pintura. O mestre, o pintor Cremez, mandava-me desenhar pés de gesso, o que me aborrecia. Ficava a olhar para o jardim do Salão Silva Porto, em Cedofeita, e distraía-me com pensamentos vagos e flutuantes. Eu queria ser excelente nalguma coisa, e na pintura havia pelo menos dois alunos que eram muito melhores do que eu. A mediocridade exasperava-me e os pés de gesso mais ainda. Pela primeira vez pensei que me devia casar, porque a solteiria me distraía de maiores realidades. Entretanto escrevia contos que eram publicados nos jornais. António Pinto Machado, que era uma figura de relevo no Porto e que se destacara em rapaz na Monar-

quia do Norte, escrevia muito bem. Leu um dos meus contos e disse que eu era brilhante. Disse isto ao meu pai, que conhecia dos degraus do casino, o que é diferente dos degraus dum trono, como ele talvez preferisse. Então eu pensei: «É isto, sou uma escritora.» Eu tinha tido um sonho em que tentava abrir um portão pesadíssimo e por detrás do portão estava um quadro que eu devia continuar a pintar. Era um sonho premonitório, eu julgava que teria de dedicar-me à pintura.

Juntei alguns contos que mostrei ao escritor Sousa Costa, amigo do primo José Bessa de que já falei, e ele mostrou-se meio irritado comigo porque eu era «uma iconoclasta». Fiquei surpreendida, achava a palavra muito dura. Ele tinha sido conselheiro do Supremo Tribunal e condenou-me com pena máxima. Isso não me afectou em nada; nessa altura eu já me achava a melhor do mundo e estava disposta a não pedir opinião a mais ninguém. Continuava a ler e a ir ao cinema e a reparar nos rapazes que não reparavam muito em mim porque eu era do género *sério* e pouco amigável. Meu irmão dizia aos amigos que eu era um génio, o que não ajudava nada. Nesse tempo trocava correspondência com desconhecidas só pelo gosto epistolar, e via que exercia um poder sobre elas que não era vulgar. Não as considerava amigas, mas sim o pretexto para eu escrever mais e mais. «Eu não preciso de amigos, preciso de quem me leia», dizia eu. Ficavam muito ofendidas, com razão, porque eu as ignorava e não lhes conferia qualidade humana. Eram fruto da minha experiência literária, à qual eu sacrificava tudo, como o conde de Frankenstein sacrificou à ciência.

Casei no espaço de um ano, depois de conhecer o meu futuro marido, um estudante de Direito, que vivia em Coimbra com a família. Meus pais e os pais dele ficaram perplexos. Eu tinha a meu favor o testamento do avô Lourenço que nunca me outorgara quaisquer direitos na prática, e isso teve um efeito moral em meus pais. Atingindo a maioridade podia reclamar uma soma que

seria o bastante para desequilibrar as finanças da família, já de si precárias. A famosa crise da lavoura prolongava-se indefinidamente, meu pai jogava, meu irmão gastava com o curso e os extraordinários, as mulheres da casa contentavam-se com ralhar muito e poupar nos alfinetes. Deram-me uma quantia generosa para o enxoval; tinha assegurada uma mesada que não me fazia perder a cabeça, mas não me condenava a uma vida mesquinha. Aos vinte anos a vida não é mesquinha, é, quando muito, ambiciosa. A ambição é a fortuna dos novos. Meu pai dizia: «A audácia ajuda a juventude.» Não ajuda, mas tem esse traço de candura que faz parecer tudo digno de ser concedido.

Coimbra pareceu-me pacata, arrastada, sem imaginação. Comecei a escrever um livro com grande dose de sinceridade, que é a paixão dos tímidos. Foi o *Mundo Fechado*. Mandeí o livro aos escritores mais famosos – Aquilino, Ferreira de Castro, Torga e Pascoaes. Responderam-me com entusiasmo, e a correspondência com Aquilino prolongou-se por alguns anos, sem que nunca nos tivéssemos encontrado. Torga foi mais prudente e evasivo, o que desencadeou a minha cólera. Tenho ou não tenho o mau-génio do avô Lourenço moderado pelo sentido pacificador do meu pai? Ferreira de Castro demonstrou ser um amigo em muitas situações, e quando ia para Entre-os-Rios convidava-nos para jantar com ele. Dava-me conselhos como se retirasse do meu caminho pedras que eu gostava de pisar. De facto, eu só o ouvia quando me doutrinava dizendo: «Cuidado com o êxito fácil.» Eu não queria o êxito fácil, as opiniões, os favores, o agasalho da tertúlia e o calor da insubordinação, dos injustiçados, dos paladinos da razão. Eu só queria escrever, entrar no coração das pessoas e beber-lhes o sangue, avançando sempre, criando enredos e fazendo saltar os personagens das páginas. Há pouca gente que perceba que escrever é uma espécie de danação em que às vezes se têm encontros com Deus. Eu perguntava: lutar com o Anjo, o que significa? Jacob lutou com o Anjo e ficou aleijado para sempre. Esse aleijão é a pessoa que tem uma

ideia sobre a sua existência na terra e lhe dá forma pelas palavras, rios de palavras, rios de incertezas profundas.

O tempo de Coimbra era do tipo recreativo, os jovens não pensavam senão em passar nos exames, e o cheiro da flor da tília, aos Arcos do Jardim, lembrava os exames. Era uma via angustiosa para os estudantes e não valia a pena sofrerem tanto com tudo aquilo.

A Coimbra dos doutores foi mais do que um episódio, foi um estágio para a vida. Os rostos não se apagaram ainda, era uma constelação brilhante de jovens que se distinguiram na carreira escolhida, de docentes universitários, de magistrados, de advogados, de políticos. Nós vivemos numa pequena casa da Rua dos Combatentes, que ficava dentro dum jardim. Seria a casa do *chauffeur*, se houvesse esse cargo na família dos senhorios. Herdámos com a casa um gato doutros licenciados que tinham partido. Escrevi o *Mundo Fechado* enquanto minha filha dormia; a cozinha era de telha-vã e havia um ratinho esperto ao qual eu punha comida na despensa todas as noites. E lá vinha o aroma das tílias anunciando os exames e o seu terror laureado de esperanças. O livro foi recebido com agrado, só o Torga me deu uma resposta convencional que não me caiu bem. Fiquei fura e qualifiquei-o entre os sete fariseus-hipócritas que estão registados no Talmude e dos quais faz a sátira.

A vida de Coimbra, a que dediquei depois *Os Super-Homens*, livro meio-falhado por ter mais pretensões do que razões, lembro-a agora quase como qualquer coisa de lento, uma viagem em carruagem como as que subiam a linha do Tua e que deixavam cair a lenha que a família do maquinista ia recolher. A pobreza tem os seus segredos de que só por engano se fazem poemas.

Meu marido ficava rico na *Queima*, a fazer as caricaturas para os livros dos quartanistas. Bebia-se champanhe e comia-se grão-de-bico. Eu ganhava os prémios dos jogos florais, fazia um vestido caro e mirava-me no espelho de três faces do bonito psiché que era do tempo de minha mãe, quando ela tinha no quarto um tape-te de pele de leão. A cabeça parecia-me viva, com olhos de vidro; e as garras estendiam-se com a preguiça da morte, pelo chão adiante.

Via-se da janela a tamareira com frutos amarelos, como pinhas de ouro. Eu lia um folhetim em espanhol, *El hijo del Simoun*, nunca me esqueci. Com cinco anos era já muito viajada, conhecia o Sahara palmo-a-palmo. Tinha uma pequena máquina de costura, de manivela, que cosia de verdade. Costumava usá-la como objecto de sedução quando os amigos do meu irmão vinham brincar com ele. Eu mostrava-me na maior das virtudes domésticas, séria e segura do efeito que causava. Sabia já que a virtude é o melhor caminho para o poder. Ela enleia, corrompe mais do que o crime, descobre nos homens profundas aptidões de sacrifício e de gratidão. Ao desejo, os homens preferem a gratidão de não serem incomodados mesmo com o melhor dos pretextos, que é o pecado puro e simples. Com as mulheres tentadoras os homens são solícitos; com as virtuosas são agradecidos, que é um sentimento que dura uma vida.

A pequena sereia de cinco anos está retratada na pintura de Vieira da Silva. É leve como uma pluma e, no entanto, é profunda como o mar. Por isso se move entre as águas verdes donde nasceu Vénus e tudo o mais.

Lembro-me de meu pai ir visitar meu irmão ao Colégio da Formiga e eu ficar no carro à espera dele. Era um *Ford de sport*, preto, de dois lugares e porta-bagagem com assento que servia para crianças e cachorros. Eu ficava séria e altiva no lugar da frente e vinham rodear o carro um bando de estudantes, todos debruçados para as linhas do carro e, dentro, tudo menos eu. Isto era humilhante, e o sorriso brando e cavalheiro de um dos rapazes animou a minha solidão de cinco anos. Lembro-me do nome dele, ouvi-o e não me esqueceu mais. Uma sereia de cinco anos, como se vê pelo quadro da Vieira da Silva, é uma coisa muito séria. Parece um camarão, um búzio, um bicho marinho que viaja na imensidão do oceano. É o destino dela mover-se na imensidão do oceano. O destino não é uma fatalidade, é um conflito breve com um sonho.

Minha mãe zangava-se muito. Entrava em casa quando vinha de fora, da quinta ou da sapataria, e a casa cobria-se de culpas, toda

a gente era incluída. Não sei que humor devastador a tomava. Ou sei, agora que sinto o mesmo, uma espécie de desabrido desgosto de retomar um reino que se herdou e não o queríamos. Estou a parecer-me com a minha mãe, finalmente encontramos-nos depois de tantos anos de frieza meio arrependida. Eu acusava-a de ser tão adaptada e falar por provérbios que permitem alguma segurança de opinião. Eu fazia os meus provérbios, era sempre irascível na maneira de proibir qualquer adulação. Cuidado em ter amor por mim! O amor parecia-me enfadonho quando oferecido; tinha que ser difícil e não carinhoso e leviano. «Amor de menino é como água em cestinho» – o mundo parecia-me povoado de crianças, dessas que morrem cedo e têm no peito um vazio.

Um dia vestiram-me de anjo para figurar num «quadro vivo», *A Escada de Jacob*. E a minha desilusão foi a de ter de vestir um colete onde estavam cosidas as asas. Foi a de aceitar a realidade do fingimento, a de não haver anjos mas só impostores. Mas hoje sinto um orgulho em ter sido um dos anjos na escada de Jacob, perto duma realidade forte e generosa como um amor sem sentimentos humanos.

Bem, voltando ao Porto: era o Porto das Belas-Artes e do Cine-Club, aquele sentimento de seita e o caloroso passo dos iniciados, como eu, que escrevia *A Sibila*. *A Sibila* abriu-me as portas das letras, com a sua família sacerdotal, com os seus provincianos de carreira, os amigos da fraternidade e os amigos da onça. Fiz amigos e inimigos, comecei a viajar, a interpretar os sinais de esquerda e os valores simbólicos de direita. D'Annunzio estava mal enterrado, Beckett aparecia na forma inovadora duma estrela fixa, eu continuava a comportar-me como filha de Deus, isto é, perfeitamente anormal segundo os critérios humanos. Tinha a inibição do mal, que é própria do narcisismo profundo. A quem interessar, esse tipo de inibição reconhece-se em Leonardo da Vinci.

A nossa vida no Porto decorreu sem sobressaltos; meu marido tinha escritório de advogado e comprou o primeiro automóvel, um

Volkswagen, que ia servir às viagens que iam ser uma constante na minha carreira. Em 1959 fui convidada por Pierre Emmanuel a participar num congresso em Aix-en-Provence que reunia figuras muito ilustres da literatura europeia. Lá fiz amigos que nunca tratei muito bem; quero dizer que não alimentei a amizade deles, talvez porque as pessoas são mortais e o que morre está fechado na sua carapaça de indignação e de terror. Conheci Cela, que admirei pelo talento e um desprezo feito de inconfessada desilusão. Era um homem generoso e exibicionista. A sua insegurança era evidente. Eu gosto dos textos dele, à Quevedo. Eu sabia quem era Quevedo desde menina pequena, e as anedotas que corriam pela boca do povo. A ama Lourença contava-as, pelo que se vê que a gente iletrada o adoptara como uma espécie de patrono. Isso é a glória, o resto é sucesso. Quando um pedinte na rua me cumprimenta, eu sinto-me o Quevedo ao ouvi-lo: «Como está Dona Agustina?»

Vivíamos então em Esposende, numa pequena casa de praia que comprámos à senhoria, uma senhora não sei se dinamarquesa. Foram quatro anos em que escrevi muito e conheci dias bons com o mundo e comigo mesma. Minha filha estava no colégio interna, meu marido advogava no Porto e saía de tarde, voltando à noite, ficando eu e os gatos numa espécie de encantamento, a ouvir o suspiro do mar. Vinha à porta o carrinho da fruta, e a mulher que vendia dizia: «Não sei como se dá nesta pasmaceira.» Para ela toda a boa fruta era do Douro, inclusive as bananas. Não passava ninguém na rua, os tamarindos vergavam com o vento. A peixeira Craveilha ensinou-me a tirar a pele às azevias.

Um dia a Vieira da Silva e o Arpad vieram visitar-me, já estava o *Boneco* em casa e fomos todos pelo Minho fora a reconhecer as terras da Lusitânia. Arpad só dizia «bicharada, bicharada», porque entre peões e cães e carroças, tudo eram perigos da estrada. Eu estava de luto pelo meu pai, a Maria Helena também vestia de preto, creio que a mãe dela tinha morrido também. O Arpad chamava-nos as mulheres da *Casa de Bernarda Alba*. Era um homem

polido, não gosto dos homens que são polidos, têm uns arrepios de sinceridade, às vezes, que nos gelam. Amavam-se muito e via-se que isso era uma forma de protecção. De resto, o amor não é outra coisa. Ou será?

Sem ser de índole marítima, porque o mar não me parece um elemento leal como a terra, em Esposende conheci dias duma perfeita harmonia comigo mesma. As pessoas foram boas para mim, com essa bondade que não se interpreta, só se regista. Nada acontecia e tudo era importante. O Fausto José, um poeta amigo do Régio, entrava em nossa casa e ficava calado, como se visse fantasmas; tinha um ar de revelações, duma invisível felicidade. Comecei a entender faculdades estranhas nas pessoas, e isso encantava-me. O António Pedro, que não era íntimo nem nada, chegou uma vez e sentou-se no sofá, ao pé do lume e só disse isto: «Eu não sabia o que era a paixão...» Foi-se embora e morreu pouco depois. Eu aprendi que se pode andar uma vida inteira sem saber nada do que somos, do que é o obscuro tempo da verdade humana.

Nessa altura já me chamavam *a eremita de Esposende*. Estava a tornar-me típica e, além disso, a ficar bronzeada. Detesto apanhar sol, partilho aquele preconceito que a própria Sulamita confessou, que era o ser morena. Não se é Bessa Leite sem motivo.

Fomos à Grécia no tempo em que Sartre chamaria a isso um *escutismo*. Começavam a construir-se as auto-estradas, mas em condições que na Grécia eram primitivas. Gostei do Epidauro, das jóias de ouro, de Nauplion, das lagostas de Paleokastritza. Do Hermes que está em Olímpia e que me disseram que tem um joelho refeito; uma operação bem sucedida porque parece igual ao outro. Se há pessoas assim, não sei se não se devem clonar. Deixar tudo ao acaso é até uma falta de gosto e de responsabilidade. Um voto para Sócrates que, sendo feio, merece ser multiplicado ao infinito e amado em todas as suas cópias.

Voltamos ao Porto. O que me impede de mudar mais de casa são os gatos. Ficam profundamente deprimidos; acusam-nos, fogem

de casa, até penso que se comportam com uma intenção suicida. Agora é um andar sobre Miragaia com uma janela panorâmica donde se descortinam os telhados extraordinários do bairro inteiro. A casa de banho, em mármore de Carrara, é um refúgio contra o calor. Parece um túmulo romano para patrícios. A cidade parece-me doente, saio muitas vezes ao dia com o meu cão, que se adapta bem mas ganha um feitio mais velhaco. Corre no jardim da Cordoaria, desaparece, os jardineiros gostam de me inquietar e dizem que ele não vai voltar. Têm um génio vingativo, não sei porquê. O cão volta sempre, tem um sorriso de orelha a orelha. Quando vamos a Esposende, ele enlouquece com o cheiro da praia e das gaivotas mortas. Reconhece os sítios, as vacas também o reconhecem e param nas dunas a bater com a cauda no flanco, em cumprimento. «Então por cá, seu barbudo?» E afastam-se, também elas a rir, contentes do encontro.

A casa é vendida, vamos para a Foz, minha filha está em Lisboa nas Belas-Artes. A casa tem lavadouros na cave como se fosse uma morgue. É uma ideia que tenho. Não me admirava de ver cadáveres a boiar. Estou desavinda comigo mesma, apetece-me desempenhar o papel duma senhora que faz costura para os pobres, leio os sermões de Santo António, ou seja, os rascunhos das suas lições. E, de repente, quero escrever uma biografia do Santo e decidimos fazer uma viagem na Itália, uma espécie de romagem aos lugares onde ele viveu. É alguém pouco conhecido como intelectual e doutor, mas deixou um robusto nome polémico. O tirano Ezzelino foi o seu inimigo mais poderoso, e ocorre-me se o não teria mandado matar. Só assim se explica o levantamento do povo e que os frades o sepultassem precipitadamente. E também o facto de ser canonizado tão rápido, decerto para apaziguar os ânimos. É bem possível. Era um homem de cólera, que a grande santidade é colérica.

A *Sibila* começa a ser proclamada a mulher digna de confiança para representar o feminino. Não é. Eu acho que ela deitou certas luzes sobre o mistério e o treino do miraculoso, mas é verdade que ninguém a conheceu como eu.

Deu-se o 25 de Abril estando eu na cama de manhã, e tudo me pareceu o resultado dos fenómenos ocultos que são as pessoas. De repente comete-se uma acção que deriva dum largo período de discussão e de dúvida. Não se sabe se é justa ou injusta, nessas circunstâncias isso importa pouco. A maior parte da nossa vida passa-se na dúvida, no estado de contradição e fora de compromissos irreversíveis. Só assim podemos introduzir o princípio da comunicação. Mas um dia a dúvida é posta de lado e impõe-se um procedimento que pode ser dementado mas que resolve as situações de mais obscura solução.

A casa do Gólgota foi comprada com a venda da casa de praia, como esta tinha sido adquirida com a venda duma pequena propriedade, herança de minhas tias do Paço. Sempre soube multiplicar o património e acertar num objectivo lucrativo. Teria sido facilmente muito rica se pusesse o espírito financeiro acima do espírito das letras. Dizia Vitorino Nemésio que admirava a minha capacidade de fazer dum desaire um sucesso. É verdade; mas isso faz parte duma sensibilidade de jogador. Não tem que ver com o prazer do jogo, mas com a sua mais profunda combinação na roda das probabilidades. O que é a sorte? – pergunto-me. É sobretudo uma equação vertiginosa que se efectua entre os dados de que dispomos e os obstáculos que lhes são impostos.

Esposende ficou para trás e deixou de ser um lugar confidencial e poético. Um lugar de riscos, como são todos em que a alma aceita os seus fenómenos psíquicos.

Foi em Esposende que eu li a obra de Freud como se fosse um romance devastador. «Depois disto nada fica intacto», pensei. Comecei então as minhas leituras germânicas, os românticos até Jean-Paul, e Musil, e Broch. De repente encontrei-me adulta, e aquele lado infantil que se destina ao fracasso e que advém das suas primeiras buscas deixou de ter sentido. O carácter inacabado dos meus livros, que eu não me acanho de demonstrar, é um estig-

ma infantil. O estigma que já estava nos desenhos escolares e depois noutros mais elaborados na Academia Silva Porto. Eu gostava do esfumado que dava ao traço uma indefinição e obrigava a imaginação a completá-lo.

Eu sabia que era admirada pelo que chamavam «um gosto artístico seguro», o escrever bem dentro da actividade clássica da escrita. Enquanto estive em Coimbra eu concorria a jogos florais e ganhava sempre o primeiro prémio. Escrevia para ser premiada, ao gosto do júri. Um dia que escrevi a meu gosto não fui sequer classificada.

Não quero dizer que não tenha prazer em construir bem um texto, mas o que melhor eu gosto de fazer é uma história quase seca e sugerida por uma série de palpites e não pelo conhecimento da pessoa. Como *Um Inverno Frio*, um dos melhores contos que escrevi até hoje. Se tudo o resto se perdesse, como nas cheias do Capibaribe, no Recife, bastava que esse conto ficasse para me qualificar.

Isto leva-me a falar do Brasil. Meu pai já tinha morrido quando eu fui pela primeira vez ao Brasil. Tudo indicava que não tinha deixado lá só amigos. Ele tivera um *habeas corpus* da polícia do Rio, era uma espécie de elemento conciliador entre bandos. Acredito que fosse um homem temível e cujo estado recreativo é parecer o contrário. Imediatamente amei o Brasil, tanto na sua perigosidade, como na sua cultura que não é agressiva como a europeia. É um facto a sua capacidade de reacção ao mundo exterior ser mais impulsiva, mas há também uma capacidade maior de reagir a si próprio e de transformar a agressão no seu contrário.

Nada se compara à beleza do Brasil, a sua associação de flutuações da alma vegetal e animal. Andei por muitos lugares, mas nada se comparou para mim às palmeiras imperiais com o ligeiro movimento das copas altíssimas. A Grécia não me deixou uma impressão tão gloriosa. Não gosto de ruínas e das actividades que elas promovem, as buscas dos arqueólogos e os guias turísticos. Gosto do que está vivo e sente. Talvez isto explique porque eu era uma

grande destruidora de brinquedos e as bonecas se partiam nas minhas mãos sem que eu pudesse explicar como. Minha mãe dizia: «És um espírito de destruição.» As mães sabem de nós coisas que se evaporam com os sentimentos que têm por nós.

A família foi-se reduzindo, só meu pai casou entre os irmãos. Só minha mãe teve filhos, sem muita convicção no seu papel maternal. Dizia sempre que os seus deveres a impediam de sair de casa, mas a verdade é que ela gostava da casa, como eu gosto, e da cidade, e do mundo que considero a minha casa. O Torga escreveu que lhe bastava uma escova de dentes para se sentir em casa. Eu viajo com um saco de água quente, gosto de água quente como os leões. A água quente foi a primeira noção de conforto do mundo pré-histórico, a primeira aproximação à civilização. Depois do calor da água, antes do fogo, tudo foi possível; instalou-se, suspenso sobre a terra, o sentimento do seu confortável conhecimento.

OS AMIGOS

Uma pequena agenda de bolso, de 1959, traz-me os nomes e as moradas dos amigos perdidos: Ferreira de Castro e Aquilino, primeiros conselheiros. Elémire Zolla, filósofo de muito claro espírito. Alain Bosquet, Georg Lind, Wilcock, Eugénio, com a morada na Rua Coelho Neto ainda. Camilo José Cela, em Palma de Mallorca, Julián Marías, em Vallehermoso, Pedro Laín Entralgo, em José Ortega, Madrid; Aranguren, em Velázquez, 25. Escrevia-se mais do que se telefonava, e por isso ficava um rasto de estrela cadente por cima dos continentes e dos países. A correspondência mais constante foi com Ferreira de Castro, Aquilino, Areal, Wilcock, Zolla, Régio, Vieira da Silva. «Conhecer o Portugal Novo através de si dá mais esperança do que ouvindo as almas negras e sombrias que de lá vêm.» Escrevia-me isto em 76 e eu releio as palavras dela como não as li nesse tempo: com uma emoção guardada como um doce que se saboreia no silêncio, depois de partirem os convidados. Os amigos são convidados celestes. A porta abre-se sozinha para os deixar entrar e eles dizem «aqui estou» como um peregrino com a certeza de ter achado um abrigo. Fui mais um abrigo do que um confidente. Para o António Areal, para Juan Rudolf Wilcock, para o muito querido Eduardo de Oliveira que vivia na Rua da Pena, na elegância britânica dum Porto que não é de roteiro nem de História. Um Porto de memórias que os novos urbanistas fazem desaparecer com o paganismo das religiões do sucesso.

Também foram amigos os princípios da Comunidade Europeia dos Escritores, onde representei em 1961-62 um Portugal ain-

da em busca da conciliação dos homens e longe duma civilização literária.

Antes de mim, convidaram Torga para representar Portugal na Comunidade Europeia de Escritores. Como não aceitou, lembraram-se de mim. E aí começou uma corrida pelas capitais da Europa onde se realizavam as reuniões do Conselho Director. A Comunidade propunha-se ser uma CE para escritores onde se debatiam os seus problemas e julgavam os seus agravos. Mas com a morte do fundador, G.B. Angioletti, caiu na área da política, liderada pelo extraordinário Alexei Surkov, o presidente da União dos Escritores Soviéticos. Era um poeta e homem de partido. No princípio demo-nos bem, depois tudo se deteriorou e armou-se uma intriga que seria prodigiosa se eu não sofresse dessa tal inibição da hostilidade. Posso ser cruel, mas não hostil. Isso levantava muitas questões difíceis de resolver.

Conheci pessoas de poder, de compaixão e de ambições comprometidas. Pessoas como o polaco Jaroslaw Iwaszkiewicz, um nobre polaco que, através das ondas da política em que mergulhou, conservou a fina independência do génio. Pessoas como André Chamson, um *montagnard* sequestrado pela Revolução Francesa. Alexei Surkov, poeta condenado a admirar melhores homens de letras, como Pasternak, a quem não perdoaria a fatalidade de ser célebre. Albe Joostens, um belga, escritor para os jovens, para quem era uma espécie de D'Artagnan de cabeceira. Piovene, Ana Akhmátova, John Lehmann, Laxness, todos esses eram a prova das dificuldades que apresentam as tradições, os costumes, a língua e o temperamento para que se promova uma prodigiosa maneira de ser igual: a maneira afectiva, responsável e preocupada da paz na amizade e as precauções oportunas que a fazem possível.

Também conheci Constantin Paoustovski, que está apresentado em francês pela Gallimard na colecção, dirigida por Aragon, «Littératures Soviétiques». É um exemplo da grande alma das letras de que poucos se apercebem e raros lêem. Era um homem exemplar, desses que o povo ama e o poder respeita. Tem uma frase

comovente que exprime a grandeza da sua pena: «Não falemos do amor, porque até agora não sabemos ao certo o que seja.» A língua russa é para ele uma língua de diamantes, como o português é para mim. Feita de pérolas finas, de incrustações de marfim, de relevos poéticos. «Cada som é um presente», diz Gogol. Só nos russos se encontra esta amorosa dedicação pela língua, o que explica ainda o entusiasmo de Gogol: «A palavra é às vezes mais preciosa do que o objecto designado.» Bastam as reflexões de Paoustovski sobre a língua para fazer dele um amigo.

Sempre fui leitora dos russos e, quando concorri ao prémio da editora Guimarães com *A Sibila* fi-lo com o pseudónimo de Stravoguine. Não tenho entre os escritores russos gente que não convidasse para minha casa, para ouvir e contar histórias, para confiar sentimentos que se balançam no coração, com um ligeiro gemido de portas e soalhos, como violões de cordas secas e retesadas em excesso. A imagem é de Paoustovski, é assim que ele escuta os gemidos da madeira duma velha farmácia, «com frascos de faiança nas prateleiras», como as nossas farmácias antigas.

A declaração de princípios, apresentada no primeiro congresso internacional dos escritores, em Nápoles, 1958, podia ser escrita e assinada hoje. A morte do que foi o primeiro presidente da COMES, Comunidade Europeia dos Escritores, G.B. Angioletti, deixou um vazio que a política se apressou a preencher. Por pouco tempo. Intrigas suburbanas, paixões difusas, objectivos inúteis, interromperam o caminho da Comunidade. Hoje parece menos utópico o seu manifesto, a imagem retórica do seu organismo aproxima-se dum programa de solidariedade cada vez mais necessitado duma coordenação. Para mim foi um tempo em que a Europa do espírito ganhou algum sentido no que se refere à «razão dos outros». Tive decepções, não tão grandes como para aqueles que não foram criados para elas. Não são os crentes que se salvam; são os que esperam em plano de igualdade com o que é eterno – a vida humana e a realidade dos seus direitos.

Devo acrescentar aqui alguma coisa que sempre me pesou: acima dos amigos eu tive o pensamento; além da gratidão, eu pus o amor *forte e generoso* pela vida. Nesta mesma agenda em que tantos nomes saíram à luz para me trazer tantas frutuosas recordações, encontro, por estranho que pareça, uma frase de Bernadette Soubirous: «O amor forte e generoso não está nos sentimentos. Todavia, o humano não está ausente das suas compaixões nem das suas simpatias.» Não sei se Bernadette teria chegado a esta pura ideia ou a Virgem a teria ditado nas suas horas de maior conhecimento intelectual. Não sei porque escrevi esta frase num livrinho em que só tenho moradas, como a de Ilse Losa, vivia ela ainda no Campo Alegre onde passávamos horas de conversa. Foi uma companhia de raro proveito para mim, porque a Ilse era muito culta, tinha um humor tímido que é marca de grande respeito pelos outros. Eu vivia na Carvalhosa, onde escrevi *A Sibila* e *Os Incuráveis*. Depois fui para Esposende, onde a Ilse tinha casa de praia e onde nos encontrávamos e um cão baixote a quem a empregada chamava «minhas sete-quintas». Um nome honroso e que vale um título de fidalguia. O amor forte e frutuoso que era o do meu encontro com a Ilse não estava nos sentimentos; daí julgarem que sou cruel muitas vezes. Perversa, dizem estes e aqueles. A verdadeira face do que é humano nunca ninguém a viu; toma muitos traços, muitas parecenças, muitas fantasias. A verdadeira fidelidade é uma procura constante da verdade, o que traz desconforto para os sentimentos.

Esta é a minha história que a memória abreviou, quando não é que a modéstia a repreende. Somos sempre muito faladores com o insignificante e muito calados com o que nos assusta. Assustamos o íntimo das nossas vidas, por passarmos todas as portas sem pensar que elas se fecham para sempre atrás de nós. Não podemos voltar para compor o inacabado ou as palavras soltas ou a que faltou a experiência.

A criança de seis anos que eu era, que andava sozinha pela avenida onde cresciam as grandes tílias e só os pássaros se ouviam como guardas dos meus passos, teve o primeiro pressentimento do extraordinário. Disse para mim: «Estou num lugar, numa hora, numa vida que não me são desconhecidos.» É esse entendimento de que a nossa vida é repetição e pode ser corrigida a ponto de produzir uma forma de profecia, aquilo que nos abençoa e protege e alegra. Fazendo com que o sofrimento tenha sentido no mundo.

FRAGMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS

A MINHA BIOGRAFIA

Eu nasci num domingo, às seis horas da tarde. O Adão, que era nesse tempo um criado de recados e devia ter dezoito anos, disse-me que foi buscar umas galinhas ao Passo e chegou lá todo molhado. Chovia a cântaros, aquela chuva do fim do Verão, ríspida e quase alegre. O Passo, que era a morada da Sibila, minha tia Amélia, ficava a quatro ou cinco quilómetros de Vila-Meã, onde eu nasci, numa casa grande, de cantaria, rente à estrada. Ainda lá está, com portas de armazém e um portão de ferro pintado de prata. Meu pai comprou-a depois de vir do Brasil e com tensões de se converter à província, que abominava. Gostava do grande mundo e da vida larga e aventureira. Como meu avô José, e eu própria. Escrever romances é uma maneira sedentária de multiplicar a nossa história.

Não me lembro de ter vivido em Vila-Meã. Lembro-me do Douro, do meu outro avô, Lourenço, já acamado para morrer naquela cama preta com argolas douradas onde depois nasceu a minha filha. A avó Agustina estava sentada na sala grande, e costurava. Tomava chocolate e lia o jornal com uma lentidão de não sei que renúncia poderosa. Meu tio Lourenço era dostoevskiano de todo. Era filho do primeiro casamento do meu avô e era epilético, louco, e muito instruído. Tinha olhos claros e barba muito negra. Eu olhava para ele com atenção, sem espanto; a velha ama, que criou todos os filhos de minha avó, gritava para que ele saísse da cozinha: «*vete, vete*» – dizia ela. Ele recuava duma maneira humilde e astuta. Era o meu primeiro encontro com o absurdo das relações, construídas em amor desesperado e vão. Eu não tinha

mais de três anos e gostava de livros. Havia o Suplemento do *Blanco y Negro* que andava comigo, para eu ver as figuras. Aos quatro anos já lia. Nesse tempo vivi com meus pais e meu irmão numa moradia em Braz-Oleiro, que tinha um parque exótico e um lago com uma ilha no meio. Vinha dar-nos lição uma senhora chamada D. Inês que tinha um sinal acima do lábio superior e óculos com aros de ouro. Eu estimava-a muito e quis ser professora, em honra dela. Também quis ser bailarina em honra das *troupes* eslavas que passavam pelo tablado do Passos-Manuel, um cinema-café-concerto no estilo já então em vias de desaparecimento e que era propriedade de meu pai. Eu passava lá uma santa vida, muito só, a ver filmes e a ouvir cantar as cupletistas. Em casa lia *As Mil e Uma Noites*, desprezando a literatura infantil que tinham o decoro de me propor. Preferia as aventuras de Texas Jack e de Sherlock Holmes, ou os folhetins do *Jornal de Notícias*, que eram todos trepidantes e em que se jurava «pelas tripas do Papa».

Minha mãe fazia em casa o Mês de Maria e floria um altazinho com uma Nossa Senhora de gesso branco que não sei o que foi feito dela. Quando chegava ao momento de ler «o exemplo», eu prestava uma atenção mais viva. Não gostava de histórias morais mas agradava-me a sugestão doutras terras e gente diferente – o pequeno*

* O manuscrito interrompe-se neste ponto.

COLÓQUIO

Uma vida tem muito pouco significado se não se distribuiu na memória de maneira desigual. Vejo agora que os meus livros não tiveram todos a mesma inspiração. Alguns há que correspondem apenas a um exercício destinado a manter o eixo da imaginação em constante afinação. Tudo o que um autor tem para dizer de certo caberia em poucas páginas. Mas é preciso que a sua energia emocional se repercuta através da presença que encarna até nas suas obras menores.

O meu primeiro livro que toca uma realidade essencial foi *A Sibila*. Foi escrito para participar num concurso e teve como desafio essa problemática, séria e fútil ao mesmo tempo, da competição. Os meus melhores livros nascem dum recrutamento concreto da sociedade que os solicita, duma troca, por dizer assim. *A Sibila* foi produzida num transe agudo de memória. Todo esse mundo até aí baço e repartido pela pequena história doméstica tomou ascendente sobre a própria memória. Os personagens, que eram só pitorescos ou afectuosos, ganharam um recorte transcendente, que os libertava da simples função humana.

Sou uma pessoa concreta, como são aquelas de raiz ainda fixada à terra, que conheceram na infância essa aliança poderosa com a terra. O que me desgosta na maior parte da literatura de preconceito rural é o dramatismo de que a querem impregnar. O drama é uma reflexão e não o acontecimento. Quem sofre, não explica nem se move historicamente. À medida que nos afastamos das coisas simples, transformamos essas coisas em mitos, como seja a convivência sem classes baseada na confiança e no eixo comum duma

cultura, convivência muito mais cheia de afinidades do que a sociedade sem classes, que é a platitudo do investimento humano.

Estou perante um auditório constituído na maioria por jovens; o que me obriga a lançar um olhar para o meu tempo de juventude e procurar lá as afinidades e a linguagem adequada. Tornamo-nos fracos à medida que a sensibilidade se apura e que as ideias nos vão parecendo uma presunção fastidiosa. A juventude tem com ela a vocação da obediência, e a própria rebeldia, nela, é uma dinâmica da obediência. Depois, perde-se um pouco essa graça, à medida que a morte nos rodeia e nos solicita. Fica só a solidão irreparável face ao mundo, e desenvolvem-se relações com outros territórios, o do espírito especialmente. Por isso as grandes obras são produto da solidão e da maturidade que a habita. Há porém jovens em quem o tempo produz o mínimo de efeito; existem em qualquer idade com uma espécie de invulnerabilidade das suas próprias células. Vivem submersos num rio de corrente igual, raramente tocados pelo medo ou pela esperança, que são as forças transformadoras mais profundas. Mas direis: – Se um jovem não é agitado pelo medo ou pela esperança, como pode participar e produzir uma obra? É que uma obra pode medir-se pelo medo e pela esperança que a activaram, mas só enquanto à lógica e não à essência.

Vivi a maior parte do tempo no Porto. A minha família, de um lado, classificar-se-ia como proveniente de uma aristocracia provinciana em que o gosto e melancolia genuína, que é a melancolia do bem-estar, deram a curiosidade pelos livros. Do outro lado, o amarantino, era gente de lavoura, com períodos de ruína e de abastança e a consequente filosofia. Eu acho que essa instabilidade de agrários endividados e conhecedores dos prazeres poupados e dos vícios moderados deu origem a uma gente espirituosa e nada simples. O provinciano não é simples, é só tratado como tal. Ele próprio solicita esse tratamento, porque na lhaneza se encobre o prestígio íntimo das ambições. Vede só quantos governantes são provincianos, que é o contrário de serem aldeões. A província, com as suas obrigações de trato e o seu protocolo de vizinhança,

afina a fantasia e reforça o conhecimento do amigo e do inimigo. Em geral são pessoas pacientes, que vivem sem muita exorbitância, não como se a monotonia as satisfizesse, mas como se se preparassem para aplicar o seu capital memoriado.

O que mais impressionou a minha infância foram as estantes cheias de livros (duas, não mais) que havia em casa de meus avós. Alguns eram obras latinas ou francesas. A *Guerra das Gálias* e o *Elogio da Loucura*. Mas os que sobretudo me conduziram a um estado de ponderação sonhadora foram as obras pícaras da literatura castelhana, como o *Lazarillo* ou a parte primeira do *Quixote*, que me fascinava; não o seu lado crítico mas o humano, como o episódio em que o fidalgo manchego cose as meias rotas, à noite, no castelo onde é hóspede ludibriado. E as cartas de Teresa Pança, achava-as de uma grandeza singular, pois em arte copia-se o sublime, mas o vulgar é difícil de imitar.

Aprendi a ler aos quatro anos e não me lembro de ter soletrado. A minha professora, D. Inês, pequenina, com um sinal no rosto que parecia feito de tafetá preto, dizia que era capaz de fazer de mim «alguma coisa». Mas o meu primeiro vocabulário foi espanhol. Em casa de meus avós toda a gente falava espanhol, e os contos que eu ouvia tratavam das guerras carlistas e não da Maria da Fonte. Eram histórias sanguinárias em que sempre havia um lendário ran-cor contra a Guardia Civil. Tratavam sobretudo de emboscadas, cercos de lobos, mortas que se levantam no caixão à meia-noite porque um ladrão lhes puxou do dedo médio um anel; e o dedo médio tinha comunicação com o coração. Essa atmosfera de ar-rojo e de expiação enchia os meus dias de infância. Brincava sozinha, rodeando-me de personagens imaginários a quem destinava um papel e de quem ouvia os discursos. Às vezes, as altas árvores exóticas do jardim eram pessoas com nome próprio e um caráter formado. Uma era d'Artagnan, outra Richelieu. E também mulheres triunfais, não pelas leis do nascimento mas pelas razões da meritocracia. Aos seis anos, tudo isto era uma realidade sem jaça, quase como trazer o sol na mão dentro do pão de trigo. Só

mais tarde, já com doze anos e mais, entrei na conjuntura das lendas campesinas, estranhamente parecidas às de Gogol, com feitiças e suas paródias. Conheci bem a saga dos insensatos, dos burlões, dos pequenos finórios que se arranjam nas tabernas para comer a ceia e não pagar, e nas feiras para vender o cavalo manhoso. O José do Telhado, mestre de jogo do pau antes de ser quadri-lheiro, andou pelas eiras da minha casa, ajustando a chaqueta enquanto pedia cruzados novos emprestados; nas dobras da faixa trazia a navalha. Mas não se falava dele, ou pouco. Não é honra conhecer ladrões nem mesmo para lhes comemorar as proezas. A propriedade tem um peso tão sagrado, que ameaçá-la é correr o risco de ficar detido entre a desunião dos vivos, mais pesada que a justiça.

Quando tive idade para ler romances já me pareciam ensosso manjar, e pulei essa época de certezas fantásticas de castelãs e lordes entre o sadismo e o capricho de casta. Abri uma exceção para Emily Brontë, um génio sem maneiras como a própria Cathy de *O Monte dos Vendavais*.

Eu tinha quinze anos quando escrevi o meu primeiro livro, cujo manuscrito tenho ainda. Não sei já que história contava, mas em parte a acção decorria na Argentina. Eu tinha um tio de alto mérito, vagabundo intelectual, que me falava da Argentina; e primos que para lá emigraram, todos da região zamorana, inclinados a professar e em buscar fortuna longe. Nos meus livros, não raro eu retomava essa tendência de família, como no que escrevi agora. Ao escrever o *Santo António* foi um pouco como se juntasse as duas vocações – do exílio e da entrada numa ordem. Não por chamada mística, por simples atitude de concentração. Não há espírito místico nisto, mas talvez uma disciplina, um desejo de equilíbrio e de reunir forças porventura em risco. É nessa medida que eu digo que escrever o *Santo António*, com o conseqüente espaço a ser percorrido na Idade Média, foi para mim uma terapêutica. Mas tudo é uma terapêutica, até mesmo a morte.

O que mais me interessou sempre, no panorama a ser inserido na novelística, foram as mulheres, desde as adolescentes até às

velhas opiniosas e, de certa maneira, livres como nada mais neste mundo. As mulheres são inesgotáveis porque não acreditam que se repetem. Elas acham que se movem dentro dum círculo de ilegalidade, e na ilegalidade não há repetição.

Passados anos de trabalho constante, surpreende-me sempre que ele seja reconhecido e apreciado. Os artistas conjugam a mais densa obstinação com a dúvida. São capazes de se comportarem com extremos de orgulho pela obra que produzem no momento e completa desilusão quando ela está realizada. Escrever muito, ou pintar, ou compor música, tem como significado manter o período de ilusão num ponto propício à criação, impedindo a insinuação da dúvida. A minha educação foi excelente porque me deixou a liberdade de a harmonizar com o carácter e o sentimento. Não me moldou demasiado, não tive mestres demasiado convencidos do meu talento, e isso fez com que eu me desenvolvesse sem o compromisso da minha qualidade. Acho que actualmente o grande campo da decepção dos adultos faz com que eles se voltem para a criança com excessiva atenção. O facto de se ter produzido um tipo esteticamente ideal, com prejuízo do tipo ético, faz com que as pessoas desistam cedo desse padrão inatingível. No mais benigno dos casos dedicam-se a depor nos filhos esperanças insensatas e dominadoras, que os deprimem num futuro mais ou menos longo.

O melhor da infância é o clima de protecção que vem dos adultos, sem intervirmos na sua aura profissional, na sua importância cívica, sem tomarmos consciência da sua natureza falível. Eu fui uma criança feliz porque não estive muito ligada ao que amava, sem prejuízo desse amor. Fui feliz porque os privilégios que usufruí eram consequência dum todo de que participava o núcleo familiar e a comunidade que eu frequentava. Não eram portanto mimos, mas sim partilha. Dum modo geral não tinha facilidades que ultrapassassem o merecimento, e mesmo este era constantemente posto em causa por outro merecimento maior. Era uma aluna média, que tomava o estudo como o inconveniente

duma classe burguesa e pouco estimulante, sem imaginação mas também sem surpresas violentas. Tive a sorte de viver todo o período da razão até à adolescência numa vila marítima, onde tudo era familiar, quase austero, mas pleno de liberdade. Não era só a família que nos protegia, mas toda a comunidade nos acompanhava sem olhares proféticos, apenas atentos. Nesse tempo, eu lia muito, via cinema e não tinha amigas íntimas. De facto, não era íntima de nada, senão dum obscuro movimento de avanço, que fizesse atingir a maturidade das próprias aspirações. Escrevia bem, mas não descobria nisso qualquer utilidade. Desejaria antes nadar com perfeição e impressionar os outros com qualquer talento premiado pelo aplauso imediato. A primeira revelação que tive da minha vocação literária foi através de um filme de que só li o argumento e nunca cheguei a ver. Tratava de uma jovem que se torna actriz famosa à medida que a sua insignificância vai produzindo uma espécie de camada protectora do talento. Por equívoco, porque não confiam nela, lançam-na no terreno onde as oportunidades a esperam, e de que ela usa com perfeito à-vontade. Difícil foi, de certo modo, burlar a barreira da mediocridade que a protegia enquanto ela não se destacasse. Senti que eu própria tinha que viver assim, fazendo da glória uma fatalidade e não uma exigência.

Já vai longa esta história. Às vezes lembro-me das idades passadas e sinto um certo frio no coração; porque elas estavam carregadas de escrúpulo para com o meu destino e era desconfortável aquilo de ser convocado mas não escolhido. A Bíblia foi a minha primeira grande opção romanesca, com as suas narrativas fantásticas e capazes de ligar o céu com a terra, dizia-me que há mulheres loucas e mulheres prudentes; todas levam uma lâmpada acesa e batem a uma porta. Mas para algumas a lâmpada apaga-se e a porta não se abre. Esta imagem impressionou-me profundamente. E ainda hoje sinto um tremor quando nela penso.

PARA VILA-MEÃ

Felizes os que chegam a uma idade longa com as recordações dos primeiros anos. Porque nada melhor que a companhia dessas memórias douradas para nos fazer acreditar na imortalidade. Somos imortais pelo que recordamos e não pelo que vivemos.

Esta terra onde nasci é o melhor caminho para as minhas recordações. Daqui se parte para o lugar do Barral onde teve casa a minha família materna com cinco filhas, sendo uma delas Justina, minha avó de que bastante falei nos meus livros. Do lugar do Barral à casa do Paço era mau caminho, entre campos de milho e ribanceiras onde, no Verão, havia cachos de amoras. O lugar do Paço foi uma escola mais importante do que a das letras. A gente que lá vivia despertou em mim a expectativa pelo extraordinário. Eu ouvia as histórias como se fossem retratos do mundo ainda por descobrir e, naquele trono que era o preguiceiro, minhas tias falavam dos sete pecados mortais como se fossem gente viva e pronta a bater à porta. Não falavam com horror nem consentimento. E eu aprendi assim que não há senão fraquezas e pactos melancólicos com a tentação. Para ver que há beleza no mundo bastava descer até ao tanque, quem vai para a eira, e reparar que nasciam as primeiras túlipas. Bastava ver as ovelhas com os balidos mansos, ao entardecer, ou ver o leite acabado de mungir, tão branco e espumoso como uma bebida espirituosa. Tudo isso me fez escritora, tudo me caiu no coração como um sino de prata que não pára de tinir como se o vento o bulisse.

Vila-Meã em dia de feira, com os ourives, os vendedores de leitões que de tão cor-de-rosa pareciam pintados, era para mim

uma peregrinação, com minha tia adiante segurando o guarda-sol preto e com aquele sorriso que lhe descobria um dente desalcerto. Ela gostava de falar, falava sem parar ao sol de Agosto como se estivesse no parque mais fresco, no bosque de Viena pelo menos. Agora estou a parecer-me com ela, sou capaz de tomar o rumo duma conversa e não o largar, horas a fio. É extraordinário como temos em nós tantas heranças e vamos gastando umas e outras fazendo com que os nossos parentes passem por nós, acenando ao passar.

Nasci, como sabem, numa casa aqui perto. Nasci num domingo, o que é bom presságio. Nos países nórdicos, quem nasce ao domingo será capaz de prever o futuro. Não me agradaria ter esse dom, porque adivinhar não é saber; sobretudo, perde-se a fantasia da curiosidade e da teia romanesca que é matéria do escritor.

A Sibila, essa sim, gostava de ser adivinha. Brincava a prever as coisas, raramente se enganava. Tinha orgulho nessa esperteza que alguns povos desenvolvem com a atenção de observar tudo o que os rodeia. Observam como quem colhe plantas para fazer medicina caseira; a tudo dão importância e tudo é mantido em sigilo que é a chave da persuasão.

Eu sinto grande vaidade na honra que me fazem hoje. Vaidade porque de algum modo a merecia; mas não tanto que me esqueça de devolver à minha terra o que a minha terra me deu – a realidade de que se alimenta a imaginação. Agradeço esta bonita festa e a todos que nela participaram. Que ela nos deixe a todos uma lembrança amável que se perpetuará na história que dela fizemos, mais dia, menos dia. Muito obrigada.

Porto, 30 de Dezembro de 2002.

S O B R E A O R I G E M
D O S T E X T O S

DENTES DE RATO

Obra concluída na cidade do Porto, no dia 9 de Maio de 1983. Não foi possível localizar qualquer manuscrito. Para a fixação do texto, tomámos como referência a 1.^a edição em livro (1987), que não apresenta modificações nas edições subsequentes. Pudemos assinalar a existência das seguintes edições deste texto em Portugal, todas elas com ilustrações de Martim Lapa e a chancela de Guimarães Editores: 1.^a (1987), 2.^a (1990), 3.^a (1991), 4.^a (1993), 5.^a (1993), 6.^a (1995), 7.^a (1996), 8.^a (1997), 9.^a (1997), 10.^a (1998), 11.^a (1999), 12.^a (2000), 13.^a (2001), 14.^a (2002), 15.^a (2003), 16.^a (2005), 17.^a (2007), 18.^a (2008). Esta obra foi ainda publicada no Brasil (*Dentes de Rato*, apresentação de Nelly Novaes Coelho, ilustrações de Renato Izabela, São Paulo, Editora Peiropólis, 2006) e em Espanha (*Dientes de Ratón*, tradução de Eduardo Naval, ilustrações de Araceli Sanz, Madrid, Alfaguara, 1990).

VENTO, AREIA E AMORAS BRAVAS

Obra concluída na cidade do Porto, no mês de Maio de 1990. Para a fixação do texto, seguimos a 1.^a edição em livro (1990) e o manuscrito autógrafo que se conserva nos arquivos da Autora – conjunto completo de 25 folhas numeradas de 1 a 25, papel de formato A4 ou aproximado, as três primeiras em papel timbrado de «Guimarães Editores, Lda.», as seguintes pautadas ou lisas, escritas numa só face, com título [«Vento, areia e amoras bravas (Dentes de Rato II Parte)»] na primeira página e assinatura [Agustina Bessa-Luís] na última; a datação no canto superior direito da 1.^a página [«Agosto de 1990»] parece não ser do punho da Autora e não coincide com a do livro impresso, que terá sido indicada em segundas provas. Foram ainda consultados o dactiloscrito com emendas autógrafas da Autora (48 folhas numeradas) e as primeiras provas paginadas [oriundas da Tipografia Guerra

(Viseu), 63 páginas numeradas, datadas de 31.07.1990]. Podemos assinalar a existência das seguintes edições deste texto em Portugal, ambas com ilustrações de Mónica Baldaque e a chancela de Guimarães Editores (Lisboa): 1.^a (1990) e 2.^a (2007, com diferente arranjo gráfico).

CONTOS AMARANTINOS

Obra concluída na cidade do Porto, no dia 22 de Fevereiro de 1987. Seguimos o dactiloscrito de 7 páginas, com emendas autógrafas, que se conserva nos arquivos da Autora, e consultámos a 3.^a edição em livro (com ilustrações de Manuela Bacelar, Porto, Asa, 1991). Verificámos a existência das seguintes edições deste texto em Portugal: 1.^a (1987), 2.^a (1988), 3.^a (1991). Encontrámos ainda referência a uma 4.^a edição (1992), que não foi possível manusear.

O SOLDADO ROMANO

Obra concluída na cidade do Porto, no mês de Agosto de 2003. Seguimos o texto do ficheiro informático existente nos arquivos da Autora (com 10 páginas na formatação original, iniciado a 11.08.2003 e alterado pela última vez a 13.08.2003); consultámos a 1.^a edição em livro [com ilustrações de Chico (Francisco Cunha), Porto, Ambar, 2004, com reimpressão (2.^a edição) no mesmo ano].

O DOURADO

Obra concluída na cidade do Porto, no dia 20 de Fevereiro de 2005. Seguimos o texto do ficheiro informático existente nos arquivos da Autora [com 11 páginas na formatação original, iniciado a 18.02.2005 e alterado pela última vez a 25.02.2005; no final, a indicação «Porto, Gólgota, 20 de Fev. 2005»]; consultámos ainda a 1.^a edição em livro (com ilustrações de Helena Simas, Lisboa, Minutos de Leitura, 2007).

A MEMÓRIA DE GIZ

Não tendo sido possível localizar qualquer manuscrito ou dactiloscrito, tomámos como referência a 3.^a edição em livro (Lisboa, Contexto, 1994), com um desenho inédito de Agustina Bessa-Luís (na capa) e ilustrações de Maria João Worm. Com a mesma chancela, pudemos assinalar a existência

das seguintes edições deste texto em Portugal: 1.^a (1983), 2.^a (data não determinada). Esta obra foi ainda publicada na Sérvia, em edição promovida pela Missão de Portugal em Sarajevo: *Žizovo Pamčenje*, trad. Sinan Gudžević, ilustrado por Mirza Ibrahimpašić, Jež, 2003.

A LEI DO GRUPO

Não foi possível localizar o manuscrito desta obra. Confrontámos duas versões diferentes do texto existentes nos arquivos da Autora [correspondentes a dois ficheiros informáticos, o primeiro com 41 páginas na formatação original, iniciado a 04.04.2002 e alterado pela última vez a 15.05.2002; e o segundo com 15 páginas na formatação original, iniciado a 09.05.2002 e alterado pela última vez a 14.05.2002] e tomámos como referência a versão mais próxima da publicada na 1.^a edição em livro (Lisboa, Três Sinais Editores, 2002). Consultámos ainda a 2.^a edição em livro (Lisboa, Guerra e Paz, 2007). Estas edições, diferentes no formato e na apresentação, mas ambas com reprodução de imagens fotográficas, foram publicadas sob o título *O Livro de Agustina*, atribuído pelos editores.

A MINHA BIOGRAFIA

Documento autógrafo de Agustina Bessa-Luís, encontrado nos seus arquivos e constituído por uma só página, pautada, com título na 1.^a linha [«A minha biografia»], também na caligrafia da Autora; a redacção interrompe-se na 27.^a linha, na palavra «pequeno». Não apresenta qualquer emenda ou rasura.

COLÓQUIO

Fotocópia de dactiloscrito, com 6 páginas, com indicação «Colóquio», não assinado, datado de 1973 em nota manuscrita no canto superior direito (caligrafia diferente da da Autora).

PARA VILA-MEÃ

Documento autógrafo de Agustina Bessa-Luís, existente nos seus arquivos e constituído por folha de forma irregular, com rasgão, com 26 linhas manuscritas, algumas rasuras, título na 1.^a linha [«Para Vila-Meã»], datado e assinado no final [Agustina Bessa-Luís / Porto, 30 de Dez. 2002].

Na fixação do texto seguimos o correspondente dactiloscrito, que também se conserva nos arquivos da Autora, em duas páginas de formato A4, com rasura manuscrita num único ponto; confrontado com o manuscrito, apresentou ligeiras variantes (resultado de correcções óbvias).

ÍNDICE

<i>Sumário</i>	7
<i>Nota editorial</i>	9

DENTES DE RATO

PARTE I — DENTES DE RATO

Lourença	15
O Colégio Velho	27
O Casamento de Mimosa	31
O Pai	37
Os Condes de Cavaleiros	43
A Cidade	47

PARTE II — VENTO, AREIA E AMORAS BRAVAS

O Dia 17 de Maio	57
Grandes mudanças	65
O Paço	75
Os Casinos	85
O Basilisco	93
Os Barbadinhos	105

CONTOS AMARANTINOS

O Menino Grão-de-Milho	121
As Duas Irmãs Fabianas	127
O João Pequeno	131

TRÊS HISTÓRIAS MAIS

O Soldado Romano	135
O Dourado	145
A Memória de Giz	157

A LEI DO GRUPO

A Família do Paço	171
Meu Pai, o Brasileiro	173
O Avô Teixeira	175
O Tio do Mato	177
A Gente do Douro	181
A Mãe	185
A Póvoa em toda a sua glória	191
O Douro, portanto	197
Os Amigos	211

FRAGMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS

A minha biografia	219
Colóquio	221
Para Vila-Meã	227

<i>Sobre a origem dos textos</i>	229
--	-----



O CHAPÉU DAS FITAS A VOAR

Edição © 2008, Guimarães Editores, SA

Texto © 2008, Agustina Bessa-Luís

Esta edição foi composta em
Adobe Garamond por Rita Lynce
e impressa em papel 80g *Munken Print*
por Tipografia Peres para Guimarães Editores
em Setembro de 2008

Impresso em Portugal

ISBN

978-972-665-528-2

DEPÓSITO LEGAL

281439/08

GUIMARÃES EDITORES, SA
Rua da Misericórdia, 68
1200-273 Lisboa

